

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

O MOMENTO		1
O LITORAL ATLANTICO . .	Miguel Arrojado Lisboa . .	3
ERA NO PARAIZO... . . .	Monteiro Lobato	12
AUTORITARISMO E DESPEJO.	Alberto Rangel	22
COMO SE DEVEM TRATAR OS PROBLEMAS GLOTTOLO- GICOS	Rodrigo Sá Nogueira . . .	28
ARTE DE AMAR	Julio Cesar da Silva . . .	33
MANHÃS DO SUL	Joinville Barcellos . . .	34
RUY BARBOSA	Ildefonso Falcão	35
ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS	José Patricio de Assis . .	36
OS ANDRADAS	A. A. Covello	39
O DIREITO DE VOTO	Villar Belmonte	42
O AMAZONAS	A. D. Mirandeira	51
A MEDICINOPHOBIA DE MO- LIERE	Mucio da Paixão	62
O PROGRESSO DE S. PAULO		95

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,,"

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamnte escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma bôa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

RIO DE JANEIRO, .

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para

construcção, aço e

ferro, anilinas e

outros productos chimicos.

V. S. gosta de leitura?

Peça então o catalogo das edições de MONTEIRO LOBATO & Cia., que, entre outras vantagens, offerece a seguinte :

Quem adquirir um lote de dez obras - receberá duas á escolha, a titulo de bonificação.



Rua Victoria, 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO

COMPREM TODOS OS MEZES

O. MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario : AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Sexta - feira

14 de Setembro

60:000\$000

POR 9\$000

Os bilhetes já estão á
venda em toda a parte.

O maior Sucesso Esportivo

"DICCIONARIO DO FUTEBOL"

Por GUY-GAY

Diz "O ESTADO DE S. PAULO": "Cremos que não existe outro melhor trabalho n' género em lingua portugueza: está destinado a ser o companheiro indispensavel de todos os futebolistas".

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua Victoria, 47 — São Paulo



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXIV

SETEMBRO A DEZEMBRO

DE 1923



MONTEIRO LOBATO & C.

Editores - São Paulo

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

O MOMENTO

QUANDO, em 1918, appareceu o livro de Belisario Penna — “Saneamento do Brasil”, tivemos a sensação de defrontar um livro-chave.

E assim foi.

Esse livro fechou a phase brasileira da mentira systematica em relação á nossa hygidez e abriu o periodo fecundo do combate aos males endemicos.

A opinião agitou-se. O pais fremiu de horror ante o espelho inexoravel que lhe reflectia crúa e núamente o seu estado de lazeira.

Belisario Penna, completando o famoso relatorio da sua viagem com Arthur Neiva, provava nesse livro a tremenda affirmacão de Miguel Pereira, e lançava o axioma novo em que se resumem todos os nossos problemas: sanear o Brasil é povoal-o, é enriquecel-o, é moralizal-o.

E a idéa da salvacão pela hygiene poz-se em marcha. S. Paulo, a União e varios

Estados sahiram da apathia e organizaram o combate aos males endemicos que nos des-soram a raça. E a lucta prosegue, com os desfallecimentos naturaes de um regimen politico sem continuidade de administração.

O problema é, entretanto, vasto demais para que comporte uma solução rapida. A nossa anemia economica e o nosso descalabro financeiro não permittem batalhas cam-paes e sim, apenas, lucta de guerrilhas, escaramu-ças.

Ao lado dessa solução iniciada, uma ou-tra se faz mister: conjugar a instrucção das crianças em "todas as escolas" com o ensino da hygiene rural, feito da maneira mais per-suasiva possivel.

Nas creanças está o futuro e preparal-as para o grande combate é dar alicerces de pe-dra á victoria. Só a escola saneará o Brasil, porque só a escola resolve problemas nacio-naes. A experiencia de todos os povos não se cansa de o demonstrar.

Assim, é de incalculavel alcance o con-vite que o governo paulista fez a Belisario Penna para que viesse organizar em nossas escolas a victoria da hygiene de amanhã.

Escolha felicissima!

Belisario Penna é a paixão feita homem. E' o grande apostolo do saneamento. E' o homem da idéa fixa. E' o homem-força.

Entregue ás suas mãos temos a certeza de que esse ensino, ha tanto reclamado, se fará de maneira efficientissima, assegurando para S. Paulo um futuro infinitamente mais sadio do que o presente.

Benções chovam sobre o apostolo e so-bre os que o trouxeram para cá.



O LITORAL ATLANTICO

Prologo. — Estructura atlantica e pacifica. — Feições varias da costa brasileira. — Tres grandes secções: Oyapoc a S. Roque. — S. Roque ao Espirito Santo. — Estructura tipicamente atlantica do valle do Amazonas. — O estuario. — O regimen irregular das correntes; accções das marés. — Influencias dos climas continentaes. — Modalidades regionaes decorrentes da variabilidade dos factores physicos. — As terras baixas, os furos, a pororóca. — O labyrintho de Breves e os dois regimens hydrographicos: o encontro d'agua e o furo de Tajapará. — O rio Pará é verdadeira bocca do Amazonas. — Marajó e Breves verdadeiro delta. — Como se formam as ilhas de vasa. — A historia do actual estuario.

AS lições proferidas na Faculdade de Sciencias de Paris, no amphiteatro Millu-Roberts, em 1912, resumiram o estado dos nossos conhecimentos scientificos, até aquella época, relativamente ao nosso meio physico. Não foram então publicados porque uma numerosa collecção de estampas e cartas physicas do nosso paiz exigia um trabalho consideravel e dispendioso para impressão e, forçado a empregar a minha actividade em misteres a que me obrigou a profissão, faltou-me o tempo de ultimal-as, até que rebentou a guerra mundial em 1914; fui assim forçado a adiar a sua publicação que espero ainda será feita, posta a sciencia em dia.

Por me parecer que as duas questões mais interessantes, talvez, da nossa physiographia costeira, a do delta do estuario do Amazonas e dos recifes littoraneos, já foram esclarecidas pelas

observações de naturalistas, vae por mais de uma dezena de annos — a solução de uma dellas já anda mesmo pela vintena — sem que tenham tido os respectivos trabalhos a necessaria divulgação (1), penso não ser destituido de interesse a publicação de uma das prelecções referidas relativa ao nosso litoral atlantico.

Já vimos em suas linhas geraes, nas anteriores prelecções, a differença de estructura das partes do continente sul-americano que constituem as terras do Pacifico e do Atlantico.

Ed. Suess mostrou, em uma synthese admiravel, essas grandes differenças de estructura atlantica e pacifica nos differentes continentes do mundo, depois de ter esboçado os contornos de ambos os oceanos. Vós todos conheceis em França a sua grande obra, tão enriquecida de notas bibliographicas na versão franceza feita sob a direcção de Mr. Em. de Margerie. Em suas linhas muito geraes já nos occupamos do assumpto no inicio das prelecções.

A costa brasileira do Atlantico deve naturalmente ter uma feição particular consequente da estructura especial do paiz e tambem do regimen do oceano e dos climas a que está sujeita pela sua situação.

O exame do litoral do Brasil mostra que a linha da costa tem duas direcções predominantes. Ao Norte, do Oyapoc, na divisa da Guyana ao cabo de S. Roque, no Estado do Rio Grande do Norte, ella tem a direcção N/O-SE. Nessa secção ella circumscreve as planicies da depressão amazonica e as terras baixas do Maranhão. Estas continuam, ao longo do litoral para Leste e vão morrer nas extremidades meridionaes das cadeas de levantamento do systema orographico brasileiro do Nordeste.

Do cabo de S. Roque, depois de uma curva atenuada até Pernambuco, a costa recua para Oeste e continua com pequenas inflexões até o Sul do Brasil. E' evidente que em toda essa longa extensão, desde cerca de 4°-30' de latitude no hemispherio Norte até quasi 33°, Sul, o Brasil está sujeito a differenças physicas bastante accentuadas que determinam feições muito diversas á costa, embora conservada a uniformidade da estrutura atlantica no sentido empregado por Suess.

Ao longo da costa, do Oyapoc ao Cabo de S. Roque, as condições physicas no Atlantico mantem-se uniformes, mas, no

(1). — *J. Huber*. — Contribuição á geographia physica dos furos de Breves e da parte occidental de Marajó. — Boletim do Museu Paraense III. — 447-498. Pará. 1901.

— *J. Branner*. — The storie reefs of Brasil, etc. Buletin of the Museum of Comparative Zoology at Harvard Colledge. Vol. XIV. Geological Series, Vol. VII. Cambridge, Mass. May. 1904. (Veja-se resumo nos annaes da Escola de Minas de Ouro-Preto. Vol. 8. 1907. pgs. 207-210.

continente, as terras baixas amazonicas, com um clima muito humido e chuvoso, contrastam com os planaltos e as cadêas de montanhas do Nordeste semi-arido. As differenças physicas se accentuam no Atlantico, á medida que do Cabo de S. Roque se caminha para o Rio da Prata, e tambem no continente varios climas e marcadas differenças estructuraes separam distinctamente varias secções da costa. A costa do Nordeste segue atravez duma serie de bacias e sedimentos cretaceos e terciarios, com enseadas de fundo razo, cheias de recifes de coraes e de arenito que formam portos e circumdam terras em sua maior parte semi-aridas; assim ella contrasta com a secção do Sul do Espirito Santo ao Rio Grande que margea cadêas elevadas, archeanas de abundante precipitação atmospherica; a secção intermediaria do Sul de Pernambuco ao Espirito Santo participa de ambos os regimens.

Costa amazonica. — Do Oyapoc ao Parnahyba o Amazonas imprime á costa uma feição mais caracteristica.

Sedimentos horizontaes, argillo-arenosos, de idade cretacea até a cente, ainda não discriminados convenientemente, cobrem o coche do vasto synclino amazonico de rochas antigas paleosoi-cas, dirigidas no mesmo sentido E. O. do grande rio.

Principalmente no litoral, os sedimentos horizontaes transbordam do synclino sobre uma plataforma archeana com eruptivas tambem antigas, apenas em parte post-archeanas.

Tal é em synthese a estrutura do valle amazonico, estrutura typicamente atlantica no sentido de Suess.

Vejamos agora quaes os factos physicos primordiaes que determinam a physionomia desses differentes segmentos da costa brasileira.

Uma corrente extraordinariamente volumosa, com mais de 80.000,^{m3} por segundo penetra no oceano por mais de 50 milhas, carregando annualmente cerca de 160.000.000 de toneladas de vaza atravez um estuario de 180 milhas de largura: assim desagua o Amazonas no mar.

A impetuosidade da corrente amazonica é tão grande que verga a corrente maritima para o Norte, mas esta acaba dominando e transporta para além do cabo Norte a vaza em suspensão.

Logo ao Sul da embocadura propriamente dita do Amazonas, em face ás ilhas Caviana, Mexiana e Marajó, as correntes maritimas parecem presentemente lambar a costa, continuando uma singular erosão que alguns consideram ser a continuação de uma acção persistente, que vem destruindo o verdadeiro delta amazonico desde 300 milhas mar a dentro, além da embocadura actual.

Um phenomeno muito interessante tem lugar na embocadura do rio e elle mostra como é complicado o regimen da corrente fluvial em um estuario em consequencia de causas perturbadoras externas. Na estação das aguas, quando o rio tem o seu maior volume os ventos de N. E. sopram com grande velocidade sobre a embocadura e impelem sobre elle o mar, e assim fica impedido o livre escoamento da corrente fluvial. O mar então fica mais alto que a corrente do rio e assim augmenta a vastidão das inundações. E' por essa razão que no tempo das grandes aguas fluviaes, de Janeiro a Maio, a maré de enchente tem uma velocidade muito maior que a maré de vasante; nas aguas baixas do rio é o contrario que se dá.

Nessa parte da costa, entre o Oyapoc e o Cabo de S. Roque, os ventos dominantes são os geraes de Leste, que formam uma corrente maritima para Oeste, com a velocidade de 2 a 4 milhas por hora. A Leste do estuario do Amazonas, o regimen dos ventos em toda a duração do anno é mais estavel, do que a Oeste, onde nos mezes de verão, como acabamos de ver, sopra tambem o N. E.

A grande amplitude das marés, sujeitas a anomalias e irregularidades notaveis, oriundas da velocidade e força do vento, da maior ou menor abundancia das chuvas e das consequentes alterações das correntes, tem uma parte notavel na constituição physionomica da costa do Norte. Entre o Maranhão e o estuario do Amazonas inclusive, ellas são regulares seguindo a lei geral das marés de seis horas. Acima, porém, até o cabo Norte, as influencias acima referidas perturbam o regimen normal. Na bocca do Amazonas, a 4 milhas da costa e fóra das influencias locais a amplitude da maré é de 4,20 nas aguas vivas e 3 nas aguas mortas. Na ilha de Maracá ao N. do cabo Norte, no extremo estuario, chega-se a observar 10 — dez — metros de subida dagua nas grandes marés do equinoxio, com uma velocidade maxima de 7 — sete — nós. No entanto, a differença entre as marés baixas de aguas vivas e as de aguas mortas raramente passa de 2,60. No Carsevene a altura da maré attinge 7 — sete — metros nas aguas vivas, attingindo, nas duas primeiras horas de enchente mais de $\frac{2}{3}$ — dois terços — da altura total. Já no Cassiporé a altura da maré é de 2 — dois — a 3 — tres — metros. Ella sobe em $4\frac{1}{2}$ horas com velocidade de $3\frac{1}{2}$ nós e vasa em $7\frac{1}{2}$ — sete e meia — horas.

Para o Sul, até S. Luiz do Maranhão, as marés de marcha regular se fazem sentir até 20 milhas da costa e em S. Luiz attingem 5,90 — cinco metros e noventa centimetros — nas aguas vivas e 3 — tres — nas aguas mortas.

Eu consigno esses dados, não para dar um exemplo pouco latino de meticulosidade excessiva, mas simplesmente para mos-

trar com algarismos, que facilmente ferem a imaginação, as grandes diferenças e irregularidades das marés nesse segmento da costa.

A acção das marés, comquanto restricta a uma superficie muito limitada, exerce uma notavel influencia não só no relevo da costa, mas, principalmente, na vida das populações e isso tambem justifica o maior desenvolvimento dado ao assumpto.

Em toda a costa do Norte, do cabo de S. Roque ao Oyapoc, não ha portos. Os rios têm as suas boccas dirigidas para N. E. sempre obstruidas por bancos de areia que tornam o accesso muito difficil. Fortaleza tem o seu porto em uma bahia aberta. A bahia de S. Luiz está completamente cheia de bancos de areia que afloram na maré baixa e se prolongam 5 — cinco — milhas para fóra, ao Norte, e algumas milhas a Oeste.

E' justamente no cabo de S. Roque que se bifurca a grande corrente oceanica equatorial. Um ramo acompanha a costa do Norte em direcção ao mar das Antilhas, ao passo que outro segue para o Sul.

A corrente do Norte só a vinte milhas de terra é que deixa de soffrer a influencia dos ventos, das marés e do relevo da costa. Essa corrente tem a sua velocidade maxima, cerca de duas milhas por hora a 100 — cem — milhas ao largo; a velocidade minima será de metade.

A uma pequena distancia de terra a corrente equatorial não se faz sentir; na estação dos ventos variaveis o contorno da costa facilita a formação de contra-correntes. Este facto é muito conhecido dos navegantes de cabotagem; elles sabem que todas as vezes que o vento chega de N. E. ou E. N. E. forma-se ao longo da costa uma corrente E. S. E.

Um outro traço physico importante é o maior desenvolvimento da plataforma continental submarina do cabo de S. Roque para o Norte, o que determina um mar pouco profundo, até muitas leguas ao largo, principalmente entre o Maranhão e o Oyapoc.

A linha de fundo de 30 metros passa nos pontos extremos a e milhas da costa respectivamente. Até o seu limite a declividade da plataforma submarina é de um metro por milha. Depois cae bruscamente formando uma escarpa submarina de oitenta — 80 — a cem — 100 — metros.

Nenhum factor physico tem talvez maior influencia, na alteração physionomia da costa, do que o clima do continente que determina o regimen dos rios que nella desaguam. Essa costa do Norte apresenta dois aspectos distinctos, consequentes do clima amazonico ou do semi-arido.

Aqui dá-se um singular contraste da natureza. Uma região de chuvas abundantes, de grandes mattas pluviaes, com o mais rico systema hydrographico do mundo, onde todos os rios têm regimen caudaloso, confina, em passagem quasi brusca, com uma terra semi-arida, de chuvas escassas e principalmente irregulares, com rios que só correm dois ou tres mezes por anno, que ás vezes passam annos sem formar corrente.

Nessa costa do Norte affluem o rio mais caudaloso do mundo, o Amazonas, e tambem o rio *não perenne* de mais vasta bacia conhecida, o Jaguaribe, no Ceará.

Taes são os factores physicos primordiaes que se combinam com maior ou menor intensidade para dar differentes modalidades regionaes que vamos esboçar e explicar.

Ao Norte do Amazonas o litoral é sempre baixo, inundado, brejoso. Do mar só a meia duzia de milhas é perceptivel a costa. A vasa amazonica, levada pelas correntes para o Norte, deposita-se além do cabo desse nome augmentando os bancos nas embocaduras dos pequenos rios guyanезes. Com a grande altura das marés, com frequencia o mar quebra fortemente nos bancos de vasa e torna difficil a navegação de cabotagem. Os cabos avançam submersos em compridos bancos vazosos, mar a dentro. Esses bancos, nas embocaduras dos rios, ficam cobertos de mangaes corpulentos, que occupam posições symetricas á direcção dos ventos e correntes formando paizagens originaes e instaveis. O mangue cresce rapidamente no inverno e no verão é frequentemente arrancado pelas correntes violentas, que tornam certos bancos de vasa movediços. Este mangue tem um papel muito importante na formação da costa como mais adiante veremos.

A passagem da linha extrema da costa para o que nós chamamos no Amazonas a terra firme, que é o chão secco drenado que limita o mangue ou os pantanos, não se faz sem uma larga faixa de transição.

Um dos traços physiographicos mais interessantes da costa do Norte é essa immensidade de canaes estabelecendo ligações anormaes entre cursos dagua a distancias do mar; é o resultado da grande altura das marés ao longo de uma costa muito baixa, de rios muito correntosos, de aguas que refluem diariamente até centenas de kilometros para o interior. E' o paiz dos mangues e dos furos. Mouchez não poude verter para o francez a palavra e introduziu ou conservou na lingua esse neologismo.

Uma occorrença notavel na embocadura do Amazonas é a ilha de Marajó que separa-se da terra firme a S. O. por infinidade de canaes e ilhas, um verdadeiro labyrintho, conhecido pelo nome de Furos de Breves.

A ilha de Marajó é geralmente referida como ilha de terra

firme, ou de estrutura continental. Essa noção é falsa. Ella deve ser considerada como verdadeira ilha alluvial. Desse facto decorre uma conclusão importante sobre o ponto de vista geographico e que vem a ser o devermos considerar a existencia real de um grande delta no estuario do Amazonas.

Foi Agassiz, quem examinando superficialmente a ilha de Marajó considerou-a como de estrutura continental. Hartt reconheceu o engano e mostrou que os sedimentos de terra firme em Marajó, apenas assignalados na costa de S. E. eram depositos locais discontinuos.

O Dr. J. Huber, do Museu Goeldi do Pará, effectuou um interessante estudo, cerca de dez annos atraz, na região de Breves, com o fim de reconhecer o regimen das correntes, a natureza e idade das ilhas. Graças a elle ficou perfeitamente estabelecido que as aguas do Amazonas correm permanentemente para o rio Pará atravez dos furos de Breves. As ilhas ahi são alluviaes e tambem em parte a de Marajó; ainda mais, é certo que o mar já penetrou até as proximidades da região de Breves, em tempo geologico recente.

O assumpto offerece bastante interesse para ser analysado em detalhe.

A impetuosidade da corrente amazonica não permite que a agua salgada penetre nos estuarios e assim os effeitos da maré se traduzem pelos fluxos e refluxos das correntes dos rios. Em toda a extensão do estuario do Pará, diz o Dr. Huber, "a feição hydrographica mais importante parece ser o facto de que a maré provoca correntezas contrarias e não como na bocca do Amazonas, simplesmente uma represa mais ou menos forte. A parte meridional dos furos está sob a influencia do systema hydrographico do estuario do Pará; a porção septentrional é dependente do regimen fluvial do Amazonas. A particularidade da região dos furos reside nesta dependencia dos dois systemas hydrographicos de caracter differente. O amazonense percebeu o phenomeno." "A zona onde essas duas influencias se neutralizam é conhecida por *"encontro d'agua"*.

As communicações principaes do Amazonas com o estuario do Pará se fazem pelos tres furos de Tajapurú, Jaburú e Macacos. O dr. Huber demonstrou que no furo de Tajapurú a corrente é sempre do Amazonas para o Pará, embora na enchente ella se caracterise principalmente pela elevação do nivel d'agua. E' por essa razão que os habitantes do Tajapurú dizem que elle não tem *encontro d'agua*. O Dr. Huber calcula que o Amazonas despeja no rio Pará, por esse furo, em uma vasante, pelo menos 60.000.000 de metros cubicos d'agua.

Isso está de accordo com as presumpções de Martius, do Principe Alberto, de Hartt e de Coudreau. Fica tambem refutada

a opinião de La Condamine, Bates, Wallace e do Barão de Marajó.

A opinião já emittida por Hartt de que o rio Pará é uma das embocaduras do Amazonas e de que o Tocantins é um dos seus affluentes, é a que deve ser acceita pelos geographos.

A communicação feita hoje pelos Furos de Breves era antigamente mais aberta. Um largo braço do Amazonas passava nessa região levando ao rio Pará muito maior massa d'agua. O Dr. Huber demonstrou, com effeito, que as ilhas contornadas pelos Furos são constituídas de argillas plasticas ricas de humus e outros detricitos organicos recentes. Na argilla de Aramá, elle encontrou, a O. de Marajó, a nove metros de profundidade, esqueletos de certas Dyatomaceas, como *Coscinodiscus* e *Triceratium*, que só se encontram na agua francamente salobra da costa do Pará. Fragmentos de radicella de *Panicum amplexicaule* indicam, quer pela abundancia e perfeita conservação, quer porque essa planta só cresce á beira d'agua, que locaes muito afastados dos actuaes canaes foram anteriormente margens de um furo.

Pelos conhecimentos hoje adquiridos deve-se suppor que a ilha de Marajó é uma ilha de vasa sustentada por pequenas ilhas, muito mais antigas, de terra firme, que marcam os pontos iniciaes das deposições vasosas. O rio Amazonas, no inicio da sua formação, e por muito tempo mais, corria em grandes canaes para o estuario do Pará, antes que os furos de Breves tivessem a actual conformação. A observação do Dr. Huber prova tambem que a formação das ilhas vasosas, pelo menos e das que se encostam a Marajó a S. O., teve inicio senão no mar, pelo menos nos limites da agua salgada; o mar pois já esteve anteriormente pela altura do furo de Breves.

E' um caso muito semelhante ao do Nilo, cuja delta tambem se apoia em antigas ilhas rochosas, com a differença que aqui, no Brasil, a natureza opera com forças formidavelmente mais poderosas.

Toda a costa do Brasil tem soffrido oscillações, depressões e elevações, nos ultimos tempos geologicos, a partir do plioceno. O recuo do mar, que já esteve na actual posição do rio Aramá, e o actual gastamento da ilha de Marajó pelas correntes do oceano, provam, com evidencia, que, tambem ahi, na bocca do Amazonas, houve movimentos lentos de depressão e elevação.

No Amazonas houve, pois, um verdadeiro delta que já está em grande parte destruido em consequencia de uma recente elevação da costa.

O Dr. Huber estudou em todos os detalhes a formação das ilhas do estuario e mostrou não só a influencia notavel da vege-

tação, mas ainda, a admirável regularidade na marcha do respectivo processo.

Nos milhares de ilhas estão representados todos os estados successivos das suas formações.

Inicia-se com um banco de areia submerso em um remanso. Depois transforma-se em deposito de vasa emmergindo nas marés baixas. Sementes fluctuantes ajuntam-se então ahi; logo cobre-se de aninga (*Montrichardia arborescens*), Schott ou de aturiá (*Drepanocarpus lunatus*, Meyer), que são plantas de grande facilidade de expansão. Assim formam-se os *aningaes* a *aturiaes*. Apparece então o mangue (*Rizophora Mangle* L.) que ainda mais facilita o deposito vasoso. A alta copa central do mangue e a faixa baixa da aninga ou do aturiá lembram um chapéo de abas largas fluctuando emborcado no estuario. Depois apparecem no meio do mangal as plantas características das varzeas, as palmeiras assahy e o mirity. Estas rechassam agora o mangue. Quebra-se a regularidade do perfil da cobertura vegetal. Então se estabelece com a vegetação característica das varzeas amazonicas, a promiscuidade dos portes das plantas, desde o das gigantescas sumaumeiras (*Ceiba pentandra*, Gaer) até o de finos arbustos. Está formada a ilha. Si ella ainda crescer lateralmente a faixa de mangal a assignalará.

A explicação, pois, da actual feição do estuario do Amazonas, mais de accordo com a recente observação dos factos, deve ser como segue. Os actuaes estuarios, o do Norte e o do Sul, formavam uma vasta bahia onde o mar penetrava ou pelo menos onde as aguas se misturavam e eram salobras. Essa bahia pôde ter-se formado em consequencia de um movimento de depressão pliocenico, contemporaneo com o da costa oriental. A terra firme foi então desnudada, formando-se as pequenas ilhas cujos vestigios são reconheciveis em alguns pontos da costa S. E. de Marajó e em outros logares. Não existiam nesse tempo a actual ilha de Marajó nem as que lhe ficam ao S. e S. O. Na grande bahia as aguas se espalhavam sem a violencia da corrente de hoje. Aquellas pequenas ilhas de terra firme marcam os pontos de inicio dos primeiros depositos de vasa ou da obstrucção da bocca do rio. Na região de Breves passava então uma larga corrente do rio principal para o estuario do Pará.

MIGUEL ARROJADO LISBOA.



ERA NO PARAISO...

... e Deus estava contente. Tinha creado a luz, as estrellas, o ar, a agua e por fim creou a Vida, semeando-a sob milhares de aspectos por cima da terra fresquinha e nua. E esfervilhou de viventes o orbe, aqui bacteria e mastodonte, alli musgo e baobá, além cráca e baleia — a summa variedade de formas dentro da perfeita unidade de plano.

E Deus, que achara aquillo bom, deliberou consolidar sua obra de vida, *per secula seculorum*, com o invento da Fome e do Amor, dois appetites tremendos, engastados no amago das creaturas á guisa de motu-contínuo da Perpetuação. E cofiando a immensa barba branca, velha como o Tempo, lançou a senha magica que tudo move e tudo explica :

— Comei-vos uns aos outros e, nos intervallos, amai !

Em seguida elaborou para a regencia da animalidade o Codigo da Sabedoria Ingenita.

Não deu esse nome ao Codigo, visto como, no começo, não existindo homem, não existiam nomes.

“Não existindo homem?...”

Sim, o homem não estava nos planos do Creador. Esta revelação mirifica, que ainda ha-de roer pelos alicerces as caducas verdades officiaes e talvez me conquiste o premio Nobel, está ansiosinha por me fugir da penna. Que vá, que revôe, que se espoje no espirito do leitor. Adeus!...

Não era escripto esse codigo. Lei escripta vale por pura invenção humana, donde a rapidez com que envelhecem os codigos humanos e as humanas leis. Escrever é fixar e fixar é matar. Perpetuo movimento, a vida é infixa.

Entretanto, se o não escreveu, foi além Jehovah: impregnou com elle cada uma das creaturas recém-formadas, de modo que ao nascer já viessem ricas da sabedoria infusa e agissem automaticamente de accordo com os immutaveis preceitos da lei natural.

Este saber sem aprender receberia do homem o nome de Intuição, assim como o Código Ingenito o nome de Instincto. Os futuros homens se caracterizariam pelo vezo de dar nomes ás coisas, gosando-se da fama de sabios os que com maior entono e mais pomposamente as nomeassem.

Grande doutor, o que tomasse o pulso a um doente, lhe espiasse a lingua saburrosa e gravibundo dissesse, tirando do nariz solenne os oculos de ouro: *polyneurite metabolica*; e grande mestre, o que apontasse o dedo para um grupo de estrellas e declarasse em voz firme: *constellação do Centauro*. Doença e estrellas, com ou sem nome, lá seguiriam seu curso prefixo — mas nada de louvores ao medico que apenas dissesse: *doença*, ou ao mestre que humilde murmurasse: *astros*. Paga ou louvor não os teria o ignorante, isto é, o homem que não soubesse nomes. Viva o nome!

Assim inoculou Deus em todos os seres a sabedoria da vida, e pol-os no orbe como notas chromaticas de um "pot-pourri" symphonico, de cuja audição integral sómente os seus ouvidos gosariam o privilegio.

E Deus achou que estava optimo.

Grandes coisas tinha feito. A gravitação dos mundos era entrozagem que mais tarde derrubaria o queixo a Newton — mas não passava de mechanica pura.

A concepção do ether, da luz e do calor assombrosas invenções eram — mas mechanica fria.

O bonito fôra a criação da Vida, porque, obra d'arte das mais authenticas, só ella dava medida completa dos immensos recursos do seu alto engenho.

Quanta afinação no tumulto apparente! A bacteria ás voltas com o mastodonte, o musgo em symbiose com o baobá, a craca aparasitada á baleia... Vida em vida, vida devorando a vida, vida se sobrepondo a vida, vida creando vida... O perpetuo resoar dos uivos de colera, berros de dor, guinchos de alegria, gemidos de goso sonorizando o perpetuo agitar-se das fórmulas — vôo de ave, arranque de tigre, colleio de serpe, rabanar de peixe, tocaiar de saurio...

Tão pittoresca lhe sahiu a opera "Vida", que o Summo Estheta a elegeu para recreio de sua Eterna Displicencia. E, debruçado na amplidão, as longas barbas dispersas ao vento, o contemplativo Jehovah antecipou a figura do sabio que, no fundo dos laboratorios, dorme a scismar em cima do microscopio.

Diferença unica: Jehovah era macroscopista.

Ora pois, certo dia de estuporante mormaço, um casal de chimpanzés dormitava beatificamente no esgalho de enorme embaúva. Digeriam as bananas comidas e sonhavam, risonhos, as bananas da manhã seguinte.

Eram chimpanzés como todos os mais, sabios, da sabedoria inculcada pelo Eterno, e bem comportadinhas notas da opera paradisiaca.

Mas Eolo suspirou no seu antro e um forte pé de vento deu, que vascollejou com frenesi a arvore e fez o chimpanzé macho, perdido o equilibrio, precipitar-se de ponta-cabeça ao chão.

Seria aquillo um tombo como qualquer outro, sem consequencias funestas, se a malicia da serpente não collocasse ao pé da embaúva uma grande lage, na qual bateu o côco do infeliz desarvorado.

Perdeu os sentidos o macaco, e a macaca, presa de grande afflicção, pulou incontinenti a soccorrel-o. Rodou-lhe em torno aos guinchos, soprou-lhe nos olhos, amimou-o, beliscou-lhe as carnes insensiveis e, por fim, convencida de que estava bem morto, deu de hombros, já com a idéa na escolha de quem lhe consolasse a viuvez.

Mas não morrera o raio do chimpanzé. Minutos depois entreabriu os olhos, piscou sete vezes e levou as mãos á fonte, significando que lhe doia.

Neste comenos funga no juncal proximo um tigre. Desde o Paraíso que os tigres "adoram" os macacos, como desde o Paraíso que os macacos arrenegam dos tigres. Em virtude de tal divergencia, a fungadela felina valeu por 'frasco de amoniaco nas ventas do contuso. Poz-se de pé, inda tonto, e ajudado da companheira, marinhou embaúva acima, rumo ao galho de pouso, onde, a bom recato, pudesse distrahir a dor de cabeça com a linda scena que é um tigre faminto em caça de bicho... que não seja chimpanzé.

Desde essa quéda desastrada nunca mais funcionou normalmente o cerebro do pobre macaco. Doiam-lhe os miolos, e elle se queixava de vágados e de estranho mal-estar.

E' que soffrera uma seriissima lesão.

Digo isto porque sou homem, e sei dar nomes aos bois; homem ignorante, porém, não vou mais longe, nem ponho nome grego á lesão. Affirmo apenas que o era, certo de que m'o entendem os meus incontaveis collegas em ignorancia nomenclativa.

Lesão grave, gravissima, e de resultados imprevisiveis á mesma presciencia de Jehovah!

A Biblia já tratou deste assumpto, de modo figurado, todavia, fugindo de tomar a Quêda ao pé da letra. Moysés, redactor do Genesis, tinha velleidades poeticas — mas não previra Darwin, nem a força do premio Nobel como aureo pae de grandes descobertas. Moysés poetizou. Fez um Adão, uma Eva, uma serpente e um pomo, que certos exegetas declararam ser a maçã e outros a banana. Compoz assim uma peça com a méstria consciente de Poe ao carpintear “O Corvo”, mas sem deixar como Poe um estudo da psychologia da composição, onde demonstrasse que fez aquillo por $a+b$ e com bem estudada pontaria. E foi pena! Quanto papel, tinta e sangue tal esclarecimento não pouparia á humanidade, sempre rixenta na interpretação dos textos!

Vem d’ahi que é o Genesis uma peça de fina psychologia, e por igual penetrante nas cabeças duras e nas dos Pascaes, permeabilissimas; o que lhe escasseia é accordo com a verdade dos factos. Essa verdade, mais preciosa que o diamante Cullinan, eu a achei sob o montão de cascalho das hypotheses e sem nenhum alarde aqui a estampo de graça. Já é ser generoso! Tenho nas unhas a verdade das verdades e não requeiro do Congresso um premio de cinquenta contos! Contento-me com um apenas — com este pobre conto...

O nosso macaco, a partir da quêda, entrou a mudar de genio. Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreoccupação e deu de elaborar uns monstrengozinhos informes, aos quaes, com algum esforço, caberia o nome de idéas.

Vacillava, elle que nunca vacillara e agira sempre com os soberbos impetos do automatismo. Entre duas bananas pateteava na escolha, tomado de incomprehensiveis indecisões e, por vezes, perdeu a ambas, illudido por mônos de bóte prompto, que nem vacillavam, nem escolhiam.

Para galgar de um ramo a outro calculava agora não só a distancia como a força do salto — e errava, elle que antes da lesão nunca errara pulo.

Até em suas relações sentimentaes com a velha companheira, o chimpanzé variou. Ganho de malsãs curiosidades, examinava as outras macacas do bando, comparava-as á sua e emittia suspiros profundos. E foi assim que começou na terra o peccado de desejar a macaca do proximo...

Como tambem claudicasse na escolha das frutas, comeu diversas improprias á alimentação simia, e d’ahi provieram as primeiras perturbações gastro-intestinaes — enterites, colites, desynterias ou o que seja — obervadas na hygidez do Paraíso.

Quando iam aguias pelo céu, punha-se elle a contemplar seus harmoniosos vôos, com vagos anseios nas tripas e muito desejo n'alma de ser aguia. Era a inveja nascente, má cuscuta que vicejaria luxuriantemente em sua execravel descendencia. Invejou as aves que dormiam em ninho fofo e os animaes que moravam em boas tócas de pedra. Abandonou o viver em arvore, prescripto aos da sua laia pelo Codigo Ingenito, e deu de andar sobre a terra, de pé nas patas trazeiras, com as deanteiras — futuras mãos, occupadas em construir ninho, como os via fazer ás perdizes ou tócas, como as tem o tatú.

E sempre nervoso e inquieto, e descontente com a ordem de coisas estabelecida no Eden, imaginava mudanças e “melhoramentos”. E variava, e tresvariava, e malucava, arrastando consigo a pobre companheira que, sem nada comprehender de tudo aquillo, em tudo o imitava passivamente, docil e meiga.

Aconteceu o que tinha de acontecer. A admiravel disciplina reinante no Eden viu-se logo perturbada pelo estranho proceder do macaco e queixas repetidas voaram até Jehovah.

Zangado com a nota desafinadora de sua musica divina, ordenou elle a Gabriel que puzesse no olho da rua o sostenido anarchico.

Até este ponto vae certo Moysés. Onde começa a fazer poesia é daqui para diante. De facto, Jehovah ordenou a expulsão do rebelde e S. Gabriel deu para executal-a os primeiros passos. A curiosidade, porém, que dizem feminina mas aqui se vê que é divina, fez o Creador reconsiderar.

— Suspende, Gabriel! Estou curioso de ver até que extremos irá o desarranjo mental do meu macaco.

Era Gabriel o Hagenbeck daquelle jardim zoologico e, graças ao convivio com o Eterno, adquirira alguma coisa da sua divina presciencia. Assim foi que objectou:

— Vossa Eternidade me perdôe, mas se lá deixamos o trapalhão: aquillo vira em “humanidade”.

— Sei disso, retorquiu o Soberano Senhor de Todas as Coisas. A lesão do cerebro do meu macaco põe-no á margem da minha lei natural e fal-o-á discrepar da harmonia estabelecida. Nascerá nelle uma doença que seus descendentes, cheios de orgulho, chamarão intelligencia — e que, ai delles, lhes será funestissima. Esse mal, oriundo da quêda, transmittir-se-á de paes a filhos — mas só aos filhos machos, nota bem! — e crescerá sempre, e influirá de maneira terrivel sobre a terra, modificando-lhe a superficie de maneira muito curiosa. E elles ter-se-ão na conta de creaturas privilegiadas, entes á parte no universo, e olharão com des-

prezo para o restante da animalidade. E será assim que até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *homo sapiens*...

— ?!

— Sim. Elles nomear-se-ão *homo sapiens*, apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e á minha imagem e semelhança.

— !!!

— Os demais chimpanzés permanecerão como eu os creei; só o ramo agora a iniciar-se com a prole do lesado é que se destina a soffrer a differenciação morbida, cuja resultante será cahir o governo da terra nas unhas de um bicho que não previ.

— !!!

— Essa intelligencia se caracterizará pela ansia de ver-me atravez das coisas, e para que bem a comprehendas, Gabriel, te direi que será como asas sem ave, luz sem sol, dedos sem pés...

Gabriel não comprehendeu coisa nenhuma da longa definição de Jehovah, e como succederia o mesmo com os meus leitores, interrompo-a nos dedos sem pés. Até ahi inda a percepção era possivel, mas no ponto em que Jehovah lhe assignalou a essencia ultima, nem Einstein pescaria um *x*.

Vendo o ar aparvalhado de Gabriel, o Creador pulou da metaphysica abaixo e falou physicamente.

— Essa intelligencia apurará aos extremos a crueldade, a astucia e a estupidez. Por meio da astucia se farão elles engenhosos, porque o engenho não passa de astucia applicada á mechanica. E á força de engenho, submetterão todos os outros animaes e edificarão cidades, e esfuracarão montanhas, e rasgarão isthmos, destruirão florestas, captarão fluidos ambientes, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra...

Gabriel estremeceu. Apavorou-o a força futura da intelligencia nascente, mas Jehovah sorriu, e quando Jehovah sorria Gabriel serenava.

— Nada receies. Essa intelligencia terá alguns attributos da minha, como o carvão os tem do diamante, mas estará para a minha como o carvão está para o diamante. A fraqueza della provirá da sua jaça de origem. Intelligencia sem memoria, intelligencia de chimpanzé, o homem *esquecerá* sempre. Esquecerá o que ensinei aos seus precursores pelludos e esquecerá de colher a boa lição da experiencia nova.

E como esquecerá, reincidirá; e como reincidirá, perpetuará na terra os seus males sem conta.

Seu engenho creará engenhosissimas armas de alto poder destructivo — mas empolgados pelo odio elles se estraçalharão

uns aos outros, em nome de patrias, em luctas sanguinosas que chamarão guerras, vestidos macacalmente, ao som de musicas, tambores e cornetas — esquecidos de que eu não creei nem odio, nem tambor, nem patria.

E transporão mares, e perfurarão montes, e voarão pelo espaço, e rodarão sobre trilhos na vertigem louca de vencer as distancias e chegar depressa — esquecidos de que eu não creei a pressa nem o trilho.

E viverão em guerra aberta com os animaes, escravizando-os e matando-os pelo puro prazer de matar — esquecidos de que eu não creei o prazer de matar por matar.

E inventarão alphabetos e linguas numerosas, e disputarão sem treguas sobre grammatica, e quantas mais linguas e grammaticas possuirem, menos se entenderão. E se entenderão de tal modo imperfeito, que acclamarão o messias do entendimento geral, um dr. Zamenhof...

— Já sei! Um que proporá a suppressão das linguas. Jehovah sorriu.

— Não! Apenas o creador de mais uma...

E elaborarão sciencias, e excogitarão toda a mechanica das coisas, adivinhando o atomo e o planeta invisivel, e saberão tudo — menos o segredo da vida.

E um Pascal, muito cotado entre elles, dará murros na cabeça na tortura de comprehender os *xx* ultimos — e os homens admirarão grandemente esses murros.

E crearão artes numerosas, e terão summos artistas e jamais alcançarão a unica arte que implantei no Eden — a arte de ser biologicamente feliz.

E organizarão o parasitismo na propria especie, e se enfeitarão de vicios e virtudes, tão anti-naturaes uns como outras. E inventarão o Orgulho, a Avareza, a Má-fé, a Hypocrisia, a Gula, a Luxuria, o Patriotismo, o Sentimentalismo, o Philanthropismo, a Collocação dos Pronomes — esquecidos de que eu não creei nada disso e só E' o que eu creei.

E em virtude de taes e taes macacalidades, a intelligencia do homem não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida, em contraste com os outros seres, que os terão a todos resolvidos de maneira felicissima.

Não saberá comer, e ao lado das minhas abelhas, de tão sabio regimen alimentar — sabio porque por mim prescripto — o homem morrerá de fome ou de indigestão, ou definhará achacoso em consequencia de erros ou vicios bromatologicos.

Não saberá morar, e ao lado das minhas aranhas, tão felizes na casa que lhes ensinei, habitarão em ascorosas espeluncas sem

luz, onde nem o ar, este elemento que envolve tudo, elle o terá fresco e puro.

Não resolverá o problema da vida em sociedade, e experimentará mil soluções, errando em todas. E revoluções tremendas os agitarão de espaço em espaço, no desespero de destruir o parasitismo creado pela intelligencia — e as novas formas de equilibrio victoriosas se firmarão com os mesmos vícios das formas destruidas. E o homem olhará com inveja para os meus animaezinhos gregarios, que são felizes, porque seguem minha lei sapientissima.

E não solverá o problema do governo e, mais formas de governo invente, mais soffrerá sob ellas — esquecido de que não creei governo. E creará o Estado, monstro de maxillas leoninas, por meio do qual a minoria astuta parasitará cruelmente á custa da maioria estúpida. E afim de manter nedio e forte esse monstro, os sabios escreverão livros, os mathematicos organizarão estatisticas, os generaes armarão exercitos, os juizes erguerão cadafalsos, os estadistas estabelecerão fronteiras, os pedagogos atizarão a idéa de patria, os reis deflagrarão guerras tremendas, e os poetas cantarão os heróes da chacina para que jamais a guerra cesse de ser uma permanente.

Queres ver ao vivo, Gabriel, o que vae ser a chimpanzénização do mundo? Córre essa cortina do futuro e espia um momento da humanidade.

Gabriel correu a cortina e espiou. E viu sobre a crosta da terra uma poeira movediça. Em conjuncto e de longe era isso apenas — poeira movediça. Mas, ansioso de detalhes, Gabriel macroscopou e viu uma dolorosa caravana de chimpanzés peludos, em marcha para o desconhecido.

Miseravel rebanho! Uns grandes, outros pequenos; estes louros, aquelles negrissimos — nada que recordasse a perfeição somatica dos outros viventes, tão iguaezinhos dentro do typo de cada especie. Que feia variedade! Ao lado do hercules o torto, o cãpanga, o cambaio, o corcovado, o corcunda, o rachitico, o tropego, o careteante, o zanaga, o zarolho, o careca, o manco, o cégo, o tonto, o surdo, o espingolado, o maniaco... Caricaturas moveis, com os mais grotescos disparates nas feições, era impossivel apanhar-lhes de prompto o typo *standard*. E Gabriel evocou mentalmente a linda coisa que é um desfile de abelhas ou pinguins, onde não apparece um só individuo que destoe do padrão commum.

Da manada humana subia um rumor confuso. Gabriel desencerou os ouvidos e poudo distinguir sons ineditos para elle: tosse, espirros, escarradelas, fungos, borborigmas, ronqueira asthmatica, gemidos nevralgicos, ralhos, palavrões de insulto, blasphemias,

gargalhadas, guinchos de inveja, rilhar de dentes, bufos de colera, gritos hystericos...

Depois observou que á frente das multidões caminhavam seres de escol, semi-deuses lantejoulantes, vestidos phantasiosamente, pingentados de crystaezinhos embutidos em engastes metallicos, com pennas de aves na cabeça, e cordões, e fitas, e crachás, e mis-sangas...

— Quem são?

— Os chefes, os magnatas, os reis — os conductores de povos. Conduzem-nos... não sabem para onde.

E viu, entremeio da multidão, homens armados, tangendo a triste récua a golpes de espadagão ou vergalho. E viu uns homens de toga negra que liam papeis e davam sentenças, fazendo pendurar de forcas miseraveis creaturas, e a outras cortar a cabeça, e a outras lançar em ergastulos para o apodrecimento em vida. E viu homens a cavallo, carnavalescamente vestidos, empennachados de plumas, que arregimentavam as massas, armavam-nas e atiravam-nas umas contra as outras. E viu que depois de tremenda carnificina um partido abandonava o campo em desordem, e o outro atolado em sangue e em carne gemebunda, cantava a victoria, num delirio orgiaco, ao som de musicas marciaes. E viu que os homens de pennacho, organizadores das chacinas, eram tidos em conta elevadissima. Todos os applaudiam, delirantes, e os carregavam em charolas de apothese. E viu que a multidão caminhava sempre inquieta e em guarda, porque o irmão roubava o irmão, e o filho matava o pae, e o amigo enganava o amigo, e todos se maldiziam, e se calumniavam, e se detestavam, e jamais se comprehendiam...

Horrorizado, Gabriel cerrou a cortina e disse ao Creador:

— Se vae ser assim, cortemos pela raiz tanto mal vindouro. Um chimpanzé a menos no Paraíso e estará evitado o desastre.

— Não! respondeu o Creador. Tenho um rival, o Acaso. Elle creou o homem provocando a lesão do macaco, e quero agora ver até que extremos se desenvolverá essa creatura aberrante e alheia aos meus planos.

Gabriel piscou por uns momentos (quatorze vezes ao certo), desnorteado pela expressão "quero ver..." que jamais ouvira dos labios do Senhor. Haveria porventura algo fechado ou obscuro á sua presciencia?

E Gabriel ousou interpellar Jehovah:

— Não sois, então, Senhor, a Presciencia Absoluta?

Jehovah franziu os sobrolhos terriveis e murmurou apenas:

— Eu Sou, e se Sou, Sou tambem O que se não interpella.

Gabriel encolheu-se, como fulminado pelo raio, e sumiu-se da presença do Eterno com pretexto de umas voltas ao Eden.

Linda tarde! O sol moribundo chapeava debruns de cobre nos gigantescos samambaiussús, a cuja sombra dormiam megatherios de focinhos mettidos entre as patorras.

As archeopterix desageitadonas chocavam na areia seus ovos grandes como melancias.

Um urso das cavernas catava os piolhos da companheira com a minuciosa attenção dum entomologo apaixonado, e de longe vi-nham urros de estegosaurios perseguidos por motucões venenosos.

Ao fundo dum valle de avencas, viçosas como bambús, dois labyrinthodontes se amavam em silencioso e pacato idyllio, e não longe um leão fulvo comia a carne fumegante da gazella recém-abatida.

Aves gorgeavam amores nos ramos; serpes monstruosas magnetizavam monstruosas rãs; flores carnivoras abriam corolas-goé-las para a apanha de animaezinhos incautos.

Paz. Paz absoluta. Felicidade absoluta. A Vida comia a Vida e a Vida amava para que se não extinguisse a Vida, tudo rigorosamente de accordo com as senhas divinas.

Só Adão discrepava, piscando os olhinhos vivos, como a ruminar certa idéa.

Gabriel parou perto d'elle e deixou-se ficar a observá-lo. Viu que Adão, de olhos ferrados numa tóca de onça, *pensava*: — Ella sae e eu entro, e fecho a porta com uma pedra, e a casa fica sendo minha...

Ao fundo dum valle de avencas, viçosas como bambús, dois não o comprehenderia nunca — mas admirava-o, imitava-o e obedecia-lhe passivamente.

Nisto a onça deixou o antro e foi tocaiar uma veadinha.

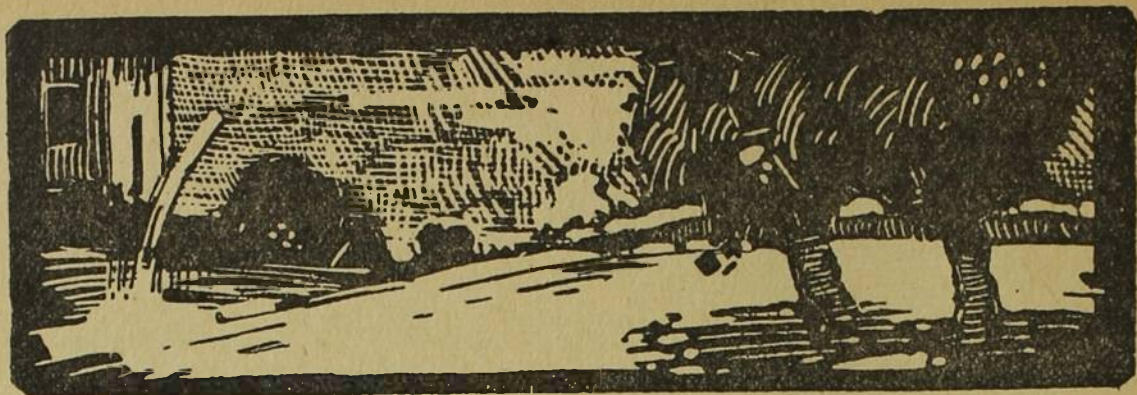
— Acompanha-me! disse Adão á companheira, e ambos se precipitaram para dentro da casa da onça, cuja porta fecharam com uma grande pedra roliça. E ficaram *donos*.

Gabriel, que acompanhara toda a maranha, accendeu um cigarro enrolado em papyrus, bafou para o céu tres fumaças e disse comsigo:

— Elle já é intelligencia. Ella não passa de imitação. E' logico: só elle foi lesado no cerebro; mas vão ver que Eva, a instinctiva, acabará bancando a *lesada*...

E o primeiro diffamador da mulher foi jogar sua partida de gamão com o Todo Poderoso.

MONTEIRO LOBATO



AUTORITARISMO E DESPEJO

A transferência da côrte luzitana ao Rio de Janeiro encontrou uma cidade que não lhe cabia. E as primeiras medidas de instalação, que obrigaram á evacuação forçada dos melhores predios para aboletar os recémvindos, indica as dificuldades da hospedagem d'esse mundo de nobres, funcionarios e cortezãos, atirados de roldão pelas ultimas lufadas do tufão napoleônico á metropole onde imperavam o desconforto e o atraso, e a qual Maler em 1818 tratava de *"la plus incommode des Villes"*.

Inscreveram-se, então, á porta de certas residencias cariocas, adredeamente escolhidas, duas maiusculas de horror: — S. R. (Serviço Real). Fôra como se o anjo da peste inscrevesse aqui e ali, á entrada dos lares de melhor aspecto, as suas intimações de sobresalto e despejo.

A rareza da propriedade immobiliaria, deante a invasão de pancada d'esses extranhos e transmarinos, não devia mudar durante todo o tempo da estada de D. João VI na sua capital improvisada. Os progressos materiaes, por essa época, não tinham ainda força de adaptar com presteza as velhas condições da antiga aldeia ás exigencias de um accrescimo de população habituada ao luxo, sequiosa de commodidades e accorrida num abrir de alçapão sobre a metropole americana somnolenta e pêca.

Demais, o estabelecimento da Côrte ao pé do Corcovado era um accidente da historia européa. Ficariam Suas Majestades e seu bando de talaveiras para sempre no Novo Mundo, fixados na reviravolta do destino que os lançára numa rajada de panico entre a Gambôa e os mangues de São Diogo? A sua natural instabilidade de acampados e fugitivos não era de molde a incitar a industria das construcções, já bastantes a timidez e caturrice da indole geral para não provocarem nesse sentido as iniciativas do publico.

Maler affirmava, no entretanto, que de 1808 e 1818 se haviam construido no Rio de Janeiro cento e cinquenta casas e estabelecido seiscentas chacaras. Mas, no começo do seu officio de 2 de Outubro de 1818 elle desembaraçadamente regista: *"Dans le monde des désagremens de tout espèce qu'on a essuyer en cette residence il faut mettre en première ligne la difficulté de se loger."* O numero de setecentas e cinquenta habitações, novas, no decurso de dez annos, não haviam bastado as necessidades progressivas de então. Esse dado estatístico é umas das preciosidades

peculiares ao amontoado d'esses relatos, assim uma folheta de ouro se salva na piçarra sem valor do leito das grupiarias...

Mas, voltando ao assumpto que nos occupa. Foi desde 1814 a 16 de Novembro de 1823 Ministro de França no Brasil João Baptista Maler, que um tanto innocentemente, conforme sua propria confissão, se apossara do titulo le Coronel por que assim fôra tratado pelo *Moniteur*, quando lhe outorgaram a cruz de São Luiz. O engano da gazeta official lhe arrumara seis galões *pour du bon*. Andara elle ao serviço de Portugal, até que se installara no Rio de Janeiro nas suas funcções de representante do governo de Luiz XVIII junto ao senhor D. João VI.

Vivia em companhia de quatro irmans mandadas vir opportunamente de Lisbôa. Gozava esse agente diplomatico de certa intimidade da familia real, que sempre o recebia com a maior distincção e carinho; honrando-o o velho e ronhento monarcha com suas observações nas longas palestras em que publicavam os *hein! hein!* de seu cacoethe de raposão real, dissimulado e astuto conhecedor dos homens e das cousas...

A habitação de Maler que o marquês de Aguiar ajudára a obter, fôra-lhe alugada por setecentos mil reis annuaes e ficava a duas milhas do centro e em lugar são e agradável. Para adaptal-a á hospedagem das irmans fizera elle uns dez mil francos de concertos e augmentos no edificio. Rodeara-o outrosim de jardins e pomares, tendo feito desenhar expressamente os canteiros por um antigo empregado no palacio de Malmaison. O capricho do francês ajuntara no horto para seu gozo numerosas plantas indigenas e exoticas, da paraense arvore do corvo ao perseo pecegueiro. Seria o inquilino indemnizado das despezas que houvera feito com esses melhoramentos por descontos successivos nos quarteis do aluguel a vencer.

Em pleno usufructo do sitio de seu agrado, por uma manhan de 1.º de Setembro de 1818, quem lhe haveria de bater á porta, açodado e circumspecto, no cumprimento de uma delicadeza e inesperada missão? O marquês de Valada, Mordomo mór de D. Carlota Joaquina. Vinha o "toma-larguras" communicar ao coronel Maler, que a Rainha desejava mudar-se para a sua casa, pois assim o exigia o medico da camara real. Maler curvando-se em quatro observou que se fosse sozinho teria o maior empenho em ceder o lugar, mas que sobrecarregado de suas quatro irmans, onde abrigal-as de modo commodo e decente, desde que o obrigassem a mudar de tecto? E logo lembrou o Plenipotenciario que não recusaria transferir-se mesmo ao centro da cidade que detestava, desde que encontrasse algum predio nas disposições que reclamava. E solícito o Coronel lembrou ao Marquês a moradia de um gentil homem da Córte nas vizinhanças do Jardim Publico. Difficil seria que o homenzinho cedesse a sua residencia a quem quer que fosse e nesse caso seria elle Maler que aproveitaria do embirramento do fidalgo e proprietario. Na sua complacencia e maxima gentileza de quem está por tudo o Ministro desdobrava-se num matreiro de chapa...

Entretanto o Rei ao saber das manobras da mulher na tentação de desalojar Maler do seu domicilio, desapprovou-a redondamente. Verifica-o o proprio francês, oheio de reconhecimento pela attitude do benevolo e esculpulo monarcha.

Tudo se passara com effeito segundo o asisado Maler. O gentil homem da casa proposta obstinara-se em não satisfazer aos desejos de sua soberana.

No dia 4 de Setembro renova o tal Valada a sua visita ao residente estrangeiro para lhe communicar haver descoberto duas casas em condições de servir-lhe. Maler no entretanto não acceitou a proposta de nenhuma. A nelles aboletar-se preferiria fazer embarcar as irmans na "Julie", que estava a sahir para o Havre de Grâce.

A' tarde de 14 seguinte recebe Maler uma carta do Ajudante de Campo da Rainha, annunciando-lhe haver sido comprado pela ama o predio em questão, sendo que d'elle necessitava sem mais demora. Propunha-lhe em troca, d'essa vez, a habitação do fallecido conde de Linhares. Esta além do mais ficava num bairro detestavel e fóra de mão. Não lhe prestava pois a indicação. E o diplomata fulo de raiva mal contida, por saber que a venda não tinha sido realizada, como lhe era affirmado, corre ao general da Rainha. Expor-lhe-ia o caso que tanto o desagradava, mas refreando os coleras de seu desgosto numa calma de refinada educação elle acabou theatralmente por declarar ao official, num supra summo de polidez e de acato: "dites a S. M. que Née Bourbon et assise sur le trone de Portugal rien en ce monde ne peut rien ajouter aux sentimens de respect qu'elle m'inspire." E accrescenta o desafojado: "et je suis rentré chez moi", dando arrhas aos extremos de sua continencia e veneração á tarasca.

A 17 de Setembro recebe Maler a comunicação de que a casa do Jardim Publico estava inteiramente á sua disposição por oitocentos mil reis annuaes. Fóra o Rei que interviera, obtendo afinal essa decisão de abalo ao primitivo proposito do seu teimoso gentil homem.

Na vespera assignara-se effectivamente a escriptura da venda da casa onde se hospedava Maler á senhora D. Carlota pelo exagerado preço de trinta e nove contos de reis, que a tanto montou o custo d'esse capricho real. O seu inquilino não tinha senão que encher as malas e degradingolar com as mobílias. O fidalgo recalcitrante do Jardim Publico levou oito dias a mudar-se. A's sete horas da tarde do dia 24 de Setembro chegavam as chaves ás mãos de Maler. Antes das nove horas este enviava as da sua requestrada residencia á senhora D. Carlota. Em menos de duas horas effectuara-se a trasladação dos penates do Ministro e locatario. Os pretos da mudança castigaram-no d'essa precipitação cavalheirosa, pondo-lhe em cacos o mobiliario. Mas, pela manhan seguinte já a megéra real, a D. Carlota, enlevada entre os alegretes, e arvores da nova chacara, despachava o Mordomo mór para agradecer ao francez pelos cuidados com que até á ultima hora cercara as plantações com que se regalava.

Ao publico e á côrte não escaparam o tacto e o desejo de comprazer do coronel Maler. Do outro sacrificado na transacção, o fidalgo do Jardim Publico, não se lhe sabe o pensamento, nem o grau das queixas e despeito. Do diplomata ficou registado por elle mesmo neste trecho incisivo o cavalheirismo innato, a civilidade radiada da cultura victoriosa na tradição de seu grande povo: "*Au reste si j'ay montré quelque fermeté en refusant des logemens qui n'étoient pas du tout conformes aux promesses et aux premières stipulations, je n'ay pas mis de bornes à la délicatesse de tous mes autres procédés*" ne pouvant perdre de vue que j'avais l'honneur de traiter avec une souveraine, et si cette délicatesse ne m'étoit imperieusement commandée par mes fonctions publiques en cette cour, j'ose avancer que je l'eusse trouvée dans mes propres sentimens."

Ensaïemos expôr agora outro facto do mesmo genero, acontecido com o filho mais velho de D. Carlota Joaquina, esse nosso D. Pedro I, em cuja alma se transfundiram tantos peccados da herança d'essa mulher, sobre-carregada por sua vez das taras de uma raça florida na intriga, na tyrannia e no fanatismo dos Borbões.

Excessivamente irrequeto e andejo de seu feitio costumava passeiar D. Pedro pelos suburbios da capital do Imperio. Cavalgatas á Tijuca, excursões ao Corcovado eram-lhe communs, attribuindo-lhe mesmo numa d'essas volteadas a descoberta de uma fonte de aguas ferreas á qual mandara captar e rodear de um gradil de ferro.

Das vezes que frequentava Botafogo não lhe passara desapercibida a propriedade do barão de Villa Nova, então occupada pelo Ministro d'In-

glatterra Sir Roberto Gordon e a qual deveria ser mais tarde o palacete Abrantes. Alli se aboletara o diplomata britannico, procurando refrigerio ao clima torrido e arejar a melancolia e acridez do humor a que as nevoas londrinas parecia ter imposto para sempre as suas sombras gelidas e diffusas. Gordon afeiçoara o predio ás suas exigencias de super civilizado, contando nelle passar os dias que lhe fossem dados nessas latitudes de fogo tropical e lusa insipidez.

Demorara-se o solenne e rispido inglês a assignar o contracto de cinco annos que estabelecera com o proprietario e pelo qual este se comprometteria a não vender a casa durante o tempo que durasse o respectivo aluguel. Mas D. Pedro nos seus assomos de grande volante e porfiado caçador do que lhe interessava resolveu, a exemplo de D. Carlota, adquirir por compra o predio que hospedava o Ministro britannico, pensando aproveitá-lo para uma estação de banhos á D. Paula Marianna e D. Maria da Gloria, sendo que a primeira se achava justamente em convalescença de grave molesia.

O Imperador no cultivo de seu desejo de grangeio chegou a visitar o jardim do predio, pelo que Gordon suspeitoso d'essa curiosidade correu ao procurador da Villa Nova a subscrever a escriptura do aluguel. Qual não seria o seu desapontamento quando então soube haver sido a sua casa alienada ao Imperador! O inglês, devastado pelos vapores de sua nostalgia e orgulho de bretão, desesperou-se reflectindo na maneira pela qual fôra sacrificado nesse negocio, além das inconveniencias de mudar-se d'aquelle delicioso refugio e renovar a aventura de correr mundo, buscando alojar-se onde seriam raras as habitações que lhe poderiam convir á importancia e gosto de portentoso excentrico e exilado.

E Gordon perdendo a calma, essa ponderação que se costuma attribuir duplamente á natureza fleugmatica peculiar aos ilhéos e saxões e ás exigencias da pragmatica, escreveu ao marquês de Maceió, depois que este lhe communicara a desagradavel noticia da transferencia do proprietario: "que elle não sahiria de sua casa, e que si o Imperador violava a seu respeito o direito das gentes, despejando-o pela força, elle se refugiaria num navio inglês, até que podesse voltar para o seu paiz". A dar credito a Gabriac, o diplomata perdera com effeito as estribeiras ante o dogma imperativo e nada hospitaleiro do "porta da rua serventia da casa"!

Naturalmente D. Pedro veseiro nas manifestações de seu amor proprio offendido não deixou a colera esfriar para responder ás inconveniencias do alto representante. Não praticara elle nas altercações com o embaixador Carlos Stuart esses passes de dize-tu-direi-eu que lhe ferviam no sangue de ardido, vário e desabusado individuo? Na primeira occasião devia com o destempero e a salacia de seu costume objurgar ás furias do Gordon; e, de tal modo, que não faltou logo quem levasse ao britannico o imperial desabrimento.

Resolveu então o inglês para derimir o seu caso de expoliado pela suprema vontade de D. Pedro pedir a este uma audiencia. O que se passou nessa occasião e deveria desandar numa arenga deverá constar com certa minucia da correspondencia archivada no *Record Office*, se a do barão de Mareschal, de sua parte, não ajudar a esclarecer a extraordinaria pendenga.

Contaram a Gabriac que nesse encontro dos dous pleiteantes foram postas de lado todas as questões de direito ou formulece juridica, ficando assentado o facto da questão achar-se num pé tal de publicidade que não seria mais possivel ao Imperador ceder em favor do plenipotenciario, pela desmoralisação que isso acarreteria ao soberano brasileiro.

Referiu Gordon a Gabriac que na discussão entabulada com o Imperador esse lhe dissera: "Se, logo após a venda, me tivesse offerecido sahir, pedindo-me apenas o prazo para procurar outra casa, ter-lhe-ia deixado um vagar indefinido. Mas, contestou-me os direitos. Desde então uma luta se empenhou entre o senhor e eu, e é preciso se veja, quanto antes, que

levo a melhor; pretende por acaso que seja eu (dobrando os joelhos) que me ajoelhe ante o senhor?" Os termos d'esses periodos, que nos arrojam a traduzir, deixam suppôr o tom geral da entrefalla.

Capitulando, Gordon obteve só sahir do predio em Março seguinte.

Março chegou, porém, e o Ministro Gordon viu prolongar-se até 1.º de Abril o prazo concedido á sua mudança, o que não obistou a que o Imperador seguidamente apostasse em como o seu locatario não partiria da casa apezar da palavra dada nesse sentido. Mas "*voulant neanmoins témoigner de l'honneur*" diz Gabriac, resolvera a rançoso britannico passar fóra da cidade de 25 de Dezembro a 9 de janeiro, época durante a qual haveria quatro recepções de gala na côrte, amuo de uma criança em tão empinada e grave personagem!

Ao representante inglêz constou que o austriaco barão de Mareschal dera ao Imperador toda a razão, pelo que se notou que ao se encontrarem ambos os diplomatas no beija mão da duquesa de Goiaz nenhum d'elles dirigira a palavra ao outro. A frieza dos dous Ministros hade se reflectir nas respectivas correspondencias, que esclarecerão o incidente, respigadas, por quem possa ter a fortuna de confrontal-as.

Por esse tempo ainda não se houvera resolvido a successão portuguesa. Sabia o marquês de Gabriac que Roberto Gordon aguardava as instrucções da Inglaterra afim de consummar-se a separação politica dos dous paizes, que o tratado de 1825 deixara em suspenso, não prevendo a situação quando fosse da morte de D. João VI. Gordon respondera ao francês que de facto as esperava e, sangrando-se na veia da saude, que não havia deixado de insistir nessa questão. E Gabriac accrescenta em Janeiro de 1828: "En effect il a tellemen sollicité cette mesure á tout propos, que je sais que lorsque l'Empereur a voulu l'obliger á lui ceder sa maison, Mr. Gordon, par maniere de transaction, a proposé de partir immédiatement pour l'Angleterre si on le mettait dans le cas d'y apporter la nouvelle de la séparation." Por onde se vê que alta politica, mesmo tratada por um britannico, não é sempre alheia a certos interessezinhos dos mais particulares... O locatario da casa de Botafogo iria verdadeiramente um pouco longe, pondo na balança da Independencia do Brasil o seu inquilinato!

Em fins de Março Gordon, apezar de tudo, imprecara ao Imperador para que se lhe dilatasse ainda o prazo da mudança. Devia chegar nessa época ao Rio de Janeiro e ahi permanecer uns quinze dias, de passagem para a India, *lord* e *lady* William Bentink. Interessava-se Gordon como lhe cumpria hospedar os elevados patricios. Mas o rogo do Plenipotenciario "*été fort durement repoussé*" pelo imperial senhor, encorajado nas suas tamarcas de incompaciente senhorio. Um ataque de bilis, aliás bem comprehensivo, impediria, porém, o bretão de deixar o predio.

A 4 de Abril, relata Gabriac, Gordon evacuara entretanto a casa do Imperador. "Pour justifier son manque de parole, il dit, que vu l'état de sa santé, en sortant plus-tôt, il serait mort."

Aguardaria inubilmente o pertinaz britannico a resolução do litigio das presas no Prata e a assignatura de paz com Buenos Aires. "Assez chagriné d'humeur" informe Gabriac, partiu elle, transferido para a côrte de Madrid na corveta *The Blossom* a 4 de Agosto de 1828.

Nos episodios que aqui deixamos inscriptos em linhas mal doubadas, e foram recolhidos na preciosa Correspondencia de Portugal e Brasil, archivada no Ministerio de Extrangeiros de França, ha alguma cousa mais que dous simples e saborosos casos de escandalo, inhospitalidade e retruque. O capricho do par de soberanos voluntarios e disputantes e a differença de character, por assim dizer nacional, dos dous plenipotenciarios affrontados na sua inviolabilidade suggerem todo um capitulo de concludente psychologia.

Nessa contradansa de personagens de côrte, o francês foi o unico a manter a sua linha de correcção e dignidade. Não se limitou a esse facil exercicio de *mercis* e de *pardons* gratuitos e pouco custosos a que seus compatriotas reduzem muitas vezes o codigo de sua boas maneiras. A sua polidez, foi perfeita, isto é, exprimiu-se nesse formalismo de bom toque com que o homem eleva os seus resentimentos ás alturas do que deve ser descontado e esquecido em preito á superioridade de si mesmo. Lavrou um tento de verdadeira e summa cortezia o coronel Maler. O presumpçoso inglês e o bragança malcriado, esses por um pouco mais andariam ás patadas um no outro.

ALBERTO RANGEL.





COMO SE DEVEM TRATAR OS PROBLEMAS GLOTOLÓGICOS

NO principio do século XIX, na mais culta e mais douta de entre as mais cultas e mais doughtas nações do mundo inteiro, na assombrosa Allemanha, o génio da raça soltou o brado de protesto contra o servilismo literário e artístico que com a Renascença abastardava os talentos e, consequentemente, as suas produções.

Cansados já de tanto lutar; manietados durante cerca de três séculos por modelos rígidos e sempre os mesmos, os outros países, mal ouviram os primeiros gritos de insurreição, sequiosamente secundaram o movimento que se havia iniciado no centro universal das sciências humanas.

Na Allemanha vemos Goethe e Schiller, Lessing e Wieland, os irmãos Grimm e Uhland, Schlegel, Noval, Tieck e Schelling; na Inglaterra Byron e Walter Scott; na França Chateaubriand e a Senhora de Staël, Victor Hugo, Lamartine, Vigny, Alexandre Dumas, Balzac e outros; em Espanha o Duque de Rivas e Espronceda; em Portugal Garret, Herculano e Castilho.

Foram estes, além de outros, que demoliram as velhas instituições; foram estes que pegaram, torceram e quebraram o tenaz grilhão que durante tanto tempo lhes havia impedido os movimentos.

Liberdade! bradaram todos.

E no entretanto o decreto da libertação era reproduzido e cantado como se fora um hino de glória.

Victor Hugo exclamava: "Lancemos o martelo ás teorias, ás poéticas, aos sistemas. Abaixo o velho estuque que mascara a fachada da Arte! Não há regras, nem modelos, além das leis gerais da natureza, que plana sobre toda a arte, e além das leis especiaes que, para cada composição, derivam das condições próprias a cada assunto." (Ap. M. dos Remédios. Hist. da Lit. Port.).

Estava sepultado o Classicismo, enquanto surgia o Romantismo. Estava extincta a escravidão, enquanto nascia a liberdade.

Tão sublime ideal, porém, não logrou bafejar todos os ramos da literatura: um houve que, provavelmente pelo seu estado ainda quasi que

rudimentar naquele tempo, a glotologia, pequeno ou nenhum influxo recebeu.

Tão pequeno foi, se não nenhum, que hoje se pode afirmar que sob certos aspectos a glotologia no que diz respeito á syntaxe se encontra em pleno classicismo, em pleno servilismo.

Em consequência disto não se pensa em resolver qualquer problema de syntaxe sem que primeiro se inquiria de qual tenha sido a prática de Fernão Lopes, de Camões, Bernardes, Vieira, Filinto, Herculano, Garrett, Castilho,...

Tal sistema, porém, é inadmissível: não pode ser tomado a sério, porque não é científico.

A lingua não é producto do capricho de clássicos. A lingua é um fenómeno natural, é um organismo com a sua vida e as suas leis.

Conhecer estas leis e delas deduzir doutrinas lógicas, que sirvam de norma na solução de problemas linguisticos, é que é a missão do glotólogo. E' nisto que consiste o verdadeiro sistema científico de tratar questões glotológicas.

O fazer listas de abonação, de citações de clássicos, com os nomes das obras, volumes e páginas, só serve para testemunhar a erudição de quem as faz. Para mais nada.

Querer que a prática dos clássicos seja o juiz em questões de glotologia, é pretender um absurdo: é pretender que os clássicos tenham sido infalíveis; é pretender que todos elles tivessem tido as mesmas opiniões; é pretender que a sciência glotológica tenha sido contemporanea dos mesmos clássicos, ou que a sciencia glotológica não seja uma sciência, mas aquilo que muito bem apetece aos clássicos.

Os problemas linguisticos não podem, pois, ser resolvidos dêste modo. Em tal assunto só nos poderá servir de base a lógica gramatical e a história da lingua. O testemunho dos clássicos, bem como dos não clássicos, só póde servir de auxiliar para corroborar ou não as conclusões tiradas pela applicação da lógica e da história.

* * *

Até aqui disse o que penso sôbre o sistema geralmente adoptado para resolver os problemas de linguagem. Vou agora passar á demonstração, por meio de factos, do desvalor daquelle sistema.

Com o fim de refutar uma grande parte das doutrinas expostas pelo Sr. Dr. Candido de Figueiredo em vários volumes, o falecido escriptor brasileiro Heraclito Graça publicou em 1904, no Rio de Janeiro, um trabalho de 468 páginas, intitulado "Factos de linguagem", e com o sub-titulo "Esboço crítico de alguns assertos do Sr. Candido de Figueiredo".

O referido trabalho é um vivo documento da vasta erudição do seu autor, e satisfaz plenamente os seus designios, atenta a unidade de critérios dos dois autores, quanto á maneira por que se devem resolver os problemas de linguagem.

Para mim, porem, que professo um criterio absolutamente diferente, o livro de Heraclito Graça tem apenas um mérito: não obstante pouco ou nada resolver dos problemas que nele se contem, é como o disse já, um testemunho irrefutável da alta erudição do seu autor.

De todos os pontos que ali são tratados, alguns há que mais me feriram a atenção; mas como não pretendo criticar aquella obra, vou apenas analisar alguns dos mesmos pontos, que se coadunem com os fins dêste artigo.

Mas, antes de entrar na análise dos referidos pontos, seja-me permitido fazer um rápido exame ao critério seguido por aqueles dois filólogos em matéria desta natureza.

Quem ler os trabalhos do Sr. Candido de Figueiredo observará, logo nas primeiras páginas, que o fundamento em que S. Ex.^a se estriba para

afirmar que tal ou tal dição é correcta, é o exemplo dêste ou daquele clássico.

Igual critério é adoptado por Heraclito Graça, pois que, para refutar as doutrinas do Sr. Candido de Figueiredo, aduz sempre também grande cópia de abonações.

Mas êste processo de resolver os problemas da linguagem é, a meu ver, extremamente falível, pois que admitir a sua proficuidade é admitir um absurdo: é admitir a infalibilidade dos tais clássicos.

Camões, Vieira, Bernardes, Filinto, Herculano, Castilho, e muitos outros, não nos podem servir de modelo incondicional.

Se é certo que os podemos reputar grandes mestres, não os podemos considerar sábios sem falhas.

Por mais que saibamos, sempre nos fica mais por saber; por mais conscienciosos que sejamos, nem sempre a inconsciencia nos deixa.

Por isto, por maior que seja a autoridade daqueles clássicos nunca os poderemos considerar perfeitos. Além disto muitos viveram em épocas muito afastadas, e outros apenas viram no bêrço a moderníssima sciência filológica.

Os próprios filólogos de hoje, não é em quaisquer circumstancias que os podemos invocar: ás vezes redondamente não sabem; outras distraidamente empregam nos seus escritos êrros de palmatória; outros, por um falso criterio, repudiam certa forma correcta para adoptarem uma errada; outros, finalmente, por condescendencia com a maioria adoptam formas erradas em substituição das correctas.

Os problemas de linguagem, portanto, não se podem resolver assim.

A linguagem é um fenómeno natural e, por consequência, o seu estudo é uma sciencia com todas as suas características. Ela está subordinada a leis, tem lógica e tem vida. E' preciso, pois, que a tratemos como quem é.

O único critério, que se pode considerar perfeito para a resolução dos problemas de linguagem, é a *lógica auxiliada pela história da lingua*.

O modo de pensar do Sr. Dr. Candido de Figueiredo em tais assuntos está resumido no seguinte periodo por êle escrito na página 232, t. 3 das Liç. prát., e no Jornal do Comércio de 20 de Maio de 1890, periodo que foi transcrito por Heraclito Graça para a página 137 dos seus "Factos de Linguagem", a fim de corroborar a existência de um comum critério:

"Antes da gramática já existia a linguagem, a gramática não ensina a falar, a linguagem é que ensina a gramática; aos gramáticos sómente cabe deduzir da prática dos escritores régras exactas e completas da linguagem e metodizá-las:..."

Mas isto não é assim. Se a única missão do gramático fosse deduzir regras, deprimente passaria a ser o seu papel entre os homens de sciencia.

Por outro lado, conhecida a mutabilidade constante das linguas, mormente quando são os clássicos que ditam as leis e não os gramáticos; conhecida a pouca sciencia filológica da maioria dos escritores e muitos outros defeitos que lhes são inherentes, é um absurdo pretender "deduzir da prática dos (mesmos) escritores *regras exactas e completas*..."

Se fôssemos a guiar-nos sómente pelo que dizem os escritores, as regras desapareceriam, deixariam de existir *exactas e completas*.

Com effeito, antes da gramática já existia a linguagem, mas a missão do gramático é que é outra bem diferente da que lhe atribui o Sr. Dr. Candido de Figueiredo, e, concordando com êle, o ilustre escriptor brasileiro.

A missão do gramático é mais nobre e dá maiores responsabilidades. Compete-lhe:

1.º — deduzir da prática dos bons e maus escritores*, não regras exactas e completas, mas elementos que possam servir para formular regras exactas e completas;

2.º — encontrados os elementos necessários, coordená-los com lógica e formular as regras;

3.º — dar fôrça de lei áquelas regras e com elas zelar pela pureza da lingua.

Vejamos agora alguns exemplos extraídos do citado trabalho de Heraclito Graça, e analisemo-los.

FOI UM DOS QUE

Para decidir se é ou não correcta a expressão "F... foi um dos que fez...", depois de citar uma enorme lista de exemplos de vários autores, como Fernão Lopes, Azurara, Barros, etc., termina por dizer:

"São muito fálhas as gramáticas da lingua portugueza no tocante á syntaxe do relativo *que*. Não há remédio senão recorrer á gramática das linguas irmãs sôbre a syntaxe do relativo correspondente ao nosso *que*. Seja a franceza."

E transcreve em seguida regras expostas por Ayer, Littré, Lavisso et Fleury.

Sem curar de verificar se efectivamente as nossas gramáticas são escassas ou não, o que para êste efeito reputo assunto de segunda plana, não acho suficientemente provado o asserto de Heraclito Graça pelas seguintes razões:

1.ª — O ser admissivel certa construcção em francês não é razão bastante para que consideremos admissivel em português a construcção correspondente. Em francês, por exemplo, passa por ser correctíssima a expressão "je n'ai rien de bon", mas em português é um erro imperdoável dizer-se "não tenho nada *de* bom", pois que os *prenomes* (preposições) só se devem empregar antes de *nomes* (substantivos), e nunca antes de *adnomes* (adjectivos);

2.ª) — Se os tais gramáticos franceses resolvem as questões da lingua francesa pelo mesmo processo de "êste, aquelle e aqueloutro disseram", de nada valem, para os nossos problemas, as soluções dadas por êles.

Mas deixemos isto e analisemos á luz da lógica a expressão "Foi um dos que fez", ou, antes, a citada por Heraclito Graça, extraída de Ayer: "a astronomia é uma das *sciências que faz* mais ou *que fazem* mais honra ao espirito humano."

Temos naquele exemplo duas orações: 1.ª "a astronomia é uma das sciências"; 2.ª "que faz mais honra ao espirito humano".

O sujeito da segunda oração é o relativo *que*, que, segundo Ayer e Heraclito Graça, se refere a *astronomia*, levando por isso o verbo (*faz*) no singular.

Admitindo que isto é assim, pergunto eu agora: onde se deverá arrumar, ou, antes, como se completará o sentido de "uma das sciências"?

Sendo verdadeira aquella doutrina podemos alterar a ordem da frase, intercalando a oração relativa dêste modo: "a astronomia, que faz mais honra ao espirito humano, é uma das sciências".

Parece ao leitor que isto assim está bem?

(*) — Digo bons e maus escritores, porque os chamados bons muitas vezes cometem erros, e os chamados maus muitas vezes dizem verdades. No caso contrário a gramatica deixaria de ser uma compilação das regras que se devem seguir para falar correctamente uma lingua, para ser uma compilação dos modos de dizer de meia dúzia de clássicos.

Não está, não. O pronome relativo *que* não pode estar a concordar com *astronomia*, mas sim com *sciência*.

FAZER COM QUE

Após outra longa série de citações, para mim absolutamente inúteis, em tais circumstancias, o mesmo autor aduz a seguinte conclusão:

"*Fazer com que* e *fazer que* são meros tipos sintáxicos, divergentes na forma e equivalentes no sentido, como o são *convencer-se de que* e *convencer-se que*, — *admirar-se de que* e *admirar-se que*, — *persuadir-se de que* e *persuadir-se que*, — *lembrar-se de que* e *lembrar-se que*, etc."

E um pouco mais adiante diz:

"Ficou manifesto que são legítimas tanto a locução conjuntiva — *com que*, como a locução conjuntiva — *de que*,...".

Os tais tipos sintáxicos, se em certos casos são dignos de consideração, em outro não o são. Iríamos ao infinito com tal processo, e os maiores disparates passariam a ser português de lei por serem tipos sintáxicos.

Temos de examinar aquelles problemas a outra luz. Já analisei cada uma daquelas construções apontadas pelo erudito escritor brasileiro, e devo acrescentar que é bom frisar que não tem a minima comparação as duas expressões "*convencer-se de que*" e "*fazer com que*": o verbo *convencer-se* construi-se com *de*, ao passo que *fazer* não pede *com*.

Por outro lado dos dois tipos sintáxicos "*convencer-se de que*" e "*convencer-se que*" o segundo é errado.

A expressão "*fazer com que*" é errada, não porque êste ou aquele clássico a não emprega, como quer o Sr. Dr. Candido de Figueiredo, mas porque a lógica gramatical a não justifica.

Vejamos:

O verbo *fazer*, sendo transitivo, pede um complemento directo.

Ora o complemento directo é um nome ou uma expressão nominal (ou substantiva) que se liga directamente ao verbo, *sem prenome* (preposição).

No exemplo "*êle fez que eu estudasse a questão*" há duas orações: 1.^a "*êle fez*"; 2.^a "*que eu estudasse a questão*".

A segunda destas orações é integrante da primeira e serve-lhe de complemento directo; e, como ficou dito atrás, êste não pode ser precedido do *prenome*.

Se é admissível que se diga "*êle fez com que eu estudasse*", por coe-rência devem também ser admissíveis "*êle quer com que eu estude*", "*êle pede-me com que eu lhe escreva*", "*êle espera com que eu o visite*", "*êle diz com que não sabe*", etc.

Lisboa, 27 de Maio de 1923.

RODRIGO DE SA' NOGUEIRA.



ARTE DE AMAR

(Segunda série)

*P*ARA o seu mel compor é necessário
A' abelha, em seu vae-vem,
Toda a essencia buscar que no nectário
Das flores se contem.

*Ao mel que nutre e ensalma, unge e consola
Dão-se, uma a uma, assim,
Todas as flores que abrem a corola
No campo e no jardim.*

*Tom, encanto, sabor, graça, perfume,
A alma inteira floral
Na espessa gotta de ambar se resume
Em vaga essencia ideal.*

*Attenta em teu amor. Para compol-o
E' certo entrar tambem
A dor sem cura, a magua sem consolo,
O remorso e o desdem.*

*Ancias, pezares, afflicções, cuidados,
Receios sem razão,
Todos os soffrimentos inventados
Pela imaginação,*

*Tal como a abelha, o coração extracta,
E mil coisas hostis
Para formar o amor, que te maltrata
E te faz infeliz.*

*Na doçura apparente a mocidade
Não lhe descobre o fel,
E bem diz a canção, o que é verdade,
Que o amor é como o mel...*

Julho, 1923.

JULIO CESAR DA SILVA.

MANHÃS DO SUL

ACORDA rindo a natureza, e em coro
Desperta o bosque mádido e taful;
Neste scenario gigantesco e louro
Voa, a sonhar, meu pensamento exul.

*Do sol faiscando ao límpido thesouro,
As claras nuvens, nas manhãs do sul,
São flocos de algodão, franjados de ouro,
Sob estes céos de porcelana azul.*

*Em mim resuscitando antigas crenças,
Sinto a alma leve, helenica, pagã,
Nestas cochilhas rútilas, extensas,*

*Onde, de alvura luminosa e sã,
As casas são como pombaes, suspensas
Sobre a névoa dourada da manhã...*

JOINVILLE BARCELLOS.

RUY BARBOSA

*PYGMEU titanico! Migalha humana
feita Acção formidavel! Expressastes,
a genio vivo, a Força soberana
que ha no cerne dos masculos contrastes!*

*Pequeno e fragil, a impetos domastes
turbas e despotas raivando em gana,
e ainda fôstes, com a Obra que plasmastes,
o Oraculo da raça americana!*

*Pelo teu Verbo olympico rolaram
Paulo Affonso e o Amazonas, em fragôres
que até á morte nunca silenciaram...*

*Homem-pincaro! Maximo entre os grandes!
Que é, ante Vós, com a ronda de condôres,
a imponencia vulcanica dos Andes?*

ILDEFONSO FALCÃO.

Bremen, 1923.





ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

NEGAÇÃO

ADMITEM-SE em português tres modalidades de negação: *simples*, *reforçada* e *aparente*.

A *negação simples* é constituída por um só vocabulo de sentido e funcção negativa, ex.: *O dinheiro não vale um sincero amor; ninguém lhe defere a pretensão.*

A *negação reforçada* é formada por duas ou mais palavras de sentido e funcção negativa, ex.: *Meu amigo não é nenhum Jeca Tatú para acreditar nos absurdos princípios do moderno bolchevismo; da existencia de Christo, nosso Senhor, nunca jamais houve a menor duvida...*

Negação aparente é quando o sentido da expressão é inteiramente positivo, apesar das palavras negativas, ex.: *Não ha outro Deus senão um só.*

Ensina ainda o competente mestre dr. Maximino Maciel, *Grammatica Descritiva*, 4.^a ed., pag 360:

“A negação reforçada se diz:

a) — *Similar*, desde que sejam *identicas* as palavras negativas, ex.: *Não era Sancho, não, deshonesto.* (Camões, *Lusiadas*.)

b) — *Dissimilar*, desde que as fórmas negativas sejam diferentes, ex.: *Não julgue ninguém nunca outrem por si.* (Sá de Miranda, *A. Classicos*.)

c) — *Semiotica*, desde que metaforicamente seja reforçada por uma palavra, de sentido quasi sempre pejorativo, ex.:

*De mosca ou de verme não tendo migalha
Procura a formiga rogando que a valha.*

(B. de Paranapiacaba, *Fabulas*.)

As principais palavras que assim se usam para reforço da negativa são: *ceitil, cabelo, aranha, bocado, dedo, beira, fumo, pada, sinal, sombra, patavina, pitada, rastro, migalha, vintem, x, etc.*, ex.: “Não saber *x*...

patavina... pitada...”, “não ver *rastro* nem *sombra*”, “sem *eira* nem *beira*”, “não saber *dous dedos* de latim”.

As palavras *passo*, *ponto* e *rem* já constituíram negação semiotica na língua antiga, mas actualmente se imobilizaram na língua francesa, sob as formas *pas*, *rien* e *point*, ex.:

“Triste pranto até Belém
Nem *passo* não se esquecia”.

(Gil Vicente, *Obras Poeticas*.)

A negação similar é mais restrita, menos constante do que a dissimilar, e geralmente se faz, usando-se de:

a) — *Nem...nem*, ex.: “*Nem* flores tenho *nem* prazer também.”
(C. de Abreu.)

b) — *Nada...nada*, ex.: “*Nada* de grego, *nada...*” (A. G. Garção,
Obras Poeticas.)

c) — *Não...não*, ex.: “*Não* toques, minha musa, *não...*” (A. Gonzaga, *Dirceu*.)

Sendo este processo vulgarissimo no Brasil, não o podemos impugnar, por ocorrer nos classicos mais notaveis, como já o vimos. Ha outro processo de negação similar, vulgarissimo, o qual se faz mediante a repetição da palavra *qual*, ex.:

“*Qual* medico, *qual* doutor!
Não passa de um rachador.”

(A. F. de Castilho, *apud* T. Brandão, *Sintaxe*.)

A negação dissimilar oferece varias modalidades, devidas á combinação das formas *não* ou *nem* com palavras negativas, ex.: “O abismo onde uma luz *siquier não* arde.”

Inumeros gramaticografos, literatos, jornalistas, etc. regeitam a *negação dupla* ou *reforçada*, taxando-a de arcaismo; outros admitem-na, dando-lhe significação diversa, isto é, transformando a negação numa afirmativa.

Dizemos verdadeiramente e portuguêsmente: *Nós não sabemos coisa nenhuma*.

Os romanos é que não podiam dizer: *nihil non video*, (não vejo nada), mas sim *nihil video*, (nada vejo).

Na lingua latina duas negativas afirmam; em português, dá-se justamente o contrario: negam com mais força.

Escrever-se-á, classicamente: *Não te casarás nunca; não devemos nada a ninguém; tal crime não o faz homem nenhum; ali não havia ninguém; nunca jamais duvidaremos de Deus; nunca lhe pedimos nada; etc., etc.*

Formam-se as clausulas negativas antepondo ao verbo expressado em desinencia pessoal o vocabulo *não* mediata ou imediatamente: *não vi nada*, etc.

Hoje, porém, quando as palavras essencialmente negativas precedem o verbo, suprime-se o *não*: *nada vi*, dizem Mario Barreto, Julio Moreira, João Ribeiro, etc.

Podemos suprimir ou conservar o adverbio *não* no supradito caso, conformemente a opinião de Candido de Figueiredo, Julio Ribeiro, Francisco José Freire, Gonçalves Viana, etc., e seguindo os passos de respeitabilissimos

mestres da portuguesa linguagem, como provam os exemplos abaixo registados:

"Per *nenhum* caso *nom* fizesse o contrario." (Azurara, *Cron. do descobr. e conq. de Guiné* p. 141).

"Que *nenhum* homem que *nom* saiba nadar, *nom* deve passar augua." (*Id.*, *ibid.*, p. 150).

"Eu, Marília, *não* sou *nenhum* vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado."

(Gonzaga, *Marília de Dirceu*.)

"Mas a antiguidade *não* confere aos erros *nenhum* merito." (Medeiros e Albuquerque, *Pontos de Vista*, p. 122.)

"Mas, em primeiro lugar, é lícito fazer ver que as maiores leis, as mais amplas, as que regem maior numero de phenomenos, *tambem não* explicam cousa *nenhuma*." (*Id.*, *ibid.*, p. 174.)

"Demais a verdade toda *nunca* *ninguem* a possuiu." (Candido Jucá, *O Refugio da Alma*.)

"... *não* menos o era a luz, que *não* vinha de parte *nenhuma*..." (Machado de Assis, *Varias Historias*, p. 35.)

"*Não* estava bem em parte *nenhuma*." *Id.*, *ibid.*, p. 63.)

"Por esta ribeira fóra
Ninguem não no viu passar."

(Garret, *Romanceiro*, tom. II, p. 94.)

"Passou por terras e terras
Nenhuma não *conhecia*."

(*Id.*, *ibid.*, p. 130.)

"*Gazomista não* é coisa *nenhuma*." (C. de Figueiredo, *O que se não deve dizer*, vol. III, p. 95.)

"*Shangai não* é coisa *nenhuma*, ou é metade inglês e metade português." (*Id.*, *ibid.*, p. 149.)

"... mas *tambem isto não* tem importancia *nenhuma*, porque se trata de sufixos" (Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, p. 151.)

Não ha consequentemente *nenhum* fundamento para a accentuarmos na primeira silaba..." (Gonçalves Viana, *Palestras Filologicas*, p. 69.)

"... o *não* ter ligação *nenhuma* com a vida civil." (A. Herculano, *Composições Varias*, p. 48.)

"Mas o desbarato dos filosofos *não* teve resultado *nenhum* a bem do cristianismo." (*Id.*, *ibid.*, p. 189.)

"E *ninguem não* diga desta agua *não* beberei." (Jorge Ferreira, *Eufrosina*, p. 146.)

"— Obrigada, *não* quero cousa *nenhuma*." (Julio Ribeiro, *A Carne*, p. 29.)

Consequentemente, em português duas ou mais negativas negam com mais força e não afirmam, como erradamente supõem os letrados destes Brasis!...

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.



OS ANDRADAS

Meu caro Alberto:

Saudações. Recebi, ha poucos dias, com desvanecimento e alvoroço, o primeiro volume do seu trabalho sobre os ANDRADAS, volume esse que a sua nimia bondade assignalou com uma dedicatória affectuosa e gentil, que bem traduz a generosidade do seu coração e a grandeza da sua formosa mentalidade. Si na modestia das minhas pobres velleidades literarias aca- lentasse alguma ambição, estaria esta plenamente satisfeita com o estímulo confortante da sua palavra sempre encorajadora, amiga e leal.

Desejava ardentemente ler o seu livro, que eu sabia o fruto do labor consciencioso de uma poderosa e culta intelligencia ao serviço de uma alma peregrina de artista e patriota.

O encanto irresistivel do seu estylo, ao mesmo tempo simples e brilhante, harmonioso e crystalino, gracioso e ardente, ás vezes leve como asas subteis de abelha, outras estrondejante e potente como um canto heroico de epopéa, mas sempre facil e elegante e moldado no impeccavel apuro de uma linguagem castiça, era o sufficiente para me excitar a curiosidade intellectual. A natureza especial do assumpto, porém, consistente na evocação historica das tres cyclicas individualidades dos Andradas, que avultam no scenario politico do Brasil, ao alvorecer da nossa independencia, como tres columnas formidaveis, sobre as quaes assenta em todo o seu peso o edificio da nossa nacionalidade, augmentava esse vehemente e legitimo desejo.

Pois bem. E' depois de realizada essa longa leitura que lhe escrevi, não com o pensamento de fazer considerações de ordem critica sobre o seu magnifico trabalho, por certo um dos melhores e mais vigorosos existentes em toda a literatura brasileira, mas principalmente para o saudar como um vencedor galhardo, que os contemporaneos antecipando o juizo das gerações vindouras, hão de coroar de louros, á boa moda pagã dos aureos tempos de Athenas, como uma das bellas glorias da intellectualidade brasileira. Tal é a impressão que me ficou da leitura do primeiro volume dos ANDRADAS.

Diante d'elle não ha quem não experimente a sensação nitida e profunda de se achar na presença de uma obra duradoura, poderosamente con-

cebida, magistralmente executada; na presença de uma dessas revelações surprehendedes da operosidade de um robusto cerebro, desejoso, não de cortar as sympathias ephemeras da popularidade caprichosa, mas de se votar integralmente ao culto da justiça da historia, perante o sereno tribunal da posteridade, onde a voz da verdade não é perturbada pelo rumor e pela agitação das paixões contrariadas e feridas. Desde a magestosa "*Introdução fundamental*" erigida como um portico monumental de granito pelo seu pulso de mestre, logo á entrada do livro, até a descrição final das tres figuras dos ANDRADAS, entrelaçadas pelos vinculos do sangue e do patriotismo, como se compuzessem um grupo unico, soberbo de grandiosidade e imponencia, na magestade de suas largas linhas esculpturaes, tudo revela a robustez do formidavel engenho, da vigorosa e rica mentalidade que, nos fulgores da sua irradiação, poudé abranger os mais complexos e modernos problemas da sociologia, politica, ethnologia, critica historica, critica literaria e de outras sciencias.

Seria um absurdo inconcebivel considerar-se ainda hoje a historia como uma simples arte destinada á enumeração e exposição arida e secca dos factos, enfileirados ou agrupados, mas independentes um do outro. Subordinada a um corpo systematico de principios, que visam a determinação dos laços que prendem numa cadeia indestructivel todos os acontecimentos occorridos no seio da humanidade, a historia é a revelação categorica da lei da solidariedade universal que, através do tempo e do espaço, rege a vida e a successão dos seres e das coisas. E' pelo criterio da interdependencia de todos os phenomenos, tanto do mundo subjectivo como objectivo, que a historia ha de decifrar o problema do destino dos homens, dos povos, das sociedades e das raças, que através dos seculos espalharam pela superficie do nosso planeta, como inscripções obscuras e mysteriosas, na sua passagem ephemera pela terra, os traços das obras produzidas pelo seu genio creador. Assim encarada, a sciencia da historia é como um reflexo do pensamento divino do trabalho da reconstituição da unidade fundamental da vida, dispersada, pela universalidade das coisas que enchem o espaço.

Dahi um corollario immediato. Todo historiador que desobedecer a esta norma fundamental no estudo dos acontecimentos historicos, ha de falsear os seus juizos e as suas conclusões. Despedaçar essa relação, invisivel mas real, que circula por todos os factos, negar esse principio de correlação, que é a lei basica da vida, para encarar no isolamento de sua existencia, como uma unidade perdida, qualquer facto, é incidir num imperdoavel erro, cuja immediata consequencia consiste na sophisticação da verdade historica.

Senhor desse conceito, e manejando com segurança o methodo scientifico pelo emprego equilibrado e justo da analyse e da synthese, da generalização e da deducção, estuda você antes de mais nada o scenario da Europa Occidental e a funcção que nelle desempenhou o velho reino de Portugal, cuja organização carcomida pelos diversos agentes de corrupção, rangia semi-desconjuntada ao sopro das novas correntes philosophicas, literarias e politicas, desencadeadas pelo encyclopedismo — para, em seguida, fixar em traços incisivos os aspectos do problema luso-brasileiro, no transcurso do seculo XVIII, problema que o espirito juvenil da nacionalidade nascente devia resolver pelo brado decisivo de sete setembro, na collina do Ipiranga.

Passa depois o amigo ao trabalho benedictino da paciente reconstituição dos primordios da villa de Santos, evidenciando, pela opulencia dos pormenores que cita e descreve, e das questões que ventila e discute, a variedade das vetustas fontes que teve de investigar para operar esse milagre da resurreição integral dos primeiros lineamentos da moderna urbs, em que se converteu a modesta villa de antanho. As suas faculdades elevam-se neste ponto a um grau sorprendente de poder evocativo. A sua penna nos faz assistir

visualmente ao nascimento da cidade, á construcção das primeiras habitações toscas, á abertura das primeiras estradas, nessa paisagem selvática que parece velada pelo "pudor das primitivas eras", na phrase de Bilac.

Desce ás particularidades pinturescas, descreve os seus bizarros aspectos physicos e topographicos, evoca a singeleza dos usos e costumes desse primeiro nucleo de habitantes da terra paulista, acompanha o seu evoluir marcado por progresso incessante e, quando tem conseguido pelo seu formidavel poder de expressão graphica, desenhar o vasto painel suspenso entre o azul suave dos céos escamosos e a superficie oscillante e esmeraldina dos nossos mares, estabelecendo assim o fundo sobre o qual devem apparecer e destacar-se, num recorte preciso e vigoroso, as figuras dos Andradas, vemol-o empunhar o escopro e, no bronze e no marmore, miguelangiolescamente esculpir os lineamentos desses tres lendarios varões, estuantes de vida e de sentimento, que irrompem das densas trevas do passado, admiraveis e expressivos, como se pelos seus musculos corresse uma onda calida de sangue e pelos seus nervos inflamados, ainda passasse o fremito do ideal que lampejou em seus privilegiados espiritos.

Tal é a materia do primeiro volume. A magnitude do assumpto basta para, no seu conjunto, fazer a gloria do autor do livro. Mas ha mais. Ha nelle as magnificas paginas referentes á decadencia de Portugal, á desordem administrativa que imperava nesta colonia portuguesa, á renovação scientifica da França. Ha esse magistral estudo critico da personalidade literaria de José Bonifacio de Andrada e Silva, inteiramente applicavel, pela originalidade das idéas e pela veracidade dos conceitos ahi expostos, com inexcédível belleza e logica, aos tempos de hoje; e, finalmente, essas descripções tocadas de luz e poesia, que tanto realce dão á paisagem santista, apanhada sob um véo tenue de espiritualidade encantadora que lhe redobra a graça e a formosura.

Ha no que digo ao correr da penna, no desalinho destes rapidos periodos, algum exaggero? Não, positivamente não. Estou convencido de que o juizo critico da imprensa brasileira ha de achar justo o meu entusiasmo e moderada a sua expressão.

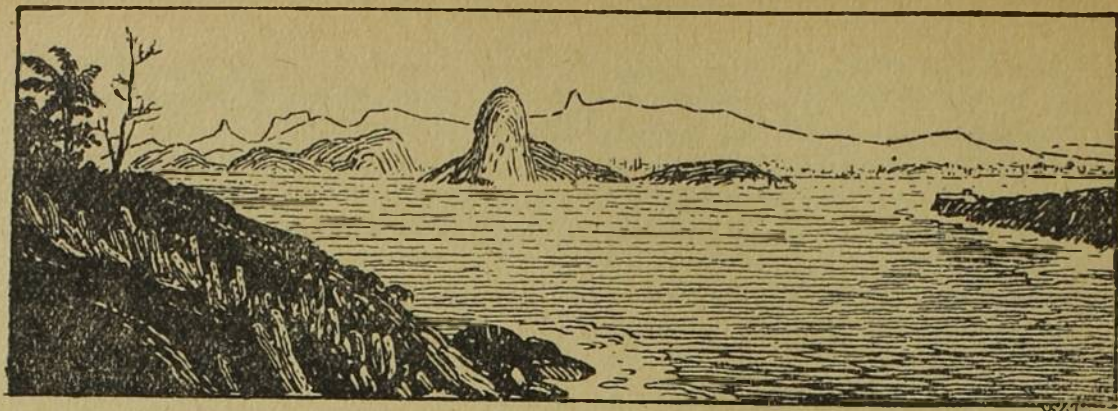
Para mim a sua obra possui mais um valor inapreciavel: o de entregar á meditação e ao estudo dos nossos homens publicos o exemplo de desassombro politico, de dignidade civica, de devotamento patriótico, que representa a agitada e tumultuosa existencia dos tres grandes brasileiros a quem ella é consagrada.

Ainda sob este ponto de vista o seu merito é indiscutivel. No meio do abastardamento politico da nossa época, ella nos mostra a probidade desses antigos patriotas, que a um seculo de distancia, no fragor das luctas pela liberdade, nunca esqueciam a idéa sagrada da Patria. Quando cotejamos os heroes da artificial democracia contemporanea com esses cidadãos espartanos da alvorada da independencia, e fazemos mentalmente o paralelo dos deploraveis habitos politicos da nossa adeantada Republica, com os que se praticavam no amanhecer da nossa vida nacional, é que podemos aquilatar em toda a sua amplitude do merito da sua obra que nos conduz á regeneração politica pelo amor á tradição, pelo respeito ao passado.

Oxalá, saibam todos comprehender esse aspecto particular da influencia que está destinada a exercer no espirito dos que são responsaveis pelos destinos do nosso grande Brasil. Como quer que seja, uma coisa é verdadeira e indiscutivel — a sua obra sobre os ANDRADAS constitue um verdadeiro acontecimento.

Pelo ruidoso e merecido exito literario e scientifico que alcançou, um sincero abraço do amigo extremoso que é o mais obscuro dos seus admiradores.

A. A. COVELLO.



O DIREITO DO VOTO

*Conferencia realisada no Centro de
Sciencias, Letras e Artes, de Campinas.*

I

SAUDAÇÃO A S. PAULO

DENTRO dos “cabralinos horisontes” do “Amazonas ao Prata” na sede e centro das tribus brasileiras, foi aqui no planalto central da America do Sul que germinou, cresceu e se agigantou a cellula de nossa Nacionalidade. Dentre os seus pares, foi por certo Tibiriçá —, como cacique mais habil, o unico que acceitou sem guerra a civilisação portugueza. E’ que o sangue dos tupis tinham de influir nos progressos do sul, como o dos guerreiros tapuias — no futuro do norte: daqui surgiu a colonisação primeira, daqui se irradiou a cultura da canna de assucar e de animaes domesticos europeus, trazidos por Martim Affonso. Desde os primordios, no palco immenso da Historia, se destacaram as differentes coordenadas sociologicas e os dous membros irmãos se defrontaram desiguaes: o Norte imaginoso, fraco, empobrecido em razão do clima e do feudalismo — sua resultante; e o Sul pensador, pacifico, enriquecido por via das entradas e bandeiras, na exploração das minas, das madeiras e do trabalho indio e negro... As energias da raça em torrentes civilisadoras se concentraram nesta parte do Brasil e deram a S. Paulo o commando supremo dos destinos da nação: e esta febre do café que hoje vedes a impulsionar o paulista é aquella mesma febre do assucar que o impulsionou no seculo passado, — a mesma febre do ouro e das madeiras que o enfiabrara e energisara outrora, fazendo-o desmembrar-se da capitania do Rio e erigir em 1711 a cidade de S. Paulo!

A população paulista era então o coração embryonario e resfolegante

do Brasil nascente: derramava-se desde a Parahyba do Norte até as fronteiras do Perú, circumflua ás nascentes do Paraná e São Francisco palmilhava o hinterland na ansia biologica das adaptações; e se fundiu, afinal, e se crystalisou, por fim, aqui, neste planalto da Piratininga extendido de Matto Grosso, Goyaz e Minas até ás portas do Atlantico de Santos a Paranaguá. Pujante, palpitava o embryão titanico em Curityba e Cuiabá, em Ouro Preto e Sabará; mas por selecção natural e accomodação ao habitat deixou que se fraccionassem os membros alongados: Minas, se desmembra em 1720, Santa Catharina e Rio Grande em 1783, Goyaz e Matto Grosso em 1748, e Paraná em 1853. Estava constituido o tronco do organismo gigante. Forma-se assim o nucleo da raça. Após elaboração lenta se accomoda afinal em seu propicio ambiente: Donde a hegemonia paulista, e eis o typo seleccionado do autochtono brasileiro! Santos é a porta dos mares, tendo Paulo Affonso ao alto e Iguassú aos pés. Este corredor central é o funil dos entrepostos do sertão; ponte do paiz para Goyaz ou Acre, para Minas e Arica, para Matto Grosso. Como admirar-se seja hoje o Estado modelo — o thorax do Brasil, tendo o norte por systema nervoso e o sul por organs locomotores? Pois não é o berço da Independencia? — os pulmões de aço da industria brasileira e coração do commercio nacional? O ouro das minas tinha de reflectir-se no ouro verde dos cannaviaes, depois no ouro rubro dos cafeeiros, para no futuro espelhar-se no ouro branco do algodão e das lãs?

Ponto culminante da civilisação nossa, cellula da raça e do progresso, — tinha de ser como é, o modelo, o exemplo, o organ vivo das aspirações liberaes e humanas — Independencia, Constitucionalismo, Propaganda, Abolição, Voto Secreto, Instrucção Obrigatoria, Sociedade Eugénica — e não poderia deixar de ter por supedaneo sinão columnas cyclopicas como estas: Santos — a cidade commercial, Ribeirão — a cidade agricola, São Paulo — a cidade industrial e Campinas — a cidade intellectual!

Para tamanha grandesa, só semelhante embasamento.

S. Paulo, o Estado-escola, da Republica, a parte viva do Brasil, os dous terços da producção nacional, é a força completa das unidades federativas e o fiel vivo do nosso credito no exterior, e o gesto de commando para todo o resto do Brasil; e tinha de ter como tem, nestes quatro nucleos vitaes de sua actividade, todo o alicerce de seu thesouro, toda a pujança de seu prestigio.

E de ti, que hei de dizer bella Campinas? E's a cidade-intellectual, o archivo de suas glorias, o ninho da nobresa paulista, a cidade dos barões e do liberalismo; dos jardins e das escolas. O Brasil vive e pensa por São Paulo, mas São Paulo desabrochou em ti porque começou nos teus horisontes a sua historia, porque aqui viveu Feijó, e aqui nasceram Indayatuba, Campos Salles e Carlos Gomes, o Manifesto de 70 e os albores da Abolição (1852).

II

OS MALES DO REGIMEN

Senhores. A Liga Nacionalista deseja o voto secreto, o sr. Presidente da Republica — o voto obrigatorio (Mensagem deste anno) e nós brasileiros do Rio Grande do Sul queremos — o voto juridico, isto é o voto indirecto, qualificado, obrigatorio, secreto.

A diagnose da Republica nos mostra que, á mingua do voto eleitoral e do ensino technico profissional, o Brasil não é governado por brasilei-

ros... que enojados se afastam das altas posições do Governo. Donde a hypertrophia do Estado — provincia, a anemia municipal e a discrase da União! Ha, em todo o organismo nacional, uma especie de affecção icterica, por effeito talvez de verminoses endemicas, paludoses locaes, ancylostomias... Essas affecções nos projectam attrabiliarios nas repartições publicas, neurasthenicos biliosos na imprensa e na politica, ictericia nos orçamentos e o amarellidão caracteristico no facies da população... O figado da Republica, isto é o Estado engurgitou-se de tal maneira, que funcções e poderes do pancreas e do peritoneo se confundem... Os tres direitos constitucionaes da soberania (Executivo, Parlamento e Tribunaes) não são hoje anatomica e physiologicamente "harmonicos e independentes entre si", como no homem o apparelho cerebro-espinhal, o cardio-renal e o grande sympathico, ou seja o cerebro (União) o figado (Estados) e o coração (Municipios). Não ha entre elles o forte systema nervoso do policiamento com o sangue puro da fiscalisação... De sorte que o Governo Federal não se manifesta realmente em todo o territorio: nem a Federação nas provincias, nem os Estados nos municipios; e perdem-se, ao mesmo tempo, por falta de entrosagem, no interior as autonomias municipaes e no centro o dominio da União. Desta congestão de males aproveitam as provincias: exorbitam-se, implantam governos á parte, obumbrando os municipios e desobedecendo a soberania central. Culpa maior tem a Constituição, que despojou a União da sua prerogativa essencial com a dualidade de justiça, de processo, e de instrucção: um dos maiores absurdos que a mente humana pode conceber. O funesto resultado não se fez esperar: os monarchoides de provincia abocanham os direitos de seus feudos municipaes, absorvem tudo, desmandibulam-se e extendem ainda os tentaculos aos seios fartos da União...

E agora que se deve fazer?

- 1.º) Remodelar a Constituição, centralizando todos os poderes da soberania e creando o Conselho Nacional Administrativo sob a presidencia do Chefe do Executivo;
- 2.º) Systematisar as lotações e tarifas, fazendo recahir os impostos somente sobre vicios e rendas excessivas;
- 3.º) Espalhar filiaes do Banco Emissor do Brasil por todas as zonas de producção, oxygenando a circulação do credito;
- 4.º) Promulgar os Codigos Federaes: a) do Trabalho, b) do Ensino, c) do Eleitor, d) da Saude, e e) da Administração;
- 5.º) Reformar nosso systema penitenciario e unificar a justiça, a instrucção e o voto.

Com effeito: dos 30 milhões de brasileiros, só 2 sabem ler e 1 corre ás urnas. A nação abandonou o governo. Os municipios permanecem isolados no hinterland. A União — sem forças para agir, porque as abdicou em favor das provincias... Urge restabelecer o equilibrio de direitos da soberania popular e da soberania nacional. Não ha outra formula:

Autonomia municipal	1
Independencia estadual	2
Soberania nacional	3

Porque só uma União forte (valor 3) poderá garantir a independencia e autonomia de sua população e territorio (valor 2+1).

Mas, actualmente, temos esta anomalia:

Munic. = 0 Est. = 4 União = 2

Ora, a medicação jurídica deve ser esta:

Reforma Eleitoral	10
Lei do Ensino	5
Organisação penal	100

Ou assim expresso em poderes:

Município	0,5	
Provincias	1,5	
União	4	Total 6

Donde, accrescendo os valores necessarios actualmente:

M = 0 + 0,5 =	0,5	
P = 4 - 2,5 =	1,5	
U = 2 + 2 =	4	Total = 6

Depois da medicação supra, para restabelecimento do estado hygico, constitucional, virá a convalescença e em seguida a norma! da saúde, assim expressa:

M =	—	1
P =	—	2
U =	—	3

Em summa: fixação e delimitação dos deveres administrativos e da função civil; por ex. instrucção cabe sómente á União, policiamento pertence á provincia, estradas sómente ao municipio, etc., tudo sob pena de perda de autonomia local. Trabalho e Dever, eis o regimen a seguir. Leis. Codigos. Fiscalisação. Penalidades, etc. Parece que em nossa administração publica incrustou-se o beriberi do Amazonas, a malaria em nossa indolencia nativa, e a verminose nos governos municipaes emperrados. De S. Paulo deve partir o movimento de reacção. Não ha jecas em S. Paulo, Rio Grande e Pernambuco. Estes Estados monitores da Federação estão apenas levemente grippados: sahimos de inopino dos agasalhos aristocraticos dos palacios da monarchia para o galpão aberto de uma Republica sem policia. Morta a escravidão, — e não organizado o trabalho, — todos são agora chefões, chefes, chefetes, vice-chefes, sub-chefetes em qualquer empresa literaria ou commissão politica, em quaesquer funções artisticas, burocraticas, bacharelescas e outras.

Basta observar as nossas cidades, as suas repartições, os seus aspectos, os seus movimentos associativos. Pasma, á primeira vista, o pequeno commercio pifio e judaico, prejudicando o surto das industrias locaes, as bugigangas dependuradas pelos portaes, as vitrines sujas, os mercadejos de feira, a ociosidade e o vicio em forma de commercio parasitando á lavoura e ás industrias. Calculam-se em 75 % esses gallinheiros do commercio illicito para 20 % da lavoura em cada municipio. Por toda parte, os individuos, as associações, os jornaes sem solidariedade, governados sem cohesão social e a União sem laços federativos! Urge engrenar as peças da machina administrativa: não basta a Contabilidade Geral da Republica, — é necessaria a prestação de contas do municipio ao Estado, e deste á Federação; tornando-se impossivel a fiscalisação secreta e documentada.

III

SENSAÇÃO DA AUTORIDADE

O Brasil não na tem: no periodo theogonico e colonial ainda se temia a pessoa do imperador e papa; hoje mal se respeita a figura do presidente. E a dignidade moral de uma nação se infere pelo seu grau de obediencia ás leis: só por isso são grandes a Allemanha e a Escandinavia. Entre nós, nas localidades do interior, a lei se tornou quasi inexistente: rege-os a vontade soberana de um regulete qualquer. Donde — o desprestigio da autoridade, annullando-lhe a funcção. O popular habituou-se a ver nos cargos de justiça, instrucção ou policiamento uma emanação do centro, um enviado das cortes selectas; e não pode levar a serio o detentor de um alto cargo sem concurso e outras formalidades... O Prefeito é o "meu compadre Joca", o Inspector é "seu Chico da Venda". Ora, quem está acostumado a dizer: "o governo nos deu isso", o "governo não quer aquillo", etc., não pode comprehender que um seu igual na aldeia e com o qual brincou em criança... possa investir, de um momento para outro, uma parcella da soberania nacional, que é a autoridade publica.

Nada mais anesthesico da sensação da autoridade do que esse veso bem latino do "seu Juquinha, juiz", ou "seu Manduca Delegado". O filho da mesma localidade quasi sempre apaga um pouco o mysterio da religião da lei. S. Paulo resolveu em parte esse problema: creou a "policia de carreira", em que o Dr. Delegado é vitalicio, removivel e com direito a accesso, após um estagio determinado, até á suprema chefia de policia.

O mesmo fará, sem duvida, com relação á justiça: nomeando juizes municipaes, mediante concurso no Tribunal, tambem com direito a promoções, por concursos successivos, até Desembargador.

Sem um bom juiz preparador do processo e um optimo delegado julgador dos inqueritos policiaes — não pode haver jurisprudencia, magistratura, imprensa, opinião publica nem tranquillidade.

Sem auxiliares dignos — não pode haver chefes; e todos acabam por não sentir o dominio da autoridade local. Nem os jurisdicionados — sempre de cerviz aos pés de quem os nomeou sem concurso — nem as mesmas autoridades feitas de improvisou ou guindadas ao posto por eleições fraudulentas.

Conhecemos logares, como Porto Alegre, em que desapareceu por completo a sensação da autoridade: tudo marcha como si não houvesse poder publico. O presidente Borges, com os seus 20 annos de olygarchia, o prefeito Montaury, com 30 e o subintendente Lousada com 40 passam pelas ruas sem um cumprimento, um indicio de respeito, antes com visiveis mostras da chufa ou do escarneo popular. Ha cidades importantes, em que intendentes, *professores* (não ha ali Escolas Normaes), delegados e juizes (leigos na quasi totalidade), são verdadeiras abstracções funcçionaes, aos quaes já evita o povo recorrer... Ora, como patriotas, protestemos contra isso. A autoridade precisa rehaver aquelle culto reverencial de outr'ora — especie de revestimento moral — para efficacia de seus fins. Democratisadas as instituições, até á desmoralisação, chega a lei a perder a garantia de sua funcção e a autoridade — o apoio e veneração das massas. Nunca as populações do litoral viram tanto jogo illicito e prostituição, tanto commercio matapau e sujo, tanto suicidio e peste! Tampouco — as do interior — tantos conflictos no sertão, tanta justiça de porrete... E' que ahi — governo e povo, villas e cidades crescem isolados, com imperceptiveis liames economicos e juridicos: apenas com ligeiro contacto, pelo fisco, ás vezes...

IV

O FUNCIONALISMO ORGANICO

Está nos bons funcionarios a excellencia do governo. Na Allemanha só um condecorado nacional pode ser guarda-civil; e professor primario — só um homem illustradissimo. O "coronel chefe politico", é obra bem nossa e vem dos tempos de Carlos Magno. Por falta do "right man in the right place", pagam os cofres publicos... e o functionalismo resulta sem funcção: as nomeações sem concurso, os empregados vitalicios e incondicionaes, as aposentadorias sob todas as modalidades, e as eleições sem processo judicial tiraram, entre nós, no aparelho da Republica, todo o effeito functional, toda essa efficiencia governativa que dá vitalidade organica aos systemas representativos. Ficamos além disso asphyxiados por excessivas liberdades constitucionaes, que nos vieram de Norte America e da Suissa: povos industrialistas em opposição a nós — credores e agricolas. Valeu-nos entretanto, para nos manter coesos, esse mascarado poder moderador chamado presidencialismo, na figura do *monarcha* da Republica...

Para se estabelecer o organismo functional do Brasil, precisamos, antes de tudo, o equilibrio dos poderes da soberania. O Legislativo e o Judiciario são collectividades ou corporações administrativas; e o Executivo (o mais complexo dos poderes), todo se enfrasca na figura unipessoal do presidente. A Republica Oriental do Uruguay — unica no mundo pelo adiantado de sua legislação), cogita actualmente de abolir, aos poucos esse monarchoide, que só por si resume Tribunal ou Camara...

Reduziu-lhe a funcção presidencial a simples poder mediador da policia de terra e mar... De facto, o Executivo, para equiparar-se aos outros poderes collectivos, carece de organizar sua corporação representativa — o Conselho Nacional Administrativo. Isto, quanto á União; quanto aos municipios precisamos de pôr em evidencia os seus trez poderes functionaes: — os juizes districtaes, Camara e Prefeitos, eleitos pelos municipales.

Os juizes municipaes ou preparadores, nomeados sob concurso no Tribunal. Evitar o mais possivel o funcionamento das Camaras nas Prefeituras, para autonomia e independencia das attribuições respectivas. Não pode tambem o Prefeito ser um omnipotente e omnisciente: só deverá agir, assignando o seu acto o funcionario chefe do departamento a que se referir e depois de resolução em despacho conjunctivo. No "despacho colectivo" da União não falarão todos os ministros ao mesmo Presidente da Republica, como actualmente, mas cada um de per si, em dia determinado, porque o Conselho Nacional Administrativo se reunirá diariamente, sob a presidencia do Chefe do policiamento interno e externo (e não da Administração), para receber um só ministro. Eleitos os senadores da Republica (Deputados só haverá nos Estados) e os membros do Conselho Nacional Administrativo, estas duas corporações (legislativa e executiva) procederão por sua vez á eleição do maior de todos — o poder judicial, mediante requisitos rigorosissimos estabelecidos na Constituição reformada.

O functionalismo organico pode-se assim concretisar:

a) autoridade superior; b) funcionario; c) empregado; d) commisionado.

Tendo já exposto o plano do functionalismo superior ou electivo, passemos a tratar da segunda alinea: functionalismo organico. Requisito essencial: concurso na capital dos Estados. Instrucção, hygiene, justiça e policia são mecanismos visceraes da sociedade humana; e não devem os directores desses departamentos, que directamente visam o bem estar publico —

estar sujeitos a vencimentos mesquinhos, incompatíveis com a dignidade do cargo. Tais funções deveriam até ser honoríficas, podendo o governo fixar uma verba, estabelecer um serviço e fazê-lo realizar dentro de determinado espaço de tempo, de tudo prestando contas em relatório circunstanciado e publico. Hoje o functionalismo civil e militar é um banquete na Republica: só ha uma providencia a tomar, antes de supprimir a vitaliciedade, as aposentadorias, gratificações, etc.: — torna-se imperativo militarizar tudo.

Cessarão as rivalidades entre essas classes na ordem civil. Para as grandes desordens — só a disciplina ferrea dos quartéis: Que ordem! si vissemos os militares nas repartições arrecadadoras e o clero das differentes religiões nas localidades do interior praticando, de verdade, o sacerdocio!

No functionalismo organico da Republica — distingue-se o empregado do funcionario: — este, pelo concurso e demissibilidade por meio judicial — e aquelle por não exercer nenhuma parcella de autoridade e ser livremente destituivel. O commissionedo é sempre ligeiramente temporario e pode servir em qualquer das gradações supra.

V

O SUFFRAGIO UNIVERSAL E O VOTO FEMININO

O exaggero do idealismo da "liberté, égalité, fraternité" falseou grande parte dos nobres fins da Revolução francesa... Data dahi a mentira do "suffrage universal."

Que quer dizer universalidade do voto? — Que conceito encerra?! Traduz apenas um modalismo capcioso, atraz do qual se espelha a romantica hypocrisia do "direito divino".

As abstracções demagogicas de "throno por mercê de Deus, consenso unanime e suprema acclamação dos povos" infiltraram-se perfeitamente nas de "suffragio universal das urnas", no "Deus, Patria e humanidade" etc. A mentira monarchica phantasiou-se á republicana e até hoje continua a embahir os espiritos superficiaes.

Um processo eleitoral universal a que concorressem estrangeiros, incapazes, menores, todos os individuos de um dado territorio seria o mesmo que os pseudo-plebicitos da Grecia, em que só compareciam os interessados... e não havia organização economica, juridica nem politica! Na escravidão, nada mais justo do que só votarem os senhores de patrimonio; mas não se diga então — povo; e sim sociocracia: é naturalissimo.

O paiz é a somma das capacidades e dos proprietarios. Muito logico foi Pericles dividindo o seu povo em tres categorias, em cujas camadas superiores somente residia o pensamento da nação. A nação ou raça pensa; e o povo ou paiz age... Uma eleição em que mendigos e industrialistas votassem seria descapacitar todos os titulares desse direito, annullando o processado; porque a verdade eleitoral, a existencia logica das eleições consiste no maximo de selecção ou qualificação do eleitor. Não é eleitor universalmente qualquer, sinão aquelle que para o exercicio desse supremo direito (de fazer governo) — synthetise um conjuncto de formalidades legaes e exprima alem disso duas caracteristicas essenciaes: — saber escolher, e agir livremente.

A independencia no julgar: eis tudo. Ora todo subalterno é um coacto moral; toda mulher — uma obediente ao lar paterno ou á sociedade conjugal: por isso restringiu-lhe a capacidade o Direito Civil. Si pois nem todos os homens estão nas condições de exercer o direito de voto, como havemos de extendel-o á mulher — metade moral do homem, sua depen-

dente e companheira, que, em regra, da vida social externa só sabe o que lhe ensina o pai ou o marido?

Essa agitação moderna em torno do direito de voto ás mulheres ainda reflete em pallidos clarões morrentes — aquellas duas metaphysicas antigas, maiores e mais absurdas: o direito natural e o suffragio dos povos!

O suffragismo só se explica na Inglaterra, pelo clima, migração dos homens e preponderancia do trabalho feminino nas fabricas. Custa a crer, que na Italia, Mussolini tanto se engane acerca do assumpto: talvez por transacção politica, porque elle sabe “escrever direito por linhas tortas...” Nos paizes latinos ou com sua educação social, toda exterioridade mundana da acção feminista será prejudicial á mulher, não preparada ainda para essa luta desigual. Antes de crearmos a suffragete das ruas, creemos a do lar; não a operaria livre, ou a mulher politica mas a mãe autonoma, com liberdade no casamento, e livre disposição de seus bens, com inteira capacidade juridica no fazer e desfazer os seus negocios. O feminismo não está nas urnas nem nas fabricas, mas no seio da familia. Ahi somos feministas ao extremo.

VI

FORÇAS SOCIAES E FORÇAS POLITICAS

Chamam-se vulgarmente classes conservadoras — as detentoras do capital, — e classes productoras — as portadoras do trabalho economico. E' bem visto que não pode o governo fazer parte nem de uma nem de outra: compete-lhe a intermediação fiscal, tendo, de ahi superintender todas as actividades individuaes. Logo, não pode elle manter partidos politicos, nem municipalisar serviços publicos ou encampar empresas particulares. Seria o Estado concorrer deslealmente com o commercio ou industrias, aos quaes lhe cumpre controlar e defender. Quem preside a finanças não pode jogar com forças economicas. Actualmente, porém, governo e *capitalistas* se fazem de classes conservadoras; ambos se mancommunam para esbulho de direitos populares: este compra *votos* e aquelles falsificam generos ou moeda e juros...

Os governos de partidos e o capitalismo de monopolio, acastellados nas ameias e minaretes da um burguezismo anachronico, desligam-se das forças sociaes, congestionam-se nas capitaes, matam-se de orgias e se mascaram de “pujantes forças politicas”, ou melhor partidarias.

A sociedade não pode continuar a depender da politica, — esta é que deve depender daquella; o direito politico é exclusivo do povo, das classes laboriosas: — ao Estado cabe tão sómente o direito administrativo. (Não nos esqueçamos jamais disto.) A estas cumpre, por consequencia, a formação do partido popular, que as represente. Nellas é que se concentra toda a energia social, em cuja medula espinhal gyram todos os ideaes da nação, todas as forças do progresso, todas as actividades individuaes: — operarios, colonos, fazendeiros, commerciantes, industriaes, e outros.

Hodiernamente estas forças sociaes ou productoras se divorciaram das forças politicas ou conservadoras, de forma tal que, a feição do monarchismo europeu ou do feudalismo americano, o governo é do povo pelo povo, mas não para o povo... Para effectivar o disfarce, inventou-se o regimen da papelada, com relatorios de legua e meia, numeros mortos, sem estatistica... e sem interesse publico!

Toda a chamada questão social reside nesse divorcio de forças ou scisão de actividades irmãs e auxiliares: governo e classes *conservadoras* por um lado, e povo e classes productoras por outro. Tudo soffre por isso: paiz, povo e producção. Mas, onde a salvação? A justiça publica effectivando o voto

e a instrução organisando o trabalho e a familia. E para lá chegar só ha um caminho: — a fundação do Partido Municipal do Commercio. Só assim, depois de arregimentado e victorioso nas urnas este, poderão as chamadas classes conservadoras (entravando a circulação economica o capitalista com a usura e o governo com o imposto mal applicado) devolver ás classes que mourejam no commercio e nas industrias — o seu direito liquido, o seu poder politico e social de governar o que produz ou faz circular. Dou tro modo, teremos de continuar a assistir a esse patente desassimilar do organismo economico entre os bens sociaes e as necessidades politicas, retardando sobremodo a evolução nacional: as forças sociaes, productoras se atrophianando e se isolando no ostracismo politico ou no trabalho improgressivo; — e as forças politicas, artificiaes ou injustamente detentoras do poder crescendo e se desenvolvendo pathologicamente no olygarchismo do poder publico ou no capitalismo do commercio açambarcador... O tecido celular da nação, assim dilacerado, precisa de um balsamo: um entendimento politico entre as classes veramente conservadoras, as que produzem, as agrarias, os commerciantes e os industriaes, para em conjuncto accorrerem ás urnas, em auxilio dos pouquissimos homens probos no governo, hoje sujeitos a envenenamentos lentos, como os de David Campistas, Affonso Penna e outros. Eis deserto o campo eleitoral: no emtanto nelle se jogam todos os interesses nossos e do futuro.

Não são os politicos profissionaes, os coroneis sem soldo e os chefes de monopolio — os que podem collaborar com o poder publico, mas os productores technicos, os que conhecem a fundo a estrutura do solo, as riquezas naturaes, a productividade dos *standards*, as quedas d'agua, os ultimos progressos da lavoura, da pecuaria e do commercio. "Derjenige kann nur unternehmen eine Verantwortung — der sich selbst weis zu regieren." Só governa bem a fazenda publica quem bem governa a particular.

Só estes, só os homens do trabalho *au jour le jour* poderão afastar o Estado do precipicio, isto é, acabar com o governo-chefe de partido, o governo "bancando o commerciante", o governo-instituição bancaria, só recebendo impostos e pagando a empregados. E' outra a missão do Estado: só o estadista e não o *politico* poderá comprehendel-a.

O Estado não tem crenças, partidos, nem compadres: é o mediador supremo, juiz e não parte entre as classes capitalisticas e as classes operarias. E quando o direito financeiro do Estado propende, como no Brasil, para as primeiras (capitalismo) temos o regimen dos monopolios no commercio e dos deficits no governo; mas quando, ao contrario, elle demasiado se volta para estas (o operariado), temos, como na Russia, o mar grosso das demagogias, onde revolteam e sossobram os calhambeques do bolchevismo... O todo social se integra e evolue sómente quando as forças sociaes se irmanam e sobre ellas (e não sob ellas) se dilata a esphera das forças politicas. No Brasil inverteu-se o phenomeno sociologico: — não é a sociedade sobre a politica, é esta sobre aquella. Em Londres esta anomalia attingiu ao inacreditavel: na cidade da miseria o capitalismo centralisou tudo — a propriedade, a sinecura e o mercantilismo; e geme a pobre Inglaterra enfeudalisada em glebas, no subsolo dos minas e nas Irlandas do infortunio!

VILLAR BELMONTE.



A AMAZONIA

A bacia do Amazonas, no futuro, conterà uma secção enorme da raça humana. Ha lá vastos campos para a industria pastoril; planaltos para a ceramica; immensas florestas de madeiras superiores; depositos incalculaveis de mineraes preciosos.

Ella é tão grande, que a humanidade ainda não lhe prestou a devida attenção; e é tão linda que não houve ainda quem della fizesse uma descripção completa.

DAS terras a que a nota supra se refere, vamos dar uma descripção geral; dará apenas uma pequena ideia do que é e do que será essa parte do dominio do rei dos rios, porque, nos limites do presente artigo, nada mais nos é possivel. Tentaremos classificar-o segundo as producções, clima, e recursos naturaes; reveremos os meios de transporte existentes ou em projecto, as opporrtunidades para obter terras comuns, assim como as que pódem ser cultivadas; a questão do trabalho; alguns topicos sobre os diversos governos dos paizes que estas regiões conteem; informações sobre os minerios agora descobertos; como se construiria uma linha ferrea, propria para tão grande região e alguns pormenores sobre navegação fluvial a vapor. Faremos referencias a algumas cidades pouco conhecidas e ás bellezas naturaes que estão escondidas nas florestas ou esque-

cidas nos remotos districtos em que os viajantes ainda não penetraram.

Ao mesmo tempo faremos tambem referencias ás vias de communicação existentes na America do Sul e qual o seu provavel futuro.

A AMAZONIA

De todas as regiões habitaveis, pouco conhecidas, da America do Sul, a mais rica em recursos naturaes e variedade diversa de climas é a Amazonia. Ha varios livros, seja de viagem, seja de historia natural, que fallam d'esta região, mas, em geral, estas obras descrevem apenas a parte baixa do rio, a montante, isto é, indo da foz, onde elle corre entre florestas enormes, cobrindo uma area immensa de terras alagadiças, sujeitas ás cheias, que as innundam por dezenas de milhares de kilometros quadrados de largura por cinco, dez e quinze metros de profundidade. Esta região não póde ainda receber os beneficios da immigração porque lhe não póde offerecer mais do que a industria extractiva da borraça, já em exploração; facilmente alcançada pelo oceano Atlantico, é dividida pelo grande rio que, nas cheias se apresenta muitas vezes com centenas de kilometros de largura, além de seus braços e de seus afluentes, que facilitam a subida, quer ao norte quer ao sul, para districtos onde vivem animaes extraordinarios e passaros interessantes, qual n'um mundo novo, interessantissimo, que nunca vai além de cincoenta metros acima do nivel do mar.

O naturalista mediano contenta-se em achar as plantas que desejava, gastando o seu tempo sem jamais penetrar em regiões mais altas, banhadas pelos rios tributarios; e, muito menos ainda n'aquelles valles que terminam n'algun cume coberto de neve e de onde quasi sempre corre um regato de agua pura que se vem cá embaixo misturar com o mar lamacento e acastanhado que entra no Atlantico, ao norte do Pará.

A bacia do Amazonas tem a superficie da Inglaterra, cincoenta e trez vezes! duas vezes e meia a Republica Argentina. Atraz d'esta immensa região repousa uma nova ordem universal de montanhas: os Andes, e o grande *plateau* entre elles. Alguns d'estes picos são altissimos: Sorata e El Innam, na Bolivia, têm uma altura de cerca de sete mil metros, acima do nivel do mar.

Da Amazonia seis paizes participam: Brasil, que occupa dois terços; depois, Bolivia, Peru', Equador, Colombia e Venezuela. E' escusado dizer que tudo o que ao homem é util, esta região póde produzir. A natureza dotou-a com todos os climas,

desde a neve eterna no pico de suas montanhas até ao calor senegalesco das regiões baixas da linha equatorial; desde as chuvas ligeiras proprias para estimular a producção de cereaes até á queda de duzentas pollegadas annuaes que dá para produzir a vegetação mais exuberante do mundo. Ao occidente da grande cadeia de montanhas andinas, varias cadeias de montanhas secundarias e de colinas, existem. Varias d'estas com muitos rios pequenos são pouco conhecidas e ás vezes nem exploradas foram. As terras que formam as fronteiras Equatorianas pertencem á primeira categoria; as que formam a região que fica entre as latitudes 5 e 15 e longitudes 50 e 65 são a segunda.

E' duvidosa a existencia de regiões montanhosas que certos mappas apresentam; e é tambem duvidoso, se certas regiões dadas nos mappas como vastos campos, serão ou não serão campos realmente.

Durante muitos annos, os Alpes do Sul tiveram um lugar entre as grandes montanhas. Velhos barqueiros que do Cuyabá iam até ao alto do rio Itenes, repetiam velhas lendas das serras enormes que elles avistavam e em cujos cumes elles acreditavam vêr luzir os capacetes de neve, alvos como a espuma no mar e velhos como a terra. Mas, á medida que o trafico subiu na sua direcção, os Alpes do Sul foram-se retirando, desfazendo como se fossem as sombras de um grupo modesto de serranias que em seu lugar lá existe e hoje é conhecido por cordilheira Parecis; nenhum dos seus cumes, por altos que pareçam, vão além de dois mil e quinhentos metros acima do nivel do mar.

E' porém crível, muito crível mesmo, que nos mappas faltam serras, que o futuro denunciará e registrará devidamente. Entre a latitude 18 S e longitude 59 O existe a cordilheira Sunsas, que só recentemente mereceu a honra de constar dos mappas.

Os rios são ainda menos conhecidos do que as montanhas.

Nos maiores ha navegação regular; n'alguns ha trafego maritimo, internacional até. Mas outros ha, onde só por acaso as aguas têm a honra de ser talhadas por barcos a vapor.

E' certo que ha casos especiaes como o rio Beru' onde uma cachoeira impede o movimento maritimo de uma com a outra parte; n'outros rios ha a queda rapida da agua; e ainda outro, o rio Secure que, posto que grande, corre atravez de uma região que ainda não despertou interesse bastante para que a industria da navegação n'elle se instale. Ha ainda os que não são navegaveis, como o Rio Grande, devido a bancos de areia, e os que não permitem a navegação muito longe da foz respectiva. Interessa tambem notar os cursos de rios que se extinguiram: são antigos leitos de correntes de agua que mudaram de curso, correndo

umas vezes perto do seu antigo caminho e outras vezes desviando-se completamente. Esses velhos cursos jazem perdidos nas grandes florestas, com pouca agua, que preguiçosamente desliza até acabar em enormes pantanos que dão guarida a innumeraveis especies de peixes e de aves aquaticas; póde até acontecer que o tapyr, no empenho de se desenroscar das raizes das plantas aquaticas e d'outros empecilhos, force a sahida de tal forma, que elle desapareça n'um d'estes paúes e venha surgir n'algum banco de areia do rio que sempre está proximo. Ha finalmente rios desconhecidos, que nenhum mappa apresenta e que esperam quem os explore, ás vezes marcados nos mappas como uma sequencia de pontos que significam que o geographo presume, mas não garante a existencia de tão preciosos cursos de agua.

Lagos, não são muitos, se nós despresamos os pégos que certos rios formam, ao encontrar alguns obstaculos que os obrigam a subir e a recuar sobre si e tornarem-se profundos e largos, n'esse ponto.

O lago Titicaca recebe aguas, que de outra forma viriam para a Amazonia; depois, juntando estas ás que recebe de outras fontes, suppre-se e envia as excedentes, pelo rio Aguadero, ao lago Poopo, onde evaporadas ou absorvidas pela terra, não vão além. O Lago Tunaina na Colombia, Cerro Pasco no Peru', e Rogagua na Bolivia são quasi todos os lagos de certo tamanho que não são formados de paizes.

O clima da bacia amazonica é altamente modificado pelos platôs onde ha campos desde cento e cincoenta mil milhas quadradas a campinas nas partes mais altas que nem cem milhas têm.

As alturas d'estes campos, acima do nivel do mar, raras vezes vão além de mil metros. Na latitude de 10 a 20, sul, onde existe a maior parte das terras altas, a temperatura no *plateau* é egual e agradável; nas terras mais altas produz tudo o que é proprio das zonas temperadas.

Olhando d'estes campos as serras que os cercam, o observador fica espantado das fórmas que as rochas tomaram pela acção que o tempo sobre ellas exerceu; então, tem-se a illusão de que alli ha, ora uma longa parede em ruinas; ora uma velha casa desahando; ora uma antiga cidade. E a illusão é tão grande, a semelhança é tão perfeita, que ninguem abandona aquellas paragens seductoras sem ter antes examinado esses rochedos phantasmas. Nas regiões calcareas, muitos subterraneos e cavernas são encontrados; mas, n'algumas que foram interiormente examinadas, nenhum signal foi encontrado que legitime a crença de que ellas foram habitadas.

A Amazonia póde ser dividida em cinco partes. — I — As areas que annualmente são cobertas pelas cheias n'uma profundidade consideravel. Isto acontece no baixo Amazonas até a uns mil e quinhentos kilometros da sua foz. A's vezes estas cheias invadem terras mais altas ainda, mas aqui o gado tem ensejo de fugir á morte certo de que a baixa Amazonia o condemna em taes casos, refugiando-se nas colinas das regiões visinhas. II— A area que não está sujeita ás cheias annuaes, e que é onde se encontram as grandes florestas da Amazonia. Ellas são ás vezes tão grandes que são precisos muitos dias para as atravessar. Tem duas feições distinctas: na parte mais alta, ellas permittem ser facilmente palmilhadas; a outra não permite ao viajante taes facilidades. As arvores seculares, de ramagens enormes, não deixam penetrar atravez, os raios solares. Assim, os arbustos rasteiros, incommodos e inuteis, só medram na parte mais baixa das florestas de que se trata. E, n'estes lugares é perigosissimo penetrar sem as devidas precauções; espinheiros, quasi sempre formando espessos matagaes, tornam a passagem quasi impossivel. Muitas vezes, ao ser tentado tal, se soffrem arranhões dolorosissimos que quasi sempre produzem feridas cancerosas, porque taes espinhos são venenosos. Mas não é só isto: o explorador desprevenido encontra, ora estes espinheiros malditos, ora os formigões que o mordem raivosamente; ora a formiguinha fogo, cujas dentadinhas continuas fazem enlouquecer quando são innumeraveis e a um só tempo; ora as cobras de todas as variedades e de todos os tamanhos, desde a coral vermelha e negra, altamente venenosa, á lendaria giboia que sempre offerece assumpto aos viajantes para narrativas interessantes. Estas duas especies de florestas, aquella em que o transito é perigoso e aquella onde elle é facil, tem afinal um fim; á maneira que as terras se vão tornando mais altas, a feição d'estas matas enormes vai mudando, de forma tal que se chega a uma região onde em lugar de florestas immensas ha bosques parecidos com os que se encontram nos paizes frios do norte da Europa. Depois, pouco a pouco, clareiras de relva e de flores apparecem e que augmentam em numero e tamanho a cada passo; depois vastos campos sem fim, pontilhados aqui e alli por bosquetes de arvores de pequeno tronco. E' esta a terceira parte da Amazonia.

Os pequenos bosques aqui espalhados, raras vezes excedem a dois kilometros quadrados; têm quasi sempre uma forma circular e dão áquelles prados sem fim, o aspecto de um parque immenso cujos limites são o horisonte longinquo, inatingivel quasi.

O rei d'estes dominios é o veado; mas tambem lá existe já, bastante gado bovino. Creadores se têm apropriado das regiões

de acesso mais facil, e para lá o vão conduzindo. A parte occupada porém, é uma pequena fracção d'esses extensos territorios; e os actuaes occupantes, em geral, não possuem titulo algum legal sobre a posse dos sitios que occupam, a não ser algumas companhias recentemente formadas e que se têm esforçado por occupar vastas areas d'essas terras devolutas, enquanto ellas são baratas.

Ninguém tentou ainda calcular a superficie dos territorios occupados pelas florestas; nada nos autorisa a fazer ideia de que tamanho é a sua extensão: mas dos terrenos araveis já é diferente; um calculo, vago embora, póde ser feito desde já; no minimo, estes pampas enormes occupam uma area nunca inferior a quinhentos mil kilometros quadrados. E, logo que certas regiões ainda inexploradas forem a estas sommadas e as explorações estiverem completas, com certeza esta area mostrará que a sua provavel superficie se approximarà de seiscentos a seiscentos e cincoenta mil kilometros quadrados.

Continuando a subir a região mais alta, seguindo os rios do lado do occidente, estas planicies vão dando lugar a valles margeados por pequenas encostas; colinas altas bastante para darem lugar a barrocaes profundos, até que definitivamente deixamos a area dos campos, cujo horisonte é sempre o mesmo, quer seja ao amanhecer quer seja ao anoitecer, e entramos em terrenos de formação differente.

Os indigenas chamam Inugas a uma facha de terrenos com um comprimento de mais de trez mil kilometros e uma largura muito variavel que nunca alcança quinhentos. São elles que formam a fronteira occidental da Amazonia; chegamos afinal a uma região que não se conta mais como fazendo parte da Amazonia, mas que pertence comtudo ás regiões sujeitas ao systema de escoamento que o Amazonas impõe. Inugas é o nome dado aos córtes que as cordilheiras soffrem, e que partindo de seus cumes nevados, formando valles e barrancos, vêm findar nas planicies ha pouco referidas; todos elles são parecidos. N'alguns, o valle é mais largo do que n'outros, o fosso mais profundo, e ás vezes, perigoso.

Os caminhos variam desde a estrada empedrada e ampla ao carreirinho de um palmo ou ainda menos, de largura, sobre barrancos medonhos; e, em baixo, lá n'um abysmo de mais de cem metros, o rio preguiçoso e tranquillo, onde fatalmente irá parar tudo o que de taes caminhos tombar.

Todos têm porém, terminação identica. Em cima, a neve; na raiz, a floresta e os campos. A altura d'estes montes, entre o cume nevado e a raiz vai até doze mil pés, se vem da cordilheira occidental e até dez mil se vai da região dos Andes. Estas passa-

gens estendem-se n'uma linha de norte ao sul, da Venezuela para a Bolívia; esta linha segue avante; mas as suas águas vão para o Orinoco; e também não são mais da Amazonia as passagens e descidas estereis e rochosas que ficam ao sul de 20 graus de latitude sul. Os regatos que têm origem nos Ioungas, tornam-se rios de quarta classe e vão todos engrossar os afluentes do Amazonas. A maneira do viver n'estes obscuros valles onde se colhe sem semear, as condições sanitarias e a maneira como lá se instalaram os seus habitantes, são assumpto que valem bem ser noticiados aqui.

Uma mostra typica dos valles maiores é o grupo conhecido por Ioungas de La Paz, especialmente a parte que contem as cidades de Coroico, Chulumani e Coripata, e que pertencem á classe superior dos que têm origem na cordilheira principal. Principia aqui o rio Beni, affluente do rio Madeira. Lá, a dezeseis mil pés acima do nivel do mar, tem inicio n'uma geleira, um riacho que durante algumas leguas se lança ao longo de um escoadouro d'essas altas serranias, atravez de terras proprias para a cultura de forragens, mas onde ellas não dão mais do que o preciso para os rebanhos de *llamas* que por lá pastam pacificamente.

As noites, aqui, são frigidissimas; mesmo no fim do verão, a neve cahe dia a dia, como que convidando os pobres e rudes indigenas a carregar como ella as suas *llamas* e ir vende-la na cidade proxima; e elles assim fazem: é typico e interessante ver esses filhos da selva americana conduzindo lotes de *llamas* carregando o gelo com que a cidade se abastece; a differença de altitude entre a cidade e o ponto onde o gelo é extrahido é sempre de mil metros para cima. Antes de descermos ao valle que nós seguiremos até o riacho, sahir da região dos Inugas e alcançar a dos grandes platôs, algo mais se deve dizer a respeito do ponto onde elle tem seu inicio.

A nota dominante e que se nos depara do topo d'estes despenhadeiros é a amplidão: amplidão immensa. E quando o dia é claro, tem um brilho singular, enganador. Apparece ao longe um pico atrahente; interessante; olha-se com attenção; calcula-se a distancia; dois kilometros? nem isso... o observador seduzido, julga n'um instante alcançal-o... e marcha, marcha, marcha. Os dois kilometros já são seis, e, muitas vezes, a miragem seductora ainda não está á mão. Lá na direcção do norte, avista-se o cume de uma serra com o seu capacete eterno de neve branca e brilhante; calcula-se a distancia: vinte, trinta milhas; menos de quarenta, com certeza. E' Illampu ou é Sorata, os altos picos que se espelham no lago Titicaca do alto dos seus vinte e dois mil pés de altura; seis mil mais do que o ponto de onde se olha, e que.

não está a menos de quarenta milhas de lá: está a muito mais de cem! Dia claro; brilhante; em direcção ao Sul, um pequeno ponto luminoso se vê perfeitamente: é a cratera do vulcão de Sajana, a vinte e dois mil e quinhentos pés de altitude e a cento e trinta milhas de distancia. Em baixo, o observador attenta no surprehendente scenario, e avista alli, pertinho, a alta planicie, esse esplendido *plateau* que se estende do Equador para o Chile. Formando curvas e apresentando recantos de capricho inesperado, lá se foram espalhando villas e aldeias.

São vastos, immensos descampados onde não se avista uma arvore e onde nem relva bôa ha. A sua altitude é de treze a quatorze mil pés; e o universo não nos apresenta quadro similar, a não ser o grande *plateau* do Thibet. Ao noroeste fica o lago Titicaca de cento e cinquenta milhas de comprido por quarenta de largura, e a sua linda e magestosa guarda de montanhas coroadas de neve e postas de sentinela ao norte de suas margens. A paizagem é grandiosa mas não é agradável. Esteril não é, mas as colheitas de cevada e de quina são raras e muito pobres. Sob todos os aspectos esta região forma um perfeito contraste com aquella dos valles Inugas.

A maior parte das propriedades pertence ás duas ultimas secções; os hespanhóes, ou antes os brancos, que d'elles descendem, são donos de vastissimos terrenos, cujas divisas ás vezes vão longe, pelo interior além.

Estas propriedades prestam-se admiravelmente a varias culturas e a muitos ramos de industria.

Madeiras, muitas d'ellas superiores, são abundantes; hulha branca, sempre á mão; solo riquissimo; clima, é escolher! Se quizer o frigido, fica no alto da serra; se quizer o quente, desce quatorze mil pés, floresta virgem e calor á vontade: e entre estes dois pontos todas as outras temperaturas, menos a tropical. E, consequentemente, em cada um dos climas escolhidos, se pôdem cultivar as plantas que lhe são proprias em qualquer outra região da terra de clima equivalente. Mas isto lá não acontece; trez ou quatro artigos de exportação; nos arredores das povoações grandes, fructas e vegetaes; tuberculos de varias especies, e pouco mais. O resultado natural da troca constante de clima observa-se no amadurecer dos vegetaes, que n'um lugar amadurecem muito depois do que n'um outro, segundo o lugar é differente em clima.

D'este modo, em Outubro, os morangos amadurecerão a dois ou trez mil pés de altitude; e d'ahi, se o tempo vai passando, a gente vai subindo; terminará ás portas de La Paz, onde no mez de Fevereiro os morangos têm o frescor dos que em Outubro se colhem, nove ou dez mil pés abaixo da altitude da capital da Bolivia. A *palta*, certa classe de peras produzida n'esta região, é muito

bôa e abundante; mas isto é um caso extraordinario. Os productos principaes são o café e a coca; tambem produz algum milho, canna doce, bananas e arroz. O café produzido na altitude inferior a cinco mil pés, n'estas zonas, é, sem duvida alguma, o melhor do mundo; e os seus melhores typos são tão procurados, que quem não for da região productora, para os obter, tem que fazer as encomendas com um ou dois annos de avanço.

Quando os cafesaes estão em flôr, apparecem cobertos de botões brancos com um perfume doce e penetrante, dando ás folhas um verde escuro brilhante; e, ao fundo, as cores accentuadas e proprias da floresta, e isto tudo enquadrado por um lindo valle, dos muitos que lá ha, dando ao quadro uma vista soberba.

A coca é outra planta que só em região como esta produz os seus typos mais bellos. Este arbusto é cultivado para ser desfolhado, uma vez por anno; estas folhas são enfardadas por compressão, como o algodão ou alfafa, depois de terem sido seccas, estendidas em pavimentos terreos, calçados de alvenaria. E' com estas folhas que se produz a cocaina, o narcotico elegante da nossa época.

A coca cresce bem nas regiões inferiores dos Inugas, mas perde em qualidade o que ganha em tamanho; aquella que é especial é a que é creada em plena região dos Inugas.

A diversidade de productos não se limita só ao reino vegetal; no reino animal o mesmo phenomeno tem lugar, quer se trate de animaes domesticos quer se trate de selvagens. Entre os animaes de caça encontra-se desde o urso que nas montanhas se caça por desporto, até o chichilla que dá uma das pelles mais estimadas do mercado; depois, descendo, encontra-se a perdiz de diversas especies, o pato, a codorniz, grande e pequena; e, descendo mais, o jaguar, o veado; porcos, o solitario javali, o catête e outras especies ainda. Entre as aves ha o peru', os papagaios, e muitas e muitas mais, que se recommendam ora pela sua carne saborosa, ora pela sua plumagem linda e muitas vezes originalissima.

Entre toda a região dos Inugas ha madeira; não madeira grossa como aquella que nos dão as florestas das altitudes mais baixas, mas sim, de grossura media, mas muito dura e muito duravel; ella serve para moveis, construcções e tambem para dormentes de estradas de ferro; trabalhar n'ella porem é muito difficil.

Tambem tem a região numerosos valles, não só do alto abaixo das montanhas, como lateraes que entroncam no principal; geralmente estreitos e com barrocas tão fundas, que a cultura é difficil porque a terra nunca tem o nivel desejado.

Devido a isto os agricultores são obrigados a fazer terraços construindo paredes de pedra secca, que amparam e supportam a

terra na sua queda; e, formando assim, pelas ladeiras acima pequenas secções de terras de amanho. Estes socalcos vistos de longe, semelham-se a uma escada gigantesca e de degraus irregulares; cada degrau é uma pequena horta e ha fileiras de cinco, seis e mais, quando as colinas se prestam e as quedas são grandes. Devido a isto, os trabalhos da agricultura são quasi sempre annuaes; por acaso se encontram terras onde o arado, puxado a bois, póde e é usado.

As grandes povoações d'estas regiões, são do typo hespanhol colonial; pequenos largos; a egreja, que nos dá ideia da importancia da terra; e, o socego da vida pacifica do interior.

São de fundação antiga; os primeiros povoadores são de data anterior á chegada de Pizarro. Os poiães para a cultura da hortaliça e as antigas estradas empedradas e pontes de pedra tambem, são o que resta do vasto imperio dos Incas; elle porém já herdara tudo de uma civilização mais antiga: os indigenas de agora são os descendentes directos desses velhos povos que produziram a civilização, que o vasto imperio dos Incas assimilou ou usou.

Os Inugas da cordilheira Oriental têm o mesmo typo e a mesma feição dos da Occidental, parecem comtudo mais antigos; as estradas não são tão boas; as descidas são mais perpendiculares; ás vezes são verdadeiras escadas de pedra bruta que as bestas de carga sobem ou descem degrau a degrau, cuidadosamente.

Os productos são os mesmos, mas ha riachos e ribeiros nos valles superiores.

As noites que se passam nos Inugas dos da altitude de Coloni e São Benito quasi nos convencem que effectivamente existem espiritos aquaticos, nymphas ou sereias. Quando o vento é sereno e não provoca ruido nas florestas, o barulho dos ribeiros e regatos é tão insistente e peculiar que se tem a illusão de que uma musica extranha nos desperta e agrada tanto, que a noite se passa sem dormir e como que por encanto. Ha mesmo certos lugares em que o ruido de varios regatos é ouvido a um só tempo e esta mistura de sons tão agradavel e tão regular, que dá a impressão de que se ouve a musica seductora de uma cantiga cuja letra é ainda desconhecida.

Comtudo, as difficuldades e trabalhos que a marcha do dia produz é um remedio bom para desfazer taes sonhos. Quando as estradas estão más, isto é, de Janeiro a Maio, ellas são más a valer. N'alguns trechos o bater constante da pata das mulas no mesmo lugar durante centenas de annos, produziu na pedra calcarea do respectivo leito, uns buracos de um palmo ou dois de fundura e que muitas vezes estão cheios de coisa muito peor do que agua ou lama mal cheirosa. Os animaes no seu andar medido e cadên-

ciado, mettem as patas n'estes buracos, com toda a força da sua marcha e o peso do seu corpo; então, o nojento conteúdo dos buracos espalha-se nos olhos e nas faces dos conductores dos animaes, se elles não tomam um cuidado especial; mas se se livram os olhos e o rosto, não se livra o resto do corpo, cujas vestes são salpicadas a cada passo por essa lama putrida de mau aspecto e mau odor.

Tambem não ha nos rios destas regiões, pontes de qualquer especie; atravessam-se em canôas ou a nado. E' nas margens destes rios que abundam as moscas *mariguís*, amarellas e muito pequenas; a sua mordedura produz uma penosa irritação. A pequena tribu Iurucaré, que aqui vive, nas margens do rio Santo Antonio, sente as dentadas das *mariguís* tanto quanto os que lá chegam de fóra, apesar da sua pelle não ter nada parecido com a pelle humana: é antes couro aspero, córneo.

E' interessante notar que esta mosca só se encontra na parte inferior dos Inugas, onde os rios já são largos e quasi sempre navegaveis.

Francamente falando, a região dos Inugas ainda não póde receber immigrantes em quantidade; terras onde chove muito, e chuva pesada, tendem sempre a produzir febres intermitentes e doenças semelhantes, além de muitos outros inconvenientes; mas a belleza dos seus campos, a doçura do seu clima, a sua vegetação, a originalidade não só das suas povoações como do modo de lá viver, são razões bastantes para tornar uma excursão agradável e pouco commum; e, se ella fôr feita na estação das estiagens, Maio a Dezembro, nem se torna difficil nem se torna dispendiosa.

O immigrante que deseje estabelecer-se ou comprar terras, é na região dos Inugas que encontrará negocios que melhor futuro lhe possam offerecer.

(Traduzido do "River Plate Observer").

A. D. DE MIRANDEIRA.





A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE

V

EM "LE MALADE IMAGINAIRE"

A última peça em que Molière atira os seus epigrammas e as suas satyras contra os medicos e a medicina, é a comedia-baile, em 3 actos, *O doente imaginario* (por *Doente de scisma* a traduziu Castilho) representada pela primeira vez a 10 de fevereiro de 1673. Foi essa a ultima peça escripta e representada por Molière.

Logo na primeira scena do primeiro acto, Argan, personagem interpretado por Molière, está sentado a uma mesa, sommando com uns tentos as contas do seu boticario. Diz elle o seguinte monologo:

Argan — Trez e 2 são 5 e mais 5 são 10, e mais 10 são 20; trez e dois são 5. "Mais 80, um pequeno clyster insinuativo, preparativo e emoliente, para amolecer, humedecer e refrescar os intestinos do senhor". O que me agrada neste snr. Fleurant, meu boticario, é que suas contas são muito cortezes. "As tripas do senhor, 30 soldos" Sim, porém, snr. Fleurant, não basta ser cortez, é preciso tambem ser razoavel e não esfolar os doentes. 30 soldos por um clyster... sou um vosso creado! Já vos disse que os outros sempre me custaram 20 soldos, e 20 soldos em linguagem de boticario quer dizer 10 soldos. Eil-os aqui: 10 soldos. "No mesmo dia mais um bom clyster deterativo composto com catholicão du-

plo, rhuybarbo, mel rosado, e outros, conforme as receitas, para limpar, lavar e aceiar o baixo ventre do senhor, 30 soldos. "Com vossa permissão, 10 soldos." "No mesmo dia á noite, mais um julepo hepatico, suporifico e somnifero composto, para fazer dormir o senhor, 35 soldos." Com isto concordo, porque realmente a droga me fez dormir bastante. Dez, 15, 16, 17 soldos e 6 dinheiros. Mais uma tizana purgativa e corroborativa, composta de cassia fresca com sene levantino e outros, segundo a receita do dr. Purgon, para expellir a bile do senhor, 4 libras. "Ah! snr. Fleurant, isto é gracejo; é preciso viver com os doentes. O dr. Purgon não vos receitou que mettesse aqui 4 francos. Mettei, mettei 3 libras si vos apraz. Vinte e 30 soldos. "No mesmo dia, mais uma poção anodina e adstringente, para acalmar o senhor, 30 soldos. Bom, 10 e 15 soldos. "Mais um clyster carminativo para expellir os gazes do senhor, 30 soldos." Dez soldos, snr. Fleurant." Mais um clyster pedido á noite, 30 soldos". Dez soldos, snr. Fleurant. "Uma boa medicação composta para auxiliar a prompta expedição dos humores, 3 libras." Bem, 20 e 30 soldos; e fico bem satisfeito si fordes razoavel. "Uma dose de soro de leite, clarificado e edulcorado, para adoçar, abrandar, temperar e refrescar o sangue do senhor, 20 soldos." Bom, 10 soldos. "Mais uma poção cordial e preservativa, composta de 12 grãos de bezoar, xarope de limão e romã, conforme a receita, 5 libras" Ah! snr. Fleurant, mais de vagar, fazei o favor; si continuardes assim, ninguem quererá mais ficar doente: contentae-vos com 4 francos, 20 e 40 soldos. Trez e 2 são 5 e 5 e 5 são 10 e 6 dinheiros. Si bem que neste mez eu tomasse uma, duas, trez, quatro, cinco, seis, sete, oito medicações e um, dois, trez, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze clysteres, e no mez passado usasse doze prescripções e 20 lavagens intestinaes, não me admiro que me sinta melhor do que me sentia. Communicarei isso ao dr. Purgon para que elle ponha tudo isso em ordem. Vamos. Tirem tudo isto daqui. (*Vendo que não apparece ninguem.*) Ninguem? Direi bem alto: deixem-me sempre só! Não ha meios de retel-os aqui!

E depois de tocar a campainha, de bradar em vão sem ser atendido, sem que ninguem appareça, exclama:

— Ah! meu Deus! Elles me deixarão morrer aqui!

Na scena seguinte, depois de um dialogo interessante, ToINETTE diz:

T. — Estes senhores Fleurant e Purgon têm-se divertido com o vosso corpo; descobriram em vós uma boa vacca leiteira. Queria que elles me dissessem que mal tendes, para receitarem tantos remedios.

Argan. — Calai-vos, ignorante; não está nas vossas attribui-

ções fiscalizar as prescrições da medicina. Ide chamar minha filha Angelica, tenho alguma cousa que lhe dizer.

Na scena V do mesmo acto, dialogando com Toinette e Angelica, diz Argan:

— Minha opinião é que, vendo-me achacado e doente, como estou, desejo um genro e alliado medico, com o fim de me soccorrer de bons recursos contra a minha molestia, e de ter em minha familia não só a fonte dos remedios que forem necessarios, mas tambem das consultas e das receitas.

Na scena VI entram o doutor Diafoirus, seu filho Thomaz, Argan, Angelica, Toinette e Cleante.

A' chegada do doutor, Argan põe a mão sobre o barrete, não o tirando, porém, dizendo:

Argan. — O doutor Purgon, meu caro snr., me prohibiu de descobrir a cabeça. Sois do officio, deveis saber a que consequencias me exponho.

Dr. Diafoirus. — Nas nossas visitas apparecemos para prestar soccorros aos doentes e não para os incomodar.

Falando todos ao mesmo tempo, estabelece-se este dialogo:

Dr. Diafoirus. — Aqui viemos, senhor...

Argan. — Com muito prazer...

Dr. Diafoirus. — Meu filho Thomaz e eu...

Argan. — Fazem-me uma grande honra...

Dr. Diafoirus. — Testemunhar-vos, senhor...

Argan. — Eu desejaria...

Dr. Diafoirus. — O enlevo em que estamos...

Argan. — Pode vir a vossa casa...

Dr. Diafoirus. — Pela graça que nos concedestes...

Argan. — Para vos assegurar...

Dr. Diafoirus. — Fazendo a fineza de nos receber...

Argan. — Mas sabeis, senhor...

Dr. Diafoirus. — O que é muita honra, senhor...

Argan. — Que não passo de um pobre doente...

Dr. Diafoirus. — A vossa alliança...

Argan. — Que não faz outra cousa...

Dr. Diafoirus. — E vos assegurar...

Argan. — Senão dizer-vos aqui...

Dr. Diafoirus. — Que tudo quanto depender de nossa arte...

Argan. — Que procurará todas as occasiões...

Dr. Diafoirus. — E mesmo de outra qualquer...

Argan — De vos fazer saber que...

Dr. Diafoirus. — Estaremos sempre promptos...

Argan. — Está ás vossas ordens...

Dr. Diafoirus. — A vos testemunhar nosso zelo. (A seu filho Thomaz). Vamos, Thomaz, adeanta-te, faze os cumprimentos.

Thomaz (a Diafoirus) — Não é pelo pae que convém principiar?

Dr. Diafoirus. — Sim.

Thomaz (a Argan) — Venho saudar, reconhecer, prezar e venerar em vós um segundo pae, mas um segundo pae a quem ouço dizer que me acho mais devedor do que ao primeiro. O primeiro me gerou, mas vós me haveis escolhido. Elle recebeu-me por obrigação, mas vós me haveis aceitado por uma graça. O que tenho d'elle é obra de seu corpo, mas o que tenho de vós é obra de vossa vontade. E quanto mais as faculdades espirituaes estão acima das corporaes, tanto mais vos devo, tanto mais tenho como preciosa esta futura filiação, da qual venho hoje render-vos, por antecipação, as mais humildes e mais respeitosas homenagens.

Toinette. — Ditosos os collegas de cujo seio sae um homem tão illustre!

Thomaz (ao Dr. Diafoirus) — Está bem assim, meu pae?

Dr. Diafoirus. — *Optime.*

Argan (a Angelica) — Vamos, sauda aqui ao senhor.

Thomaz (a Diafoirus) — Deverei beijal-a?

Diafoirus. — Sim, certamente.

Thomaz. — Senhora! E' com justiça que o céu vos concedeu o nome de sogra, pois que...

Argan. — Não é a minha mulher, é a minha filha que falaes.

Thomaz. — E onde está ella?

Argan. — Vae chegar immediatamente.

Thomaz (a Diafoirus) — Esperarei, meu pae, que ella venha?

Diafoirus. — Apresentae os cumprimentos ás mademoiselles.

Thomaz. — Mademoiselles. Assim como a estatua de Memnon desprendia um som harmonioso quando era illuminada pelos raios do sol, da mesma maneira me sinto animado de um doce transporte á apparição do sol das vossas bellezas, e como os naturalistas notam que a flor chamada heliotropio está sempre voltada para o astro do dia, assim meu coração de hoje em diante estará sempre voltado para os astros resplendentes de vossos lindos

olhos, que são o unico pólo. Consenti, pois, mademoiselle, que eu deponha no altar dos vossos encantos a offerenda deste coração que não respira e não ambiciona outra gloria senão ser por toda a vida, mademoiselle, vosso mais humilde, mais obediente e mais fiel servidor e marido.

Toinette. — Quanto é bom estudar! aprende-se a dizer tão bellas cousas...

Argan (a Cleante). — Então, que dizeis de tudo isto?

Cleante. — Que o snr. faz maravilhas, e que si elle é tão bom medico quanto é bom orador, daria prazer ser seu doente.

Toinette. — Certamente. Será cousa para se admirar si elle fizer tão bellas curas como faz bonitos discursos.

Argan. — Depressa, cadeiras para todos; (para a filha) sentae-vos, minha filha (A Diafoirus). Vêde, meu caro, que toda a gente admira o vosso filho; por isso vos vejo bem feliz em ser pae de um rapaz como elle

Proseguindo o dialogo, diz Diafoirus:

Diafoirus. — Não é porque seja eu o seu pae, mas posso dizer que tenho motivos para estar bem orgulhoso d'elle, e que todos esses que o vêem falam d'elle como de um rapaz que não tem malicia. Nunca teve viva imaginação, nem essa agudeza de espirito que se nota em alguns, mas é exactamente por isso que tenho sempre augurado bem do seu discernimento, qualidade requerida no exercicio da nossa arte. Quando era pequeno não foi nunca nem esperto nem travesso. Foi sempre terno, socegado e taciturno; não falava nem mesmo brincava com as cousas proprias da sua idade. Deu um grande trabalho para aprender a lêr e escrever: tinha já 9 annos e não conhecia as letras do alphabeto. Bom; dizia eu comigo, as arvores tardias são as que dão melhores fructos. Grava-se mais difficilmente sobre o marmore do que sobre a areia, mas no marmore a gravura se conserva; e esta difficuldade de comprehensão, esse peso da imaginação é a marca de um bom juizo futuro. Quando o metti no collegio, encontrou obstaculos, mas reagiu contra elles e os seus mestres me louvavam sempre a sua assiduidade e o seu trabalho. Emfim, á custa de esforços triumphou, e hoje posso dizer sem vaidade que ha dois annos alisa os bancos da Academia e não ha lá outro candidato que, como elle, tenha feito mais ruido em todas as disputas da nossa escola. Tornou-se temivel. Nos exames não deixa nunca de contrariar a banca. E' firme na discussão, forte como um turco em seus principios, não desiste nunca de suas opiniões, e prosegue nos seus raciocinios até o ultimos recantos da logica. Mas sobretudo o que me agrada nelle, no que segue o meu exemplo, é que se agarra cegamente ás opiniões dos nossos antepassados, não tendo querido nunca com-

prehender nem escutar as razões e as experiencias das pretensas descobertas do nosso seculo, no tocante á circulação e outras opiniões da mesma laia.

Thomaz (tirando da algibeira uma grande these, enrolada, que mostra a Angelica) — Sustento contra o opinião dos circuladores uma these que (saudando Argan) com a permissão do senhor, ousou apresentar a mademoiselle como uma homenagem que lhe devo das primicias do meu espirito.

Angelica. — Senhor, isto para mim é uma cousa inutil, não entendo disso.

Toinette (tomando a these) — Deixae vel-a. Servirá como estampa e irá enfeitar nosso quarto.

Thomaz (saudando ainda Argan) — Tambem com a vossa permissão, vos convido a vir ver, qualquer destes dias, para vos divertir, a dissecção de uma mulher, sobre a qual devo discorrer.

Toinette. — O divertimento deverá ser agradável. Ha quem chame a attenção para as suas amantes, mas fazer uma dissecção é qualquer cousa mais galante.

Diafoirus. — De resto, no que concerne ás qualidades requeridas para o casamento e a propagação da especie, vos asseguro que, segundo as regras dos nossos doutores, elle é o que se pode desejar de bom, pois que possui em louvavel grau a virtude prolifica, e o temperamento requerido para gerar filhos bem constituídos

Argan. — Não tendes a intenção de trazel-o á côrte e arranjar ahi para elle um lugar de medico?

Dr. Diaforus. — Para vos falar com franqueza, o nosso mister ao pé dos maioraes nunca me pareceu agradável. Sempre pensei que para nós é muito melhor servir ao povo. O publico é comodo. Não tendes a quem dar satisfação dos vossos actos, e desde que se siga a risca as regras da arte, não ha receio do que possa vir a succeder. O que ha de incommodo, desagradavel ao lado dos grandes, é que quando elles adoecem querem por força que seus medicos os curem.

Toinette. — E' divertido. Que grande impertinencia de quererem elles que os senhores os curem! Os senhores não vão para junto delles para isso. Quando vão até junto delles é tão somente para receber as suas visitas e lhes receitar os seus remedios, e a elles, si podem, é que compete a cura.

Diafoirus. — E' a verdade. Não se é obrigado a tratar as pessoas senão segundo as regras.

Na nona scena, ainda do segundo acto, encontra-se esse dialogo:

Dr. Diafoirus. — Snr. vamos fazer as nossas despedidas.

Argan. — Peço-vos, snr. de me dizer como estou passando.

Diafoirus. — (Tomando-lhe o pulso) Vamos, Thomaz, to-mae o outro braço do snr. para ver si podeis fazer um bom juizo de seu pulso. "*Quid dicis?*"

Thomaz. — "*Dico*" que o pulso do snr. é o pulso de um homem que não está passando bem.

Diafoirus. — Bom.

Thomaz. — Que é durinho, para não dizer duro.

Diafoirus. — Muito bem.

Thomaz. — Repelente.

Diafoirus. — "*Bene*".

Thomaz. — É qualquer cousa caprisante.

Diafoirus. — "*Optime*".

Thomaz. — O que denuncia uma intemperie no "*parenchyma splenetico*", isto é, no baço.

Diafoirus. — Muito bem.

Argan. — Não. O doutor Purgon disse que é o meu figado que está doente.

Dr. Diafoirus. — Sim: quem diz *parenchyma* diz um e outro, por causa da estreita *sympathia* que ha entre ambos por meio do "*vas breve*", do pyloro, e, muitas vezes dos meatos cholodicos. Sem duvida elle vos recommendou que comesse muita carne assada.

Argan. — Não. Que comesse somente cosido.

Diafoirus. — Sim: assado ou cosido é tudo a mesma cousa. O Dr. Purgon vos aconselhou com muita prudencia. Vós não podeis estar em melhores mãos.

Argan. — Doutor. Quantos grãos de sal se deve pôr num ovo?

Diafoirus. — Seis, oito, dez, para os numeros pares; como nos medicamentos, para os numeros impares.

Argan. — Até mais ver, senhor.

MUCIO DA PAIXÃO.

Li sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura

BIOTONICO
FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

J.P.

WESSEL

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR: BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das for-
ças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas con-
vallescenças de todas as molestias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e occorrem ma-
nifestações nervosas, della
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot
Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico
de clinica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

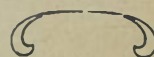
Palavras do eminente
scientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

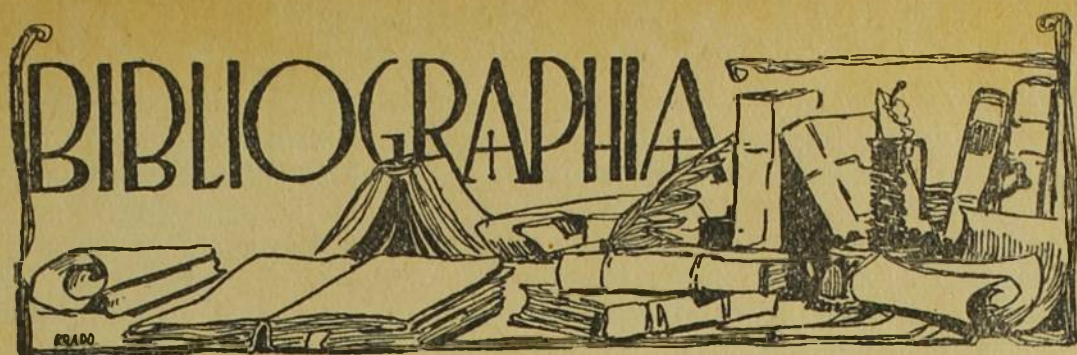
Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo



CIDADES ETERNAS, versos de Martins Fontes. Edição do Bazar Americano, Santos, 1923.

Babylonia, Deli, Athenas, Roma, Alexandria, Veneza, Florença, Granada, Byzancio, Lisboa, Pariz e Bruges, taes são as cidades eternas que surgem, illuminadas e cheias de esplendores, ante os olhos attonitos do leitor, que as contempla através daquelles versos feitos de marmore e bronze, de prazios e de estrellas. O grande poeta, com a magia de sua evocação, apresenta cada uma dellas tal como é para a visão exterior e para a visão introspectiva, com seu recorte material e com seu acervo de tradições inapagaveis: Para cada uma usa da linguagem mais propria, que lhe dá mais cor, e nesse particular a sua riqueza de tintas idiomáticas é tão vária e tão rica, que os maiores sabedores da lingua, tomados de surpresa, cuidarão por ventura que poeta foi buscar elementos de expressão nos lexicons peregrinos. Mas, não. Tudo nesse livro prodigioso é do mais puro vernaculo.

Lede essa obra-prima intitulada "Roma":

Immemorial, marcial, de metal e granito,
Clarisonando ao sol, toda purpurea e de ouro,
Roma, erguendo-lhe em vida, o bronze immorredouro,
Saúda o triumphador da Germania e do Egypto.

A urbe a Cesar bemdiz, por ter, sob o seu fôro,
A' justiça da força o mundo circumscripto.
Louva o soldado heróe, poeta e jurisperito,
Pontifice, orador, marechal, commodoro!

Mas, nos idos de março, ante o Senado, a Gloria,
Filha da Morte, dá-lhe a extrema-uncção fraterna,
Concede-lhe o laurel da perpetua victoria:

No tempo, a Humanidade, a evocar, se prosterna,
E seu culto traduz nesta inscripção marmorea:
— "A Cesar, Semi-Deus, Roma, a Cidade Eterna!"

*DEFORMAR-SE E VIVIR, novella de Vicente A. Salaverri.
Editorial Cervantes, Barcelona, 1923.*

O sr. Salaverri é um dos mais fecundos escriptores do Uruguay. O sr. E. Barrios, que tracou um breve prefacio para essa novella, breve mas subs-

tancioso, referindo-se á laboriosidade desse escriptor, lembrou que alguém disséra que não é possível distinguir todas as suas actividades, pois são infinitas. Com effeito, causam tal impressão. Sem largos intervalos, compõe chronicas e contos, dicta conferencias, pronuncia discursos, commenta os acontecimentos da actualidade em tres diarios de Montevidéo e em diversas revistas do Rio da Prata, dirige correspondencias á secção pecuaria de "La Nacion", de Buenos Aires, administra estancias em Trinta y Tres, vive, luta, ama, multiplica-se... E' uma personalidade que desconcerta, que assombra, e que, sobretudo, captiva e se faz querer.

Verdade é que os seus trabalhos literarios se resentem um pouco dessa pressa, e dão a impressão de que são compostos de um jacto. O novellista raramente volta atraz para mudar uma expressão, arredondar um periodo, verificar se a imagem que empregou tem a suggestão que quiz evocar; sem embargo de tudo isso, ou talvez porisso mesmo, o seu estylo, pela eloquencia e pela expontaneidade, tem um raro calor, e a acção decorre, fluente, sem tropeços.

"Deformar-se es vivir" é a historia de um rapaz tímido, tão tímido, que faz versos ás escondidas da familia, receioso de que o censurem. Morto o pae, e sentindo pesarem sobre os seus hombros as responsabilidades da vida, resolve seguir a carreira literaria, unica que se lhe antolha. Casa-se. Com os escassos ganhos que aufere, mantem a esposa e filhos, cada vez mais desencorajado. Mas a esposa é ambiciosa e põe-no em brios. Elle então, pela acção da propria vontade, vence a timidez, adopta outra alma, ou melhor, deforma a propria para tornal-a uma alma combatente, e integra-se na natureza, fazendo-se creador de gado. O poeta lyrico desaparece de todo para dar lugar ao homem de acção. A victoria vem corôar o seu esforço. Obeso e rico, porém, não perde aquella fina sensibilidade que lhe deu o amor da poesia, e faz-se então o Mexenas dos poetas pobres.

Essa novella é, sobretudo, confortadora pela sua elevada moral e pela lição de fortaleza que propina aos fracos de toda classe.

RITINHA E OUTROS CASOS, por Léo Vaz. Editores Monteiro Lobato & Comp. São Paulo, 1923.

Um livro de Léo Vaz constitue sempre um successo literario, seja qual for a materia que contenha. Basta-lhe o nome do autor. Léo Vaz, com seu estylo simples e diaphano, sempre correcto e apurado, conceituoso, que ora faz sorrir, ora pensar, é hoje um dos escriptores mais lidos de São Paulo. Nem sempre este escriptor se dá ao trabalho de crear novellas, recorrendo á invenção; prefere dar fôrma nova a velhos assumptos. Verdade é que o faz com tal habilidade, com tal finura, que o velho thema lhe sae das mãos remoçado, fresco, como se o tivesse colhido, naquelle momento, na imaginação. E' que o "assumpto", para este escriptor, é coisa de pouca valia e com que nunca se preocupa. O que lhe importa, acima de tudo, na narração, é o pormenor, são os elementos secundarios, e é nisso que está o seu poder de creação. A vivacidade dos conceitos, os effeitos de expressão, os contrastes, as surpresas de toda classe impõe-se de tal maneira ao animo do leitor, que este acaba por desprezar a acção da novella, por já lhe ser conhecida e familiar, para levar a sua curiosidade por outros caminhos. Alguem disse de Léo Vaz que elle é um estylo á procura de uma imaginação. Não é bem verdade isso, porque elle tambem possui imaginação, e quando recorre a ella, nos dá sempre novellas encantadoras, como as ha muitas nessa preciosa collecção que é "Ritinha".

ASCENSOES E DECLINIOS, versos de Coelho da Costa, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Livraria Universal de Echenique e Comp., Pelotas, 1923.

Um fino perfume num frasco grosseiro... Occorreu-nos o estafado chavão ao percorrermos as primeiras paginas deste desgracioso volumezinho, destinado, porisso mesmo, a passar despercebido. Ninguém, por certo, cuidará que esta feia brochura, de extremidades aparadas em redondo, deformada no lombo pela grampeação, composta com typos mal escolhidos e de vário corpo, a dar impressão de catalogo de typographia, poderá conter poesias encantadoras, realizadas com uma technica quasi perfeita. Pois é verdade. Para que o leitor possa colher todas as bellezas que o volume contém, necessita alheiar-se da fealdade material com que ellas se apresentam. O poeta das "Ascensões e declínios" trabalhou longos annos para completar o seu livro, poz em todas as paginas o maximo do seu genio e o maximo do seu esforço de artista, e analysou-as verso a verso, e poliu-as, e apurou-as... Por fim, embrulhou-as á pressa em papel grosseiro e offereceu-as ao publico. E' pena! Aquelles versos, pelo alinhio, pela feitura, pelo calor de inspiração que os bafeja, mereciam bem uma edição elegante, ao menos discreta. Afóra isso, tudo mais merece louvores. O sr. Coelho da Costa é um verdadeiro poeta, e o seu livro é um dos melhores livros de versos que têm apparecido ultimamente.

Para mostra, ahi vae este soneto intitulado "Perfeita":

E's a mulher edenica e perfeita,
Eva em todo o esplendor da formosura,
Venus, mas Venus sublimada e pura,
De luz, de aroma e de harmonia feita!

Exalçam-te os encantos da figura
Excepcional, de estirpe nobre e eleita,
Essa innocencia que o teu sêr enfeita,
Essa bondade que no bem se apura.

Brilha em teus labios de um sorriso o esboço,
Um só olhar desses teus olhos desça...
E de emoção e de intimo alvoroço,

Quem ha que ao te fitar não estremeça,
A' gloria triumphal do corpo moço,
A' maravilha regia da cabeça?

LOCUÇÕES ADVERBIAES FRANCEZAS, por Leonardo Pinto, lente da Escola de Commercio Alvares Penteado. 2.ª edição, 2.º, 3.º e 4.º milheiros. Monteiro Lobato e Comp., editores, São Paulo, 1923.

Para o brasileiro o aprendizado da lingua franceza é relativamente facil, porque é uma lingua de que toda gente possui mais ou menos noções. O aprendizado resume-se no conhecimento da syntaxe de construcção e de um certo numero de vocabulos, os necessarios para os gastos da conversação e para assimilar a leitura de algumas paginas de literatura. Essa lingua, porém, offerece um escolho, que são as suas locuções adverbias. Todos os

diccionarios as trazem, mas estudal-as através dos diccionarios é uma tarefa tão penosa como procurar agulha em palheiro. O livro do sr. Leonardo Pinto vem, pois, preencher uma lacuna, tornando-se porisso um livro tão util, tão precioso, que não ha quem possa dispensal-o. De resto, a farta e riquissima collecção de locuções de que se compõe o livro deste distincto e paciente professor, foi organizada com muito methodo, de modo a facilitar a procura da expressão pela ordem alphabetica. A presente edição foi notavelmente melhorada e grandemente ampliada. Todos os estudantes de francez e mesmo os que o conhecem com segurança, necessitam ter sempre á mão esse livro para as consultas urgentes.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS DA LINGUA ITALIANA, por Leonardo Pinto. Monteiro Lobato e Comp., editores, São Paulo, 1923, 2.ª edição, 2.º e 3.º milheiros.

Durante muitos annos se descurou, em São Paulo, do estudo da lingua italiana, a despeito das correntes immigratorias que para cá se dirigiam e da poderosa influencia que o italiano vem exercendo em nosso Estado, influencia benefica, força é reconhecer, mercê da qual muitos adeantamentos se vêm operando entre nós em todos os ramos da actividade. Era justo, pois, que o estudo da lingua italiana se impuzesse como uma necessidade. Graças, porém, aos programmas dos Gymnasios Officiaes e do da Escola de Commercio Alvares Penteado, foi creada a cadeira dessa lingua, cujo conhecimento se impõe aos que se destinam aos cursos superiores. Se, entretanto, a lingua italiana entrou nos programmas, as grammaticas e as selectas, em que o seu aprendizado se faz, continuam a ser tão escassas como antes. Ao sr. Leonardo Pinto, pela sua operosidade, pelas suas excepçionaes qualidades de didacta e pela proficiencia com que maneja os dois idiomas, o portuguez e o italiano, é que competia preencher essa falta. E é o que está fazendo. O seu trabalho, "Conjugação de verbos" vem facilitar enormemente a aprendizagem da lingua, porque a maior parte das grammaticas que por ahí ha se não são de todo omissas nesse sentido, são quasi sempre incompletas. Na collecção do sr. Leonardo Pinto estão encartados todos os verbos regulares, irregulares e defectivos da lingua.

ALMA BARBARA — Alcides Maya — Annuario do Brasil — Rio — 1923.

Mais um livro de Alcides Maya quer dizer mais um espelho a reflectir a alma rio-grandense.

O insigne estylista compõe quadros primorosos como sempre, ricos de cor e exactos de desenho. Mas como não bastaria isso, que fazer isso é fazer parnasianismo frio, elle impregna taes quadros da vida da emoção — e a obra se completa. A paizagem anima-se e as creaturas vivem sua mysteriosa vida da arte, muitas vezes mais viva que a vida real. Mais viva porque synthetica e composta de modo a num typo ou numa scena concentrar a essencia de milhares de scenas. O valor de Alcides Maya reside em que não enxerga o mundo apenas com os sentidos externos. O mundo lhe resoa n'alma, commove-o, agita-lhe o inconsciente e fal-o exsolver-se em vibrações subtilissimas, as quaes revelam um fundo de mysticismo dia a dia mais accentuado em sua arte.

Este novo livro, trabalhado com extremo carinho na forma, constitue uma obra dessas que os leitores subtis põem á parte, entre os livros eleitos. A sensibilidade humana tem nelle um dos seus mais finos expoentes.

NOITES DE PLANTÃO — Amando Caiuby — Monteiro Lobato & C. — S. Paulo — 1923.

Não é favor nenhum affirmar que poucos livros tem apparecido ultimamente mais interessantes que este. O autor já se revelara ao publico numa aclamada estreia, qual foi a dos *Sapezacs e Tigueras*, collecção de contos da roça como não sabemos de mais vivos e pittorescos.

E tanto num como noutro, o que nos encanta em Caiuby é o vigor da sua personalidade — personalidade plethorica, possante, rica de todas as qualidades que as valorisam.

E' um escriptor que nada tem de academico; que não segue regras nem escolas; que não imita e, impetuoso, deixa-se arrastar sempre pelo temperamento e pela "veia".

O escriptor academico é frio, medido e comedido, incapaz de "extravasar", e por isso mesmo não consegue nunca interessar aos leitores de um modo profundo. Caiuby, pelo contrario, é antiacademico, irregular, incorrecto — mas soberbo de movimento, de vivacidade, de imprevistos e sempre farto de verdadeiros achados de expressão. E', em summa, o typo do escriptor saboroso, que arrasta o leitor pelo livro a fóra, como em doida corrida de auto. No impeto que lhe é habitual, não lhe embarguem o arranque regrinhas de grammatica, nem regrinhas de Albalat, nem maneiras de escola, nem figurinos: elle investe contra essas travancas e as põe em pandarecos, para maior gaudio do leitor farto de literatura penteada e fria.

Noites de Plantão se resumem num desfile rapido de casos policiaes de que o autor, delegado, teve conhecimento directo. Flagrantes da realidade, tudo alli vive com maravilhoso relevo e os typos se desenhão em nosso cerebro de modo indelevel.

Ler as *Noites* é assistir ao mais atropelado, rapido e incisivo *film* policial que pode existir — e é firmarmo-nos na convicção que ser escriptor não é conhecer as regras de bem escrever e bem compor — é ter personalidade e ter talento.

A CANALHA, contos por Gabriel Marques — Irmãos Marrano, editores. S. Paulo, 1923.

Este joven escriptor estreou ha poucos mezes com um livro de contos intitulado "Os Condemnados", livro fraco, a trahir a cada passo a mão incerta do principiante. Sem embargo, o livro obteve o seu pequeno exito, porque, apesar dos defeitos, nelle já revelava o autor certas qualidades e muito gosto para o genero literario que adoptou. De então para cá foi extraordinario o seu progresso. A linguagem, antes flacida, imprecisa, tateante, é hoje cheia de colorido e calor, e o conto trata-o elle com um desembaraço surprehendente. Este seu segundo trabalho, "A canalha", já não é um livro de principiante, e sim de um escriptor, de um escriptor imaginoso, fluente, interessante. Elle cultiva de preferencia um genero muito ao sabor de certos leitores, o genero tragico, comprazendo-se em carregar as tintas do scenario onde faz desenrolar os seus dramas sangrentos. Que tem talento para o genero não ha duvida. Urde com muita habilidade uma trama de tragedia, crea as personagens apropriadas, dá-lhes feições impressionantes, e leva a curiosidade do leitor até ao desfecho, que

é sempre inesperado, entretendo-a com episodios sensacionaes. O sr. Gabriel Marques será em pouco tempo um escriptor muito acceito do grande publico. "A canalha" é um livro destinado a grande exito.

ATALANTA (a mentirosa de olhos verdes), versos de Cassiano Ricardo. Casa Mayença, S. Paulo, 1923.

Um livro de versos geralmente não obedece a um senso de unidade é uma collecção de poesias inspiradas em themas varios e multiplos. Quando nada valha, tem ao menos o merito da variedade. O sr. Cassiano Ricardo, porém, quando compõe um livro tem sempre em vista essa unidade, de modo que cada composição se torna o elo de uma cadeia, dando por vezes a impressão de que, se lhe arrancarmos á collectanea duas ou tres poesias, o conjuncto se desequilibra, de tal maneira estão presos uns aos outros os elementos da idéia central. A variedade, como se vê, fica sacrificada. E se o poeta logra entreter a imaginação do leitor, sem quasi se afastar da mesma ordem de idéas, é porque o seu estro é na realidade poderoso.

"Atalanta" é o poema da natureza. De resto, a natureza, só ella, tem sido a sua musa inspiradora. As suas tres obras já publicadas, "Dentro da noite", "Evangelho de Pan" e "Jardim das Hesperides" são verdadeiros poemas da natureza, e o proprio amor, quando o poeta se praz em cantal-o, não é o mesmo que todos os poetas cantam, que está dentro do individuo, episodio sentimental que busca expansão, e sim o amor universal, operado entre as espheras e entre as plantas. Esse amor, por certo, é muito menos interessante que o outro, que o amor egoista que todos sentem, mas o poeta, com seu estro de fogo, communica-lhe tanto calor, que por fim tambem o sentimos, immenso e transbordante, no leito de nupcias do universo. O sr. Cassiano Ricardo é de uma eloquencia tumultuosa, e dispõe, ao serviço dessa eloquencia, de uma lingua riquissima, de multiplas tonalidades, e de uma imaginação ardorosa e fertil. D'ahi o motivo da sua preferencia pelas poesias longas, sem limite prefixado, onde possa espalhar os seus largos gestos e os seus clamores.

E' um verdadeiro poeta. Illustramos esta breve noticia com este soneto magistral, que é o que fecha o poema:

ALMA DE EDIPO

O sol é a realidade; é o delirio sangrento
que as miragens espanca; é alvorada e é tributo!
Sem a sombra e a piedade, o meu olhar é enxuto;
Sem a nevoa do sonho, estúa o meu tormento...

Sobre a lama, onde soffro, onde sangro, onde luto,
a realidade excede o proprio soffrimento!
O' Noite! ouve-me a prece, acode-me ao lamento!
leva o sangue do sol na treva do teu luto!

Ah! si não fôras tu, bálsamo do meu tedio!
Diante da dor moral, que enche a vida de escolhos;
diante da realidade humana, sem remédio;

diante deste esplendor sem par, mas infecundo,
o homem, como vingança, arrancaria os olhos,
para inventar a treva e não ver mais o mundo!

*CORAÇÃO ENCANTADO, versos de Cleómenes Campos.
Monteiro Lobato & Comp. S. Paulo, 1923.*

Estamos diante de um poeta originalíssimo, de forte personalidade. A originalidade não a vae buscar elle na fórmula extravagante, no effeito chocante das imagens, no emprego de neologismos inesperados; a originalidade, e da legitima, da verdadeira, obtem-na elle sem sahir dos velhos moldes da poesia e sem recorrer nunca a vocabulos raros, e sim aos de uso corrente. A sua originalidade consiste no fundo, na graça flagrante do thema poetico, tratado de uma maneira toda sua, muito pessoal. O seu verso é sempre conceituoso, e todos os conceitos ressaltam ora vivos ora penetrados de uma intensa melancolia, que obrigam o leitor a suspender por momentos a leitura para medital-os e sentil-os. Essa arte, essa grande arte, como a faz Cleómenes Campos, não está ao alcance dos poetas moços, que, em rigor, só gastam calor e em cujas poesias o pensamento se occulta emmaranhado nas imagens e nos effeitos artificiosos. Cleómenes Campos, entretanto, é um moço; apezar disso, occupa, no Parnaso nacional, um dos primeiros logares.

Os seus versos têm sempre um encanto inédito, uma graça inesperada. Veja-se por acaso este pequeno poema, "Illusão":

Dizes que sou feliz, então, porque sorrio...
Dizes que sou feliz... Como estás enganada!
Pensava em ser feliz e era esse pensamento
Que me dava, talvez, um ar menos sombrio.

Olha aquella montanha, além: tão azulada!
Dir-se-ia ser o azul do proprio firmamento
Que a vae roçando agora e a azulescendo assim.
E é a distancia, sómente, o que a deixa tão bella.
— Porque o céu, meu amor, está tão longe della,
Como a felicidade está longe de mim...

Em "Coração encantado" não ha que escolher, porque tudo é egualmente bello.

SANEAMENTO DO BRASIL — Belisario Penna — Rio — 1923.

Nova edição de um livro famoso pelas consequencias que advieram de sua publicação em 1918. O autor rasga a cortina que escondia o "vasto hospital" e revela o paiz como elle o é. Mostra como as endemias lhe depauperam o homem e como a anemia economica e mais males que assoberbam o Brasil provêm apenas de uma coisa: baixo indice do nível da saude. As populações ruraes estão bichadas e apodrecem de lazeira. Enquanto fôr assim, não ha progresso possivel e estaremos condemnados a assistir ao surto dos outros povos da America sem que possamos acompanhá-los. Exemplo: a Argentina com 8 milhões de habitantes exporta oito milhões de contos, ou 1 conto por cabeça; os Estados Unidos exportam 500 milhões de contos, ou 5 por cabeça. E o Brasil? Dois milhões de contos para trinta milhões de habitantes, quer dizer... 150\$000 por individuo!

Causa: a doença, a opilação, o impaludismo. D'ahi o programma de Belisario Penna: sanear o Brasil é povoal-o, é enriquecel-o, é moralizal-o.

RECEBEMOS MAIS:

Le dieu d'argile, pièce en quatre actes d'Edouard Schneider. Collection nouvelle de La France Dramatique. N. 16 supplement à "La Revue Hebdomadaire". Paris.

Il convito, rivista mensile di cultura italo-brasiliana.

Revista de Filosofia, Cultura, Ciencias, Educación, dirigida pelo sr. José Ingenieros e Anibal Ponce, Buenos Aires.

Nuestra Revista, revista mensual de difusión cultural americana, dirigida pelo sr. E. Stefanini. Buenos Aires.

La pensée latine, revue nouvelle et de littérature, de musique et de theatre. Organe d'action du Theatre d'Art Libre. Paris.

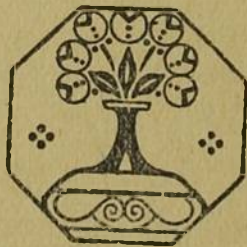
O Itiberé, mensario d'arte e literatura, dirigido pelo sr. Zenon Leite, Paranaguá.

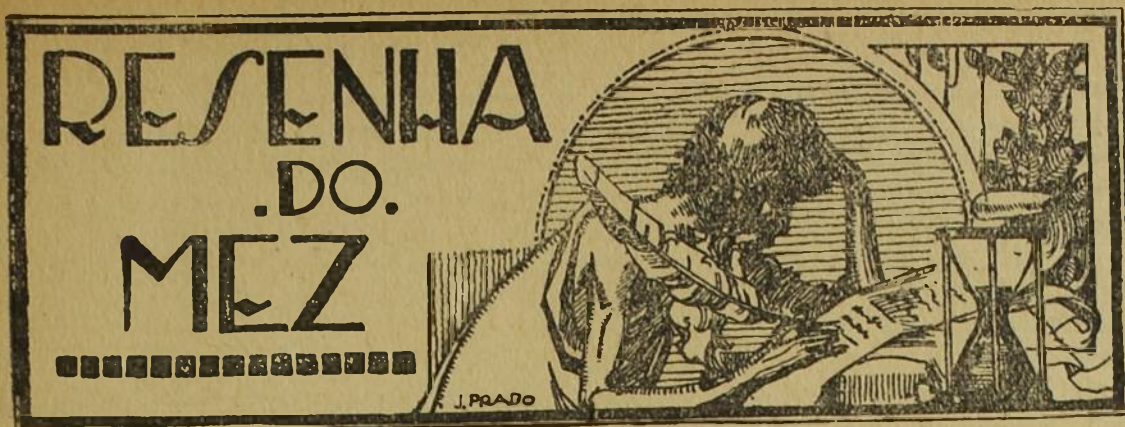
Le monde médicale, revue internationale de médecine et de thérapeutique. Paris.

Revista Nacional, mensario ilustrado. Cia. Melhoramentos de S. Paulo.

Revista do Centro Mattogrossense de Letras, publicação semestral.

Pegaso, mensario de cultura geral, dirigido pelos srs. Rodolfo Mezzera, Pablo de Grecia e José Maria Delgado. Montevideo, Uruguay.





“POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL”

A obra do sr. Oliveira Vianna foi a melhor coisa suscitada pela comemoração do Centenario. Não crendo na arte infusa, no talento por combustão espontânea, o illustre escriptor fluminense estuda e observa o mais que pode. Bem sabe elle, através de Henri Mazel, que não ha sciencia social, mas sciencias sociaes, direito, politica, economia, religião, moral, e que, todos esses dominios se penetram multiplamente. Dahi ser impossivel a um sociologo criterioso especializar-se num só delles: um direito que ignora a economia politica será tão incompleto quanto uma ethica que desdenhe a esthetica. Convencido disso, o sr. Oliveira Vianna fez de Tourville, Poincard e Decamps a sua familia espiritual, lendo-os com mão diurna e nocturna, ou melhor, nutrindo-se delles como de pão. Não occulta, aliás, essa consanguineidade de intelligencia: ao contrario: ufana-se della e a cada passo exalta aquelles seus mestres, “cujas analyses minuciosas da physiologia e da estrutura das sociedades humanas, de um tão perfeito rigor, dão aos mais obscuros textos historicos uma claridade meridiana”. Mostra uma admiração particular por Edmond Desmolins, robusto systematizador, latino descontente, que proclamava em tudo o que escrevia a superioridade dos anglo-saxões: “aut angli, aut angeli”. Talvez seja mesmo de Desmolins que o sr. Oliveira Vianna tenha herdado, a par da sua paixão da synthese, o seu amor ao parallelo entre as coisas brasileiras e as britannicas.

Differindo de Euclides da Cunha, o autor das “Populações meridionaes”, não insiste no estudo dos factores cósmicos e anthropologicos, que tornam illegiveis, ou leitura só para especialistas, dois terços dos “Sertões”: vae logo aos factores sociaes e politicos da nossa formação collectiva. E’ elle dos que nos dão a impressão de ter descoberto o Brasil moral, revelando o brasileiro aos brasileiros. Ninguem o excede em perspicacia e clareza de distinguir, em nossa historia, “tres historias diferentes; a do norte, a do centro-sul, a do extremo-sul, que geram, por seu turno, tres sociedades diferentes: a dos sertões, a das mattas, a dos pampas, com os seus três typos especificos: o sertanejo, o matuto e o gaúcho”. Analysando uns e outros, com a aguda visão retrospectiva de quem sente as forças vivas da civilização passada tão bem quanto as da actual, o sr. Oliveira Vianna evidencia, que, máo grado todos os elementos adversos, tivemos sempre a attracção do superior, a ancia de luz que faz o nenuphar subir á flor das aguas.

Mas o que o penetrante sociologo estuda de um modo irrivalizavel, é a formação da nossa aristocracia rural, desde os seculos coloniaes até nossos dias. Faz-nos elle ver, claramente vistos, os senhores que, depois de reviver, nas suas fazendas, pompas analogas á da cõrte medicea, entraram a amar a vida campestre de um amor enternecido. Primeiro, foram as justas e os torneios, os jogos floreaes e as cavalhadas a moda medieval. Tu-

do eram alfaías e pratarías, telas e brocados, damascos e sedas. Como que as festas galantes da Watteau tinham o seu esboço, ainda informe, neste ambiente selvagem. Convertia-se o Brasil em estuario novo de muitas velhas civilizações europeas. Entre outros, certo, Cavalcanti de Florença, neto de um máo sujeito que Dante metheu no inferno, viria iniciar aqui uma segunda estirpe que daria ao Brasil — singular contraste! — o cardeal Arcoverde. Quanta casa solarenga, quanta quinta de portão brasonado, quanta floresta genealogica em terras de S. Paulo! Faziam-se ahi estudos classicos, amavam-se as bellas-artes. Não foi hyperbolicamente que o historiador Tacques falou em nobiliarchia paulistana.

Veiu, porém, depois um gosto mais accentuado pelas coisas da lavoura, pelas mèsses e pelas parreiras, pelas colheitas e pelas vindimas. Tivemos então uma civilização agricola só comparavel á do antigo Lacio ou á dos lavradores cantados por Hesiodo. Todos se nutriam de boa seiva familiar. Ninguem se deixava enlear pelos tentaculos da cidade absorvente. Note-se, de resto, que se havia muita utilidade nesse culto pela gleba; havia tambem uma especie de embriaguez bucolica que a si mesmo se ignorava. Eram as georgicas virgilanas postas em rythmos barbaros. Nossos primeiros camponios deviam ter sido uma especie de epicuristas da natureza, de pantheistas christãos. Se não temiam a solidão é porque estavam certos de que quando se está com Deus, não se está só. Assim, interesse e poesia muito concorreram para o "centrifugismo urbano", dando em resultado a nossa expansão pastoril, a propriedade da nossa nobreza territorial e o apparecimento entre nós, de patriarchas só comparaveis aos dos clans biblicos.

Vivia esse patriciado rustico, obscuro mas feliz, no interior, alheio até então aos prazeres citadinos, aos altos cargos da colonia e as sinecuras burocraticas, que viriam a crear, mais tarde, uma casta fidalga na Republica. Eis senão quando aporta aqui no Rio d. João VI, e os gentishomens — camponios sentem um irresistivel prurido de brilho palaciano e correm quasi todos para a quinta da Boa Vista, como os nobres provincianos da França correram para Versailles, para as

contendas aulicas e para as intrigas de "l'œil de bœuf". Junto ao rei foragido, os rudes fazendeiros de Minas e de S. Paulo encontraram, além do sequito lusitano do monarcha, muitos membros da burguezia commercial, "profiteurs" do tempo, surgidos á abertura dos nossos portos ao trafico estrangeiro. Mesmo, porém, nesse ambiente de cortezanice, os nossos "yeomen" não se fizeram parasitas, caudatarios; ao contrario: voluntaria ou involuntariamente, foram elles os architectos do Brasil livre. Habeis na cidade como tinham sido fortes no campo, muito contribuíram para a plasticização do novo typo brasilico. E' que esses seres excepcionaes levaram á camarilha de fidalgotes e de argentários as suas preciosas reservas de energia ethnica. Não se deixando contaminar pelo virus da cõrte, impediram elles a morte da raça e a mutilação do paiz. Honra, pois, aos que tornaram tudo isso possivel, ao lavrador humilde, ao habitante da cabana de sapê; honra ao pequeno fazendeiro, mixto de "hobereau" e "borannet"! Esses filhos da gleba bem comprehendiram que sem o sentimento da familia não ha unidade social e tudo é fraco, instavel e precario. Entre elles não era um mytho a autoridade legal ou effectiva do pae. O poder do "pater-familias" era, entre elles, como em Roma e nos tempos medievales, uma força incontrastada. Embora a alliança das parentelas dêsse, as vezes, margem a um nepotismo condemnavel, o "habitat" dessa gente era algo como uma forja de caracteres. Votavam um respeito quasi castelhano á mulher e a hospitalidade inspirava-lhes um sentimento quasi arabe. Cada um tinha o seu patriotismo local, mas, no fundo, eram todos bons compatriotas Moraes. Mostravam, no soffrimento, uma resignação stoica e uma serenidade beatifica deante da morte. Taes as peculiaridades essenciaes do homem do interior, matuto, camponio ou roceiro; tal o vemos no livro do sr. Oliveira Vianna, que o vinga assim das pieguices ou das brutalidades com que uma detestavel literatura, sertanista o vem calumniosamente desfigurando...

Accrescente-se que o autor das "Populações meridionaes" tem um fraco (quasi sempre justificado) pelos paulistas. Com que prazer vê elle na altiva co-

ragem com que Feijó dizia coisas amargas aos governantes requícios daquella dignidade rural! E com que entusiasmo louva elle o enthusiasmo dos paulistas pelo "grande dominio". Sente-se, sem esforço, que o sr. Oliveira Vianna é contra a lei das partilhas obrigatorias, lei em que muitos vem o triumpho natural do socialismo, pelo decrescimento gradativo da grande propriedade. Aliás, o pensamento do nosso escriptor coincide, nesse particular, com o de Le Play, que sentia os inconvenientes, senão os perigos, de extrema divisão das propriedades, divisão de que resultam, não raro, bandos de "proprietarios indigentes". Sabe-se que Bonald era tambem pelo direito da primogenitura, dizendo que a egualdade nas partilhas não produz senão, em ultima instancia, uma egualdade de miséria. Dahi, pedirem certos entendidos em chimica social, que se modifique a lei das successões, permittindo-se de novo a liberdade testamentaria, á maneira de que se faz na Inglaterra e nos Estados Unidos. Já outros, indo nas pegadas de Mirabeau, vêm nessa liberdade um fomento ao favoritismo domestico e o ponto de partida para os mais odiosos caprichos dos paes ricos. Ha tambem quem, combatendo a grande propriedade, lembre que "latifundia perdidere Italiam", embora a agricultura allemã só prospere devido aos seus opulentissimos "junkers".

As boas e más qualidades da "organização autocratica e marcial" dos paulistas, espalharam-n'as as bandeiras "por todos os quadrantes do planalto central". Nas bandeiras quasi que não se notava o lufa-lufa proprio de todos os caravançarás. Foram ellas, por assim dizer, organização em movimento. Os que as dirigiam eram a um tempo juizes, legisladores e chefes militares. Por parte dos inferiores, era quasi uma obediencia de ordem religiosa. Esses argonautas da selva, esses pheninios da terra firme, parecem ter sido, como os semi-deuses dos hymnos vedicos, forças da natureza. O cyclo do ouro eguala o mais formoso dos cyclos carolingios. Foram os bandeirantes a primavera heroica, a juventudde insolente do Brasil. Homens de diamante, com a sua altivez de reitores flamengos, com os seus largos feltros velasquinhos, sabiam viver e morrer em belleza. Ignoravam a inquebrantavel firmeza com que os homens de hoje se mantem

na mediocridade. O mundo era o claro espelho do seu orgulho e a dôr fazia ricochete na alegria dessas almas. Com que vclupia esses estupradores do desconhecido conduziam as suas migrações, semelhantes ás dos pastores erraticos da Asia, através de paragens que eram a um tempo Far-West e "jungle" indiana! Quando apparecerá, entre nós o homeride, o aedo á altura de celebral-os?

Depois dessa aventura (accentua-o intelligentemente o sr. Oliveira Vianna), ficamos modorrentos, devido talvez ás nossas excepcionaes facilidades de vida. Se tivéssemos necessidade de construir o nosso paiz, á maneira, por exemplo, dos holandezes, seríamos mais ardentes na lucta e não permittiríamos que certas zonas nossas se fossem, como vão, methodicamente saharizando. Além disso, o brasileiro é quasi sempre insociavel. Faltam-lhe as verdadeiras "instituições de solidariedade social". Ao contrario dos gregos, que amavam a rua e a vida ao ar livre, passeamos, na cidade, lendo o jornal, e, na roça, fazemos da janella a nossa melhor diversão.

Uma das passagens mais interessantes das "Populações meridionaes" é aquella em que o autor fala de Pedro II. Este, combatendo as greys turbulentas do interior e "trititando o caudilhismo", levou a cabo a hegemonia do governo central, ou melhor, conseguiu a "unidade nacional do poder". Com a sua força de syncretismo e unificação, "matou o provincialismo e salvou o paiz". O Imperio foi a riqueza, a paz, a legalidade. Embora saibamos das vantagens que a organização municipal tem trazido por vezes á Belgica e á Italia, achamos que a attitude de Pedro II foi, no momento, a mais patriótica de todas. Só mais tarde é que se verificaram entre nós certos inconvenientes da centralização excessiva, identicos aos apontados por Taine e Boutmy, quando, após a catastrophe de Sedan, fundaram, em Paris, a Escola de Sciencias Politicas. Parece-nos que tambem não têm razão os que atacam o reaccionarismo dos proceres do segundo imperio. Bem comprehendiam esses procetes o perigo de certas mentiras democraticas, o fascinio traiçoeiro do falso liberalismo. Isso de pensar em republica do genero humano é bom para os chimericos do progresso moral indefi-

nido. O que se tem verificado, ao contrario, é que as más democracias não passam de escolas de embrutecimento progressivo. Nem sempre uma bôa monarchia absolutista e paternal, um cesarismo temperado é o peor dos males, sendo, talvez, mais benigno que o despotismo dos liberaes... Bem o sentiu, pisando terras do Brasil, esse estranho Gobineau, que deu a conversação de Pedro II como a coisa mais encantadora da nossa terra.

O livro do sr. Oliveira Vianna conclue affirmando que, entre nós, a verdadeira "cellula da vida publica" foi sempre e ainda é o clan rural. Empolgada como estão as grandes cidades pelo elemento alienigena, só o sertão, a matta e o pampa permanecem brasileiros. Apesar das restricções de direitos e do accrescimo de deveres, apesar das leis draconianas e da sucção fiscal, o sertanejo, o caipira e o gaúcho continuam a ser, o melhor Brasil, todo o Brasil. Nada de confundil-os com a babel cosmopolita, com a civilização de Porto-Said do Rio. Só esses "enracinés" explicam, pela sua dignidade e patriotismo inalteraveis, que o Brasil se tenha sempre conservado miraculosamente unido e que aqui não tenha sido possível a permanencia no poder de cabotinos de mãos bofes como os Rosas e os Lopez. Desculramo-nos, pois, ao fechar as "Populações meridionaes", deante dos soldados desconhecidos do cafezal e da mineração e aguardaremos as bellas coisas que, em volume subsequente, nos dirá o sr. Oliveira Vianna dos campeadores do pampa, desses cavallarianos gauchos que levaram Garibaldi a falar em cavallaria de centauros.

Sim, um novo livro do talentoso sociologo será sempre uma bella dadiva para todos nós. E' elle dos que sabem delimitar as épocas e definir o character das individualidades historicas. Se não tem a hydrophobia do modernismo, tambem não de testa o espirito classico. Não traz prevenções nem odios preconcebidos; não se lhe nota furor demagogico nem frenesi anti-clerical; não é dos que só sabem illuminar incendiando. Nada deixa inexplicado; nada estuda incompletamente; possuindo "l'esprit de suite", leva as suas idéas para a frente, tão para a frente quanto lhe é possível. Faz sempre cuidadosos estudos preparatorios, observando e

comparando muito attentamente, antes de concluir. Tem o talento da classificaçào e do methodo. Sobrando-lhe logica, tacto, comprehensão positiva de tudo, ensina-nos a julgar o presente pelo passado. Não confunde imaginação com fantasia e muito menos com fantasmagoria. Foge aos marabutos e tabu's letrados que se julgam mestres de sociologia. Ao contrario das intelligencias servis, dos positivistas e outros gregarios, vae sózinho com o seu alpenstock, bom alpinista das letras que é, sem receio de rolar na galeria. Não macula jámais, em transacções suspeitas, a sua honra intellectual. Esse infatigavel carreador de idéas prova que o mal da analyse pode ser as vezes um bem, e pesa os conceitos alheios com o escrupulo dos pesadores de ouro da téla de Rembrandt. Para elle, a gota de tinta, que para tantos outros é gota de vitriolo, faz-se gota de luz. Amigo das realidades concretas, o sr. Oliveira Vianna não habita a cidade brumosa dos metaphysicos, ame embora os "templa serena" dos pensadores. A austeridade do assumpto não o torna tedioso; é elle dos que se permitiriam ser intelligentes mesmo escrevendo no "Diario Official". Vê a face humana sob a solemnidade meio theatral das mascaras historicas. Ignora o mysticismo da espada. Não dá aos factores commerciaes um valor demasiado; não coloca o Pireu acima de Athenas.

Só é de lamentar que o sr. Oliveira Vianna dê muita importancia, uma importancia talvez excessiva, nos dias que correm, a certos factores anthro-p-sociologicos. E' elle dos que ainda crêm em arianos, dos que ainda crêm em craneometria, em indicios cephalicos e em outras complicações dos livros de Vacher de Lapouge. Ora, tudo isso caiu no terreno do romance. Só os irmãos Rosny podem ainda falar a serio em dolichocephalos e brachycephalos...

Quanto á linguagem do escriptor fluminense, é das melhores. Não tem elle o fetichismo a superstição dos vocabulos. Escreve bem, sem ser um purista enraizado, uma vestal da lingua. Bom estylista, encontra, quando lhe apraz, as imagens e os rythmos das bellas odes, mas não compõe as suas phrases deante do Albalat como outros compõem a gravata deante do espelho. Se não nos offerece

paineis de côres tumultuosas, crepitantes de sol, offerece-nos, não raro, formosas descripções. Detesta, na linguagem, os farrapos que nem sequer são de velludo, os cacos que nem sequer são de porcellana de Sévres.

Alegremo-nos todos em face de um tal livro. Numa terra em que quasi tudo é de importação, ou melhor, de contrafacção, esse bemfeitor dos espiritos apresenta-nos uma obra original, um trabalho nutrido e denso de verdades, mina riquissima de factos. Por isso que não é elle um faminto de celebridade, um avido dos pra-

zeres da fama, não será nunca popular: só se vulgarizam os talentos já em si vulgares. Pouco importa. "Populações meridionaes" é um livro de nobre optimismo, de esperança e de fé: é um livro que vale por muitas boas acções; é um livro que dilata a atmospheria das almas e accrescenta uma nova nobreza á nossa intelligencia. A obra do sr. Oliveira Vinna já pode ser considerada a columna vertebral da sociologia brasileira.

Aggrigino Griego.

"O Jornal" — 8-7-923.

LINGUA E ORTOGRAPHIA

Tenho por sina bulir em casas de maribondos. Não quero dizer com isto que vá por este mundo afóra semeando tempestades... Deus me livre de tal, pois que o mundo já anda por si bastante tempestuoso. Apenas pretendo recordar de mim para mim que a discussão tem sido uma fiel companheira do meu espirito. Nunca pensei, entretanto, que estivesse fazendo uma algara em terreno vedado aos não especialistas, quando, no discurso de recepção na Academia Portuguesa, dei sincera expressão a dous votos: para que se mantenha a unidade da lingua portugueza aquem e além do Atlantico, não se constituindo, como pretendem alguns, uma lingua brasileira que nada justificaria, e para que, como legitima consequencia dessa unidade, se uniformise a orthographia que Roque Barcia considerava a primeira das sciencias.

Uma lingua, disse eu naquelle discurso, vale pelo numero dos que a fallam e de facto este numero tem maior importancia do que os thesouros literarios que a lingua possa encerrar. Um illustre escriptor hespanhol prevê, e não se precisa ser para isso nenhum propheta, que nas grandes lutas de nacionalidades, que pelo mundo inteiro a guerra suscitou e representam um dos seus mais deploraveis effeitos, travar-se-á intenso o conflicto dos idiomas, batendo-se de morte as linguas principaes, com a mesma furia com que se bateram os Estados.

Comprehende-se o afan com que os catalães defendem seu idioma contra o castelhano. E' a expressão essa de um regionalismo que tende a separatismo. O Brasil, porém, já está ha mais de um seculo separado; seus destinos são diversos dos de Portugal e seu interesse, tanto material como moral, está em disseminar e não em scindir o idioma portuguez. Os catalães, de resto, sentem a difficuldade pratica de realizar seus intuitos nesta nossa época especialmente em que, como em nenhuma outra, andam accesos os imperialismos e irrequietas as hegemonias traduzindo-se pelas absorpções.

Os neo-hespanhóes orgulham-se de que o seu idioma seja a mais fallada das linguas latinas, nella se expressando 85 milhões de pessoas. Por isso cerram suas fileiras em redor do estandarte de Cervantes e a propria pequenina Republica da Panamá, criação politica dos Estados Unidos e vivendo á sombra das autoridades americanas da zona do canal, tanto zelo manifesta em conservar sua lingua tradicional que, segundo leio, foi recentemente decretado que para todos os ossos fosse adoptado o hespanhol na sua maior pureza. Nenhum estabelecimento poderá ostentar letreiro em outra lingua; os locaes com nomes estrangeiros volverão ás suas designações hespanholas ou receberão uma, se a não tiverem; as proprias pelliculas cinematographicas deverão, para serem exhibidas, ter suas legendas em hespanhol.

No Brasil já houve o gosto do purismo, mesmo e talvez sobretudo no tempo em que predominou o indianismo. Gonçalves Dias e José de Alencar foram perfeitos conhecedores e cultores do vernáculo e o seu enxerto regional no tronco primitivo produziu lindas flores perfumadas sem a este roubar a seiva. Agora, porém, a tendencia é mais para atrophiar a arvore sob trepadeiras espessas.

Sou o primeiro a admittir a utilidade dos neologismos e até a adopção occasional de um estrangeirismo. Uma lingua não ha de ficar para sempre emperrada por uma preocupação de pureza. Todos ganhariamos em que o trabalho lexicographico das duas academias fosse simultaneamente emprehendido, entrando ambas em accordo para que seja em commum o dictionario da lingua. No Brasil têm-se feito varios vocabularios, alguns mesmo restrictamente locais, como o excellente trabalho do sr. Rodolpho Garcia com relação a Pernambuco, mas ainda se não ensaiou, graças a Deus, um dictionario brasileiro. Tem-nos contentado com que o pae da lexicographia portugueza haja sido um brasileiro e por signal pernambucano, Antonio de Moraes e Silva.

Em qualquer dictionario que se venha a elaborar, é justo e é necessario que figurem os chamados brasileirismos. Nos dictionarios da lingua ingleza, mesmo nos de Oxford, têm entrada os americanismos e até termos hindu's que correspondem a objectos e usos regionaes. O acervo commum cresce com taes contribuições, que não bastam, entretanto, para justificar a formação de novos idiomas. A tendencia em todo o mundo deveria antes ser de reduzir do que de augmentar o numero das linguas: a torre de Babel sempre foi symbolo de confusão.

Portugal tem muito mais a perder do que o Brasil em suas tradições, no seu renome e nos seus interesses com a differenciação do seu idioma além-mar. Entretanto, é curioso de observar que geralmente não se enxerga aqui o perigo e até alguns vêem as cousas ás avessas. O sr. Candido de Figueiredo, por exemplo, quasi me levou a mal ter fallado na possibilidade de uma separação philolo-

gica e a razão que deu é muito extraordinaria — “porque nenhum bom portuguez procura nem deseja separar-se do Brasil”. Isto é o que se pode chamar uma razão de cabo de esquadra, e resta ainda saber se a proposição inversa é verdadeira, isto é, se nenhum bom brasileiro procura nem deseja separar-se de Portugal. O sr. Julio Dantas, presidente da Academia Portugueza, mostrou na pequena discussão em torno da questão que eu tinha razão, pois que citou grammaticas de lingua brasileira do seu conhecimento e o sr. Candido de Figueiredo teve que concordar e preferir-se mesmo a escriptores e academicos brasileiros que publicamente pugnam pelos fóros da nova lingua.

Mais extraordinario ainda é que o professor de medicina Egas Moniz, occupando-se de passagem, ao ser recebido o professor Austregesilo na Sociedade das Sciencias Medicas, da unificação orthographica e sem negar a sua importancia, declarasse que “as linguas se aclimatam tão facilmente como os povos, e os seculos hão de fatalmente separal-as, porque novos elementos nativos e cosmopolitas forçam-nas a adoptar lexicos diferentes”. Se a lingua se manteve commum durante quatro seculos, não ha o tivo algum para que assim não possa continuar, e o proprio sr. professor Egas Moniz cae numa flagrante contradicção, quando, no mesmo discurso, recommenda e defende a unificação da technologia medica luso-brasileira, a qual poderia ser um dos objectivos do segundo congresso medico luso-brasileiro. “Em Portugal, disse elle, ha termos que se pronunciam e escrevem differentemente nas tres faculdades medicas do paiz. Talvez outro tanto succeda no Brasil. Pois que se estudem as origens dos termos, que collaborem todos os medicos philologos e que se consertem todas as discordancias.” Por que não levar este esforço além do campo da medicina?

Lisboa, Junho de 1923.

Oliveira LIMA

(“Jornal do Brasil”, Rio).



DEBATES E PESQUIZAS

O BRASIL E SEUS IDEAES INTERNACIONAES

*Conferencia do sr. Helio Lobo,
na Associação Christã de Moços,
na commemoração do 30.º anni-
versario da sua fundação.*

Sitio não ha mais propicio do que este para discorrer brevemente do Brasil e seus ideaes internacionaes. O que é a Associação Christã de Moços, em 30 annos de fecunda existencia acabam todos de ouvir. Não podia ser o thema mais meritorio, a voz mais autorizada. Obra de perseverança e de fé a Associação é, por isso mesmo, obra de idealismo, falando aos moços e lidando por lhes doutrinar os mais bellos ensinamentos espirituaes e moraes. Ao festejarmos o anniversario da sua fundação seja-me lícito evocar um nome, entre todos caro, o de Myron Clarck. Conheci-o de perto, pratiquei-o frequentemente, vi-o lidar sem desanimo, e sei de quanto fervor e bondade lhe era formada a alma. Com seu trespasse prematuro, perdeu a Associação amigo inegalavel. Que sua memoria perdure sob estes tectos, para maior nome delles e estimulo de quantos aqui labutam.

A obra de um seculo.

Quem diz Brasil, diz, no mesmo passo, seus ideaes internacionaes: — um grande paiz, cheio de todos os dons, o maior hoje existente em superficie de terras continuas procurando viver e só vivendo para a competição da paz e do trabalho. Vêde o individuo na sua casa, e assim será, exteriormente. Também no mundo internacional as nações não passam de traslado fiel da vida intima. E onde ha ordem, probidade, virtudes haverá certamente respeito, prestigio internacional, renome. Assim comnosco.

Que são cem annos na vida de um povo? Nada. Pouco mais de uma existencia humana. E' aquillo de Castilho Antonio: "De dia para dia cresce o mundo mas os seus dias são de cem annos". E, no entanto, atentaes para o que temos feito nesse primeiro seculo de autonomia, justamente agora celebrado. Foi, primeiro, a independencia, e a levamos a termo com igual animo e successo. Vieram depois a formação da nacionalidade e consolidação da sua unidade politica; e Deus sabe como nossos maiores, presentindo os perigos incomparaveis, souberam transportal-os com garbo. Periodo houve nessa marcha, durante o qual pa-

receu o paiz fender de alto a baixo; e do transe nos sahimos galhardamente. Mais tarde, tivemos que fazer a Abolição, que noutras gentes custou tanto sangue e a Republica, com uma mutação radical no organismo politico do paiz; e tudo concluiu sem abalo maior, quasi diria, placidamente, como o filete d'agua, que serpeia, toma corpo e já é quasi caudal. Não creio possa deparar-se acontecimento como esse: — a homogenea grandeza do bloco territorial que nos coube, herança de uma raça heroica, e que ainda colonia, soubemos preservar e engrandecer quer com a obra dos creadores septentrionaes e dos sertanistas meridionaes, quer com a repulsa obstinada ao assalto estrangeiro; depois a consolidação da nacionalidade e criação do governo representativo, sob modelos dos mais livres do mesmo modo que a preservação de ambos, através de vicissitudes varias. Eu tomo a ultima transformação, a de 1889, resumida magistralmente ha pouco num livro que quizera meditado pela mocidade de meu paiz. Mão grado as incertezas do momento o tumulto das paixões inevitaveis, o jogo dos interesses de toda ordem, os homens de 24 de Fevereiro levaram a não na segura direcção; e consola verificar que, parecendo edificar ao tempo, sobre areia crearam com a nova constituição uma patria ainda maior que a que lhes legava a velha.

Liberdade e tyrannia.

Pacto singular, toda essa marcha de um seculo que é uma continua renovação, operou-se, poderia dizer, quasi sem sangue. Paiz de ordem, nascido e creado para a ordem, o Brasil só lançaria seus exercitos e suas esquadras fóra de suas fronteiras, quando a liberdade de seus visinhos, prestes a succumbir, o pedissem. As campanhas contra Rosas e Lopes são uma pagina de redempção na historia constitucional mas são tambem um symbolo, porque com ellas se assenta para o mundo essa preliminar benemerita da nossa consciencia nacional: — as classes armadas do Brasil, orgulho da nação e escoras da ordem, jámais transpõem a fronteira para oppressão de quem quer que seja.

Vêde, entretanto, a tarefa que, sem quebra do seu idealismo e de sua segu-

rança, devia realizar nossa politica exterior: — assentar limites com todos os paizes deste hemispherio austral, excepto talvez um, intrincada tela de posses e titulos desde a época colonial; resolver o problema da navegação dos rios comuns, na apparencia divergente, segundo os interesses do imperio, ao norte e ao sul; velar pela segurança da costa desguarnecida, mil e duzentas leguas reiteradamente cobiçadas, desde outras éras, pelas rivalidades d'além-mar; mostrar, com o exemplo e a obra do tempo, que a orientação, a pratica internacional aqui só eram e tinham orgulho de ser, dos melhores padrões; servir á concordia continental por meio de uma politica de aproximação nunca descontinuada; e crear-se enfim autoridade que a fizesse acatada. Tudo isso levamos a cabo, para honra nossa, ora sob o Imperio, ora já na Republica, com a segurança, o tacto, a visão que ficaram classicos em nossos annaes diplomaticos. Foi por exemplo, já transigindo em negociações pacificas, já appellando para o arbitramento, que fechamos nossa extensa linha interior. Não pediamos ao Prata, quanto á navegação, mais do que concediamos no Amazonas. Foi nosso Exercito, foi nossa Armada, durante mais de cincoenta annos, o maior poder militar e naval da America do Sul, e lembrança não existe de que disso nos tenhamos valido sequer para ostentação. Fizemos trabalho de aproximação inter-americana, reflexo da outra, mais ampla e não menos cordeal, de concordia e de paz, que nos guiou sempre no concerto de todas as nações. Chamou-nos a Europa, com os Estados Unidos, para decidirmos de graves questões suas, como aquelle famoso caso Alabama, no qual o brasileiro foi um dos juizes. E batemos o "record" do arbitramento, assim o praticando, mais uma vez, em questões vitales para nós, assim o inserindo como anteparo obrigatorio ao recurso das armas na Constituição Federal que prohibe tambem guerras de conquista.

O que fizeram chancelleres de renome.

A synthese dessa obra de paz e civilização, gloria de um rosario de chancelleres, é aquella casa, orgulho de nossa existencia, sentinella que já foi chamada de nossa segurança exterior. Dos pa-

peis que alli se guardam, não sei se nenhum dos moços de minha geração os teve como eu tantas e tão repetidas vezes sob os olhos. Da emoção com que os li e reli, tirando da lição de hontem o que vae ser o dia de amanhã, direi que outros podem ter igual, jámais maior. Deixae que enuncie mais uma vez o meu encantamento, agora que começa de novo a pairar a duvida sobre os propositos brasileiros. Não posso fazer melhor do que transladar para aqui o que me coube dizer em 1918, perante a Faculdade de Direito de Buenos Aires, quando por convite de seu eminente reitor, me tocou a insigne honra de fallar á generosa mocidade platina.

"A todos quantos, argentinos, disse eu então, passastes pelo Rio de Janeiro, têm ido buscar nossa hospitalidade para os extremos em que ella se apraz. De bordo dos transatlanticos ao passeio pelas alamedas em flor, fizestes muitas vezes pouso na velha casa modelar, onde, entre "aubussons" de gosto e o zelo das tradições se vela pela nossa situação exterior. Não vos é extranho o nome, aqui já o pronunciei eu, está nos livros, na linguagem dos jornaes, no conhecimento do mundo. E' o Itamaraty. A serenidade do ambiente vos terá commovido, tão pausada alli é a lição das cousas, tão segura a pratica do serviço, tão discreta a attitude dos homens. Velhos e moços, só têm um fito, o de que o Brasil não desmereça da tradição internacional, em que nasceu e vive, honrado, sereno e justo.

Vae para muitos annos, candidato ao sôcego daquella casa, eu tambem alli pencei para a meditação e o estudo. Era uma dessas manhãs de sol, que são o orgulho da mocidade e hão de compôr a mais doce recordação da idade madura. Eu sonhava ter a mancheias, sob os dedos curiosos, os archivos imperiaes, taes m'os indicava a imaginação, com seus segredos seculares, sua linguagem em cifra, sua alma e sua significação. Eram cincoenta annos de um reinado, que reviveriam assim, com todo o seu encantamento, para meus olhos extasiados. E o que então vi, o que desde então me puz a verificar dia a dia, num trabalho de benedictino, eu poria em livros sem conta, traria para a gazeta, a tribuna, desfaldaria como uma

bandeira gloriosa ao sol tropical, faria ressoar pela America, a Europa, o mundo inteiro, como as mais bellas credenciaes de uma raça. Que nobre e formosa lição aquella... Reviviam os homens para minha admiração, renasciam as edades da papelada informe, sem o mais leve deslize na linha directiva, sem o menor recuo na significação generosa. Erros podia haver, tão naturaes nas sociedades em formação. Imprudenciaes, acaso existiam, tão communs nas democracias inexperimentadas. Mas pensamento não vi, que se não pudessem publicar, papel não topei, que acaso nos fizesse corar, instrucção não surpreendi, cujo conteudo nos não ennobrecesse.

E um facto, para logo, me chamou a attenção: a preocupação, sim, do estuario, não como pé para suspeita, mas como cuidado de paz comvosco e de harmonia com a America. Por elle tememos, quando a mão dictatorial, por duas vezes, quiz fazer d'elle instrumento de ruina para a Argentina, o Brasil e o mundo. Por elle exultamos, quando, por obra vossa, por obra nossa, por obra da civilisação, o vimos como traço de união entre os que elle banha, e fonte de prosperidade geral. Se os estadistas imperiaes não desfitaram os olhos destas aguas amigas, foi pelo anseio, em que sempre andaram de, ao seu marulho, vos ver crescer como a nós mesmos, desabrochar na esplendida realidade que hoje sois, e ter-vos unido ao Brasil nessa inalteravel e formosa communhão de fins e sentimentos que é exemplo para a America e motivo de orgulho para a civilisação".

Apparencias e realidades.

Eu disse que de novo começa a pairar a duvida sobre os propositos brasileiros, porque já uma vez isso succedeu, embora sob feição muito mais aggravada. Era por occasião do Tratado da Triplice Alliança, quando, invadidas e taladas inopidamente nossas terras, tivemos que nos defender, ao lado de dous povos vizinhos e amigos, com as armas na mão. Vinha tão de surpresa o golpe que nos encontrou sem um soldado a postos e com os arsenaes vazios. Durou esse conflicto, vós o sabeis, quasi cinco annos, no decurso dos quaes raivou contra o Imperio a suspeita generalisada: — queriamos

terras alheias, o predomínio militar e político do continente, e já no velho mundo a penna, que se encobriria mais tarde de galas, para dizer todo o bem do Brasil escrevia que nos muros de Humaytá toparia seu tumulto o imperialismo da Casa de Bragança. E que succedeu? Não recebemos da guerra nenhuma compensação material, desistimos mesmo, quanto aos limites, de uma linha que já nos fôra reconhecida em discussão pacífica, e, unica monarchia num continente de republicas, ajudamos a montar, senão montámos no paiz garroteado até então pela tyrannia, a machina de um governo republicano. Lendo os documentos dessa quadra amarga, vê a gente em que angustias andou o Brasil. Só de sua inteireza e do seu desprendimento, hauriu elle forças para esperar pela reabilitação, que não demoraria e veio afinal.

Não ha, hoje, conflictos de nenhuma especie, não os poderia haver, tal o ambiente geral de paz. Desenvolve-se a vida americana, a européa, a universal numa bella e indestructivel cordialidade commosco. Excepção não existe que empane, por longe que seja, esse céu escampo. E, todavia, a suspeita existe, vaga, persistente: — Nós organisámos o exercito, instruímos a marinha, enveredámos decididamente pela estrada dos superarmamentos, sonhando com hegemonias e fazendo de todo o paiz uma immensa caserna. Reduzida, a principio, ella tomou vulto, da America passou á Europa, e já não ha como desconhecer que existe.

A abuso dos armamentos.

De longe, do meu posto de trabalho, que não é politico mas onde vão ter, num relance, todas as vibrações politicas da terra, dei-me logo conta do engano, vendo-o crescer com estrondo. Porque todas as apparencias eram contra nós. Contratámos, primeiro a missão franceza, necessaria a um exercito que só teve o serviço militar obrigatorio ha cinco annos, possuiria quarteis mas não teria munições, e, quanto ao contingente homem não contava senão pouco mais de um por mil kilometros. Sabiam acaso disso lá fóra? Fizemos vir, depois, a missão naval, encaregada apenas de pôr de pé um simulacro de esquadra, nunca organizada adequadamente, pôde dizer-se, em trinta e quatro annos de Republica. E, tambem

necessidade' imprescindivel nossa, teve-se dessas circumstancias noticia além de nossas fronteiras? Do estado das obras de defeza do Brasil, sabem todos, aqui, a condição, mas para lá de nosso territorio não se viu que o que projectavamos era melhora-lo rudimentarmente, de accordo com os nossos recursos financeiros e, o que é mais importante de nossos fins defensivos. Não iamos, numa palavra, emprehender senão reduzidamente o que outros fizeram em escala maior, annos antes. Mas, então, o drama tenebroso da guerra mundial pendia sobre a terra, e, em consequencia, o ambiente era para armar; ao passo que, agora, transviada pelo braseiro inenarravel a opinião universal pede a redução dos orçamentos bellicos. Não são as armas que desencadeiam num furor os homens contra os outros mas o espirito de competição maligna, o desamor da paz, as discordias funestas. Para a redução das armas olhou, porém illusa, como o anteparo supremo que a desviaria de novos horrores, a humanidade martyrisada. A parada innocente de 7 de Setembro, na qual até as creanças das escolas empunharam o fuzil; o eco exaggerado de nossos preparativos e de nossas manobras; a possibilidade de completarmos, talvez, o programma naval de 1906, interrompido pelos sucessos de 1914, tudo isso fez o resto. A exposição mesma do Centenario, alliada a outras manifestações mais apparentes que reaes de nossa organização militar, terá tambem estimulado o alarma, testemunha viva que é de quanto podemos e quão de nós espera o futuro. Justo é reconhecer, senhores, aos bons que nos acoimam de megalomania continental, a sinceridade de suas inquietações. O opinião mal inspirada, mas opinião. Ella é assim, na grande teia da vida internacional, avaliando, muitas vezes, das cousas pelo só aspecto externo. Porque foi de tão grande resoo a conferencia de Washington de resultados, aliás, tão meritorios? Porque reduziu despesas, limitando a competição naval naquillo que constitue a expressão visual do poder incontrastavel, o couraçado. Das outras machinas de destruição, do aeroplano, do submarino, dos gazes lethaes, de todo esse arsenal de invenções atrozes que farão o nervo da guerra de amanhã, e atraz de cujo aperfeiçoamento corre pressurosa a

sciencia, dissei-me em que *ficamos*? Vêde a incoherencia dos fados, que nos enredam numa malha de suspeitas, porque mau grado um passado diaphano que é a maior garantia de um futuro sem malicia, queiramos talvez, completando um programma modesto de defesa, adquirir um couraçado!

O poder de uma grande voz.

Emoção maior, senhores, não experimentei em terras estranhas do que essa que me encheu o peito, pouco mais ha de sessenta dias, ao encerrar-se em Santiago a discussão do chamado problema do desarmamento. De desarmar não era o caso na America do Sul, porque nem armada estava. O que se planejou era uma limitação de despesas militares futuras, de accordo com as necessidades espaciaes de cada um e o sentimento geral de cordialidade americana. Neste particular, cada um dos paizes aos quaes o caso mais interessava, tinha que enunciar o seu pensamento. Falou primeiro o Chile, depois a Argentina, por ultimo o Brasil. Obscuro obreiro de nosso paiz no exterior eu sempre tive lá fóra, desde a 4.^a conferencia de 1910, até a 5.^a de 1923, e passando pela maior de todas, a universal de 1919, em Paris, a visão de nossa grandiosa moral e o orgulho de nossa posição internacional. Mas nenhuma evocação, de lembrança minha, sobreleva a daquella hora, já hoje historica. Cheias estavam as galerias, cheio o recinto, cheias todas as cadeiras. Era preciso, fóra da commissão e em conferencia plena, proclamar alto nossos ideaes, trabalhando em commum com os dos outros povos no desempenho de uma vida laboriosa e pacifica. De longe, do Rio de Janeiro, tinha o nosso ministro das Relações Exteriores, identificado, e não se podia escrever melhor, a fé brasileira com a fé americana uma e inconfundivel, "a certeza de uma força ascensional de cultura, que não póde parar, e, mais do que tudo, a confiança plena no valor insupprivel da amizade como elemento nivelador e approximador das nações do typo das nossas, formadas numa simultaneidade de tempo, que lhes creou, de micio, uma perfeita identidade de orientação e as habituou desde logo a repartir, com exacta egualdade, entre todas, a consciencia de suas soberanias". Foi quando Afranio de Mello Franco se ergueu. Te-

rei sempre sob os olhos aquella assembléa, dominando-a num relance, sua grande, sincera e magnifica eloquencia. "Sob o ponto de vista moral, toda a nossa historia tem sido sempre um hymno á egualdade de soberania das demais nações, começou elle, uma prece ardente pela paz universal e um esforço continuo para que entre os homens se estabeleça definitivamente o reinado da paz, do direito e da justiça..." Bella a attitude, nobre o gesto, na voz um desafio que era persuasão aquelle órgão de trinta milhões de brasileiros encarnava magistralmente todas as virtudes e todas as nossas esperanças. Como é bella a palavra ao serviço de uma grande causa...

E o povo de pastores nos pintou elle, synthese do que somos e nada mais do que somos, povos de pastores, sim "de montanhezes e lavradores, entregues tranquillamente ao seu trabalho pacifico, querendo, simplesmente, viver e prosperar dentro do seu proprio territorio, rejubilando-se com a felicidade e progresso dos povos visinhos sob a egide protectora da mesma lei egualitaria e soberana, que estende pelos quatro pontos cardiaes do nosso paiz uma garantia uniforme a nacionais e estrangeiros, inspirada unicamente, nos mesmos sentimentos de fraternidade e de justiça".

Fim

Tenhamos sempre a peito, meus amigos, essas virtudes, e só nos bemdirá o passado que nol-as legou. Porque, agora, sim, toda obra da formação internacional do Brasil vae ser posta á prova definitivamente. Até aqui nós nos constituíamos a existencia, aprumando um edificio, apenas erecto. Não eramos senão uma nação continental, ligada ao Velho Mundo pela immigração, os laços da cultura, a civilização, mas delle separados pelo padrão que distinguuiu, até hontem, grandes e pequenos.

Agora, passamos de vez a ser uma nação que sae do seu continente, para tomar parte e ser ouvida nas deliberações permanentes que respeitam ao mundo. Já se meditou bastante nessa phase de responsabilidade e renome, em que entrámos? Eu creio na Sociedade das Nações, porque para mim o facto de 52 paizes da terra

se reunirem annualmente, afim de tratarem dos interesses communs, é um acontecimento auspicioso, nunca occorrido nos annaes humanos. O mecanismo póde ter, tem suas falhas, que o tempo sanará, mas a sociedade fica como a mais bella criação entre homens. Todos fallam da condição de miseria e luto, na qual a guerra deixou o mundo, e pouco se lembram que essa filha franzina della só com ella poderia ter nascido e que saibam preservar os homens convenientemente, ha de redimir em nossos filhos todos os nossos sofrimentos actuaes. Nos cincoenta annos que vemos pela frente está preparado o caminho para que o Brasil tenha seu logar entre as nações primazes. Depende de nós alcançal-o. Não nos minguam homens capazes, a riqueza é sem competidor, e quando queremos sabemos aonde vamos e ao que vamos.

Quantos problemas internos estão a pedir solução nesta metamorphose gigantesca? Ha um mundo, de todos os quilates e de todas as significações — a intrucção, basico, sem a qual não marcharemos, caminharemos para traz; a inmigração, que nos povoará de sangue novo as bacias fluviaes, desbravando as terras e multiplicando as fabricas; a expansão do commercio exterior que impulsionará todas as veias da producção; a marcha para os

campos, o aproveitamento da energia electrica, o ouro, o ferro, o carvão... Eu cerro os olhos nessa perspectiva e não ha horizontes para minha visão.

Vêde São Paulo, vêde Minas Geraes para não citar senão dois, colmeias de actividades incessantes... Phase ao mesmo tempo do industrialismo e da lavoura, do urbanismo e do sertão, é no seu decurso que devemos lidar para ser sempre nós mesmos, cada vez mais na nossa trilha de probidade e de trabalho. De um desvio, por mais leve que seja, advirão annos de retrocesso, senão de ruina. Amemos a ordem, que não é da desordem, ainda passageira, que nos admirá bem. Trabalhem com alma, pondo no trabalho tudo que elle exige e delle colhendo tudo que produz. Vivamos fortes, animados e felizes, e, cursando as vicissitudes que nos esperam, lidemos por ter sempre na vida essa fonte de inspiração para o bem, que não tem preço. E o Brasil, espelho e patria nossa, nos recompensará. Grande elle ha de ser, muito grande, além de todas as esperanças. Que na realização dessa grandeza material não perca jámais a linha de honra, de idealismo, de sentimento da justiça internacional, que constitue, sem duvida, seu mais bello patrimonio espiritual.





CURIOSIDADES

O RAPAZ AMERICANO

Num dos seus interessantes artigos no "Figaro", falando do "rapaz americano", Mme. Alice Caro-Delville assim o descreve:

Olhos claros, hombros largos, maneira franca de levantar a cabeça, o andar largo e seguro, uma bocca e um sorriso de criança, corpo de atleta, modos cheios de desembaraço, o coração tremendo de timidez, confiando em sua força phisica e aterrorizado de sua propria alma.

No curto espaço de um artigo de jornal, bem entendido, eu generalizo e não posso levar em conta as excepções e os intermediarios. Eu não delineio um retrato realista e isto não é mais do que um esboço synthetico, mais symbolico do que realmente parecido. E, no entanto, eu os conheço bem, os rapazes americanos, pois tenho um filho educado entre elles e sendo quasi um delles.

Dois factos tomam parte em sua educação e os determinam para a vida: o culto do exercicio physico ao ar livre e a generosa defesa das mulheres. Com 8 annos, o "boy" americano segue com paixão os "matches" de "base-ball", e ao mesmo

tempo que treina com os camaradas, a ver se "pitch" a bola, recorta nas revistas o retrato de Babe Ruth e, durante o inverno, arrisca diariamente a vida num trenó. E, entretanto, é docil ante os olhos severos da mestra, cuja imagem tradicional, com o pequeno avental e o rosto "ranzinza", tornado mais grave pelos oculos,orna todos os desenhos comicos, illustrando as historias infantis e chega até nós pelo cinema. Tal como é aos oito annos, aos quinze e vinte encontra-se o mesmo. Durante os annos que decorrem da infancia á adolescencia e á primeira virilidade elle aprende a desembaraçar-se do seu acanhamento de garoto, e principia lentamente a se comprazer na limpeza corporal, que muitos, erroneamente, consideram como sendo qualidade innata no meio anglo-saxão; passa do desdem pelas meninas para um interesse, mixto de curiosidade e temor, pelas "girls". Aprende, então, a empastar o cabelo, a escolher as gravatas e uma carreira, a amparar com o braço as mulheres, quando atravessam a rua ou quando descem uma escada, a collocar as cadeiras em que se sen-

tam atraz dellas, a tirar o chapéo quando uma senhora entra num elevador, a nunca ficar sentado quando uma moça está de pé. Tambem elle se habitua a levar uma girl para assistir a um jogo de base-ball ou football e a convidal-a para dansar ou ir ao theatro. Mas, no fundo, não gosta de nada mais do que associar-se aos rapazes de sua idade nessas partidas onde se pôde discutir o ultimo match de rowing, do futuro da turma de hockey, com typos que sabem donde elle vem e onde se pôde, estando entre camaradas, ficar em mangas de camisa, berrar, blasphemar usar a gyria norte-americana, tão apreciavel e saborosa no seu pittoresco rudimentar. Aqui se está á vontade, e se elle se gaba de Bill e Ted e sae sabbado á noite com Gladys ou Beryl, no intimo do coração daria tudo para ficar com Ted e Bill, que lhe não mettem medo...

O medo da mulher! Como elle ronda, invisivel, sob a cortezia e as attentões! E como ellas abusam delle, as moças! Sem subtilidade, sem fineza, o jogo é muito facil. Sabem que os companheiros foram acostumados desde pequenos, a consideral-as seres excepcionaes, aos quaes são devidas todas as attentões, si não a confiança mais absoluta. E as flores e bonbons que recebem, que exigem, quasi, são raramente offertas de um coração commovido, porém muito mais frequentemente o tributo offertado á divindade temivel, cujo fetiche, com o pequeno avental e os oculos de tataruga, permanece, ás vezes, durante toda a vida, na memoria do rapaz americano... Foi a governante que o acostumou ao sentimentalismo insipido do seu coração de solteirona; que o fez tremer ante a austeridade de uma autoridade que não é uma disciplina. Com raras excepções, todas as classes de meninos são, até o seu decimo quinto anniversario, dirigidas

por mulheres. A tutella mascula do homem não é conhecida sinão mais tarde, no escriptorio, na officina, no collegio, quando as relações de confiança e intimidade se tornaram mais difficeis: nunca se poderão acostumar. Eu li numa recente reportagem de jornal francez a revelação de que, á falta de um compatriota, o ideal das jovens modernas era um marido americano. Como se comprehende e se penetra bem o pensamento! Elles são encantadores em sua casta virilidade, na sua cortezia reverente... Sonho das moças de agora! Que mulher prudente deixar-se-ia seduzir?

Ouvia recentemente uma conversa entre um dos nossos amigos francezes e um jovem estudante de collegio. O nosso amigo deplorava a austeridade da vida destes rapazes e evocava as relações um pouco maduras que tinham formado a sua juventude.

— Acredite, senhor, retorquiu-lhe o outro, que nós não recusariamos passar por esta escola. Infelizmente, as mulheres deste nosso tempo não nos encorajam. Em nada lhes interessamos. Em materia de mulheres, afóra a nossa familia, não conhecemos ninguém, a não ser as mestras do collegio e as nossas companheiras de classe.

Para falar com esta franqueza em presença de uma senhora, era preciso que o rapaz fosse o que de facto é, francez, tornado americano pela educação. O medo, ou o respeito, que não é outra coisa sinão uma das suas modalidades, está arraigado demais no coração dos seus camaradas, para que algum delles se permitisse esta liberdade em minha presença. E este receio, esta deferencia, que fazem o seu encanto, aos dezoito annos, muitos homens guardam-nos aqui toda a vida, como conservam o andar vigoroso, a alma sentimental e o olhar tão claro que a pergunta nos vem aos labios se as orbitas não são vasias...

HUMOUR VERSUS VERNACULISMO

“Os brasileiros zelam mais o vernaculo do que os portuguezes.”

As palavras de ouro de Julio Dan-

tas merecem o commentario que remetto a Vossa Mercê que é o escoliasta mais provecto dessa redondeza.

O meu intento é explical-as agora, abonando-as com os documentos da psychologia nacional.

Dois dos nossos humoristas trataram já com grande excellencia deste caso curioso que tanto lisonjeia o gentio e nobilita a patria.

Prefiro a lição dos humoristas á da historia, porque difficilmente delectreio as coisas graves e sou por natural melancholia inclinado as joviaes anedotas.

Dois humoristas nossos dão-me a chave desse enigma vernacular que sem elles me pareceria indecifrável.

Um desses humoristas é o Monteiro Lobato e o outro o Mario Brant.

Valem ambos por historiadores e archeologos, tanto e tão profundamente penetraram a alma nacional.

Contarei, pois, a Vossa Mercê os dois casos de Aldrovando Cantagallo e do José Cigarreiro — personagens representativas do quinhentismo sadio transplantado.

Verá Vossa Mercê que Aldrovando Cantagallo foi quem lançou a semente e o José Cigarreiro quem colheu o fruto. Ambos bem mereceram da patria e para mim são os verdadeiros heróis e demiurgos symbolicos que heroicamente dissiparam o immundo vasconço e fundaram a linguagem triumphante e eterna.

Aldrovando Cantagallo, que Monteiro Lobato vulgarizou, é o verdadeiro typo do apostolo grammatical.

Leia V. Mercê esse formoso conto, onde ha tudo que aprender para certos usos caseiros, a verdadeira mezinha domestica dos males espirituales que nos affligem.

Aldrovando é insigne no seu estylo de indagação contra os tarelos; pedia contra os incrêos da lingua leis severissimas e pelourinho infamante:

— “Leis, senhores, leis de Dracão que diques sejam, e fossados e alea-
cares de granito á defensão do idioma prepostos. Mister sendo, a force se restaure, que mais o barão merece quem conspurca o sacro patrimonio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira”.

Assim guerreava a sua guerra santa.

Como é gracioso esse odio theologal de Aldrovando Cantagallo! Estou que elle torceria o pescoço a uns dois terços da nossa Academia, que é caridade grande apressar a morte dos que soffrem sem remedio.

Para o Aldrovando os jornalistas eram: “gallicigraphos de papel e graxa que á lingua lusa offendem”.

Sentindo o orgulho e santidade da sua vocação, Aldrovando Cantagallo saiu de ponto em branco pelas ruas e praças a endireitar os tortos grammaticaes, a pôr em pé com unção os pronomes, a restaurar os Endovellidos e Viriatos que desde as suas cavas reclamam o respeito das velhas tradições gloriosas.

O seu estylo apostolico tem vehemencias sagradas e quinhentistas:

“Fogem-me á ferula os maraos de pau e corda? filal-os-ei pela gorja! Salta rumor!”

“Amigo (diz elle suavemente a um ferreiro). Amigo! natural a mim me parece que erres, alarve que és; mas, da boa sombra do teu focinho espero que ouvido me darás.”

E todos prestavam ouvido attento.

Segunda vez no lapso dos tempos, quatro seculos depois da conquista, ouvimos na selva brasilica a voz dos nossos missionarios que hoje ao invés de dilatar a fé e o imperio, nos edificam os pronomes e nos salvam a alma, sob as duas especies das particulas santas.

Como era de prevêr, o apostolo da grammatica não podia deixar este mundo sem o martyrio.

Morreu effectivamente de um erro grammatical que lhe attribuiram alguns typographos malvados.

Numa tarde serena de céu limpido e azul, subiu sua alma, leve como fumo de incenso, ao seio do Creador.

A vinha que ella plantára floreceu e frutificou. Hoje bebemos o vinho celestial da sua doutrina, esquecidos e ingratos que somos do serviço daquelle apostolado admiravel.

A Aldrovando Cantagallo ou melhor (pois que nunca é tarde para fazer justiça), a Santo Aldrovando Cantagallo devemos a polidez hodie-

na, a virtude quotidiana da boa linguagem. Louvores lhe sejam dados.

Desappareceram já os farelos, os galliciparlas, francelhos, franchinetes, tratantes e chatins de terras viciosas e corruptas.

O Brasil, hoje, é de novo subtil e manuelino como a Torre de Belém e o doutor João de Barros.

Ora, é nesse estado de pureza immaculada do idioma que entra o novo humorista que V. Mercê bem conhece.

O segundo humorista é Mario Brant, secretario das finanças das Minas Geraes, grande jornalista e escriptor devotado, como tantos outros, pela politica.

O heróe do conto de Mario Brant é o José Cigarreiro, pobre diabo que lutava pela vida, vendendo charutos e cigarrilhos.

Quando elle se estabeleceu, o tempo e o logar eram climatericos; na mesma rua havia concorrentes formidaveis, ricos e afreguezados. O José principiava a vida e queixava-se dos máos negocios. Ninguém lhe batia á porta, quando por inspiração do alto lhe veio uma idéa.

Era já o tempo em que graças á sementeira e aos trabalhos de Aldrodrovando, toda a gente conhecia o vernaculo: ninguem mais offendia a syntaxe nem as particulas.

Falava-se já uma lingua de quinhentos em edição "ne varietur".

— Pois é assim? Pensou o José Cigarreiro. Vão vêr agora.

E logo suspendeu a porta da sua misera tabacaria sem freguezes uma taboleta nova em letras garrafaes: **Vende-se charutos e cigarros.**

E esperou resignado a indignação universal.

Logo cedo entrou um sujeito na loja:

— Tem você aqui cigarros do Pomba?

— Tenho, sim, e de tres marcas.

— Vou levar-os todos.

E em seguida, ajuntou:

— Seu José, esta taboleta não está muito catholica. Ninguem hoje diz — "vende-se charutos". E' erro grave. "Vendem-se"... é que é. Mude essa taboleta.

Pagou e saiu. E logo entra outro individuo:

— Dê-me uma caixa de charutos da Bahia.

Foi immediatamente servido novo freguez que, ao retirar-se, não se conteve:

— "Seu" José, ha um erro na sua taboleta. No seculo vinte, é espantoso! Camões nem Aldrovando Cantagallo aceitariam essa lição do — "Vende-se charutos". Pelo amor de Deus, corrija semelhante dispauterio.

Pagou e foi-se embora.

Ao cabo do dia, ao sol posto, a gaveta do José regorgitava de moedas e a loja formigava com o entrar e sair da freguezia.

Se um erro matou a Aldrovando outro erro rehabilitou o José Cigarreiro.

Essa é, na verdade, a historia de todos os martyres e é tambem a philosophia da nossa historia.

Coteje Vossa Mercê esses dois fados tão diversos, e todavia tão eguaes.

O erro é o melhor estrume da verdade, e ás vezes vale a pena commetter uma asneira grande.

Entre as asnidades que tenho feito, pique um alfinete nesta e ponha na sua collecção.

Deus guarde a Vossa Mercê como sóe fazer a todos os apostolos e colleccionadores. — Do humilde servo,

João Ribeiro

A GUERRA FUTURA

Haverá quem vá ás trincheiras?

Se surgir a nova guerra na Europa, que grandes palavras porão em jogo os homens para justifica-la? As que

foram utilizadas na ultima contenda estão gastas já e não bastariam para arrastar as gentes a perder por ellas a vida: a Civilização, a Liberdade, o

Direito... Na verdade, não serviram em tal caso senão para amparar o mais horrendo dos crimes que conhece a historia.

Mas, muitos foram os que lutaram por outro ideal, o mais possível de todos os ideaes: centenas e milhares de combatentes mataram e fizeram matar acreditando que faziam guerra á propria guerra. De outro modo, teriam clamado contra o cruel extermínio. Mas disseram-lhes: "esta será, se triumpharmos, a ultima guerra". E saíram a lutar, como se fossem á caça de um monstro terrível. Não lhes movia a idéa de patria, nem os hallucinara o Estado burguez; batiam-se para maior bem da humanidade, com a ingenua fé dos martyres.

Entretanto não se pelejava contra a guerra; foi essa a maior mentira dos que necessitavam transportar carne viva para as trincheiras. A guerra não acabará entre os homens. A guerra, que semeia odios, pobreza e dôr, dá sempre novos ensejos de batalhas. Perceceram milhares de homens, a economia mundial se desequilibrou... e ainda é preciso mais. Os que hontem eram amigos, olham-se hoje receiosamente; os victoriosos continuam se arruinando com os gastos dispendiosos do aparelhamento militar. E a Allemanha rilhando os dentes de rai-va, espera...

Que novas pomposas palavras seriam necessarias? Voltariam os homens que nos paizes neutros defenderam a Causa da Civilisação á necessidade de louvar o militarismo, a mover suas pennas e pronunciar seus discursos com o alcandorado entusiasmo de então? E as mães que deixaram partir seus filhos, os que sacrificaram seu bem-estar pela espantosa existencia dos lodaços, os que tanto soffreram e perderam tanto, voltariam outra vez ao inferno já conhecido?

E' possível que terrível exemplo tenha sido olvidado?

Diz-se que o maior bem que os deuses outorgaram ao homem foi poder esquecer a dôr já experimentada; porém se a recordação é tão breve, não será neste caso um bem. Conviria, pelo contrario, que durasse o sufficiente

para que a um novo appello ás armas, as multidões respondessem com as largas palavras do desengano soffrido.

Umas phrases de Poincaré repellido na Camara franceza a proposição da Inglaterra de que fosse um "comité" de banqueiros quem resolvesse a questão, mereceram estrepitosos applausos, porque pareciam afastar os prosaicos manejadores de dinheiro dos ideaes da patria. Mas a verdade é que nada havia de mais rasoavel do que a proposta ingleza. Finalmente, por vis assumptos de interesse economico se fez a outra guerra e por analogos motivos adoptou a França sua actual attitude. Isto de Civilisação, de Direito e de Liberdade eram rufos de tambor. No fundo não se perseguia outro fim que o de conquistar mercados e de conseguir hegemonias industriaes... Dinheiro, dinheiro, dinheiro... Mas quando esses interesses estão ameaçados, os grandes banqueiros não têm a franqueza de gritar "meu dinheiro!" Saem com ares romanticos e olhos humidos de lagrimas, a pedir: -- A Patria! Pobre Patria! Que vae ser da Patria?!

E os demais correm a destruir-se, cantando hymnos, pallidos pelo entusiasmo e pela proximidade da morte.

Nós outros não ampliaremos as proposições da Inglaterra. Se os "comités" de banqueiros não podiam chegar a uma intelligencia, não nos opporíamos a que, em nome de suas patrias respectivas, declarassem acabadas as hostilidades e se batessem entre si; sem produzir hecatombes, sem apartar os demais homens do seu trabalho, sem fazer morrer de fome mulheres e meninos, sem bombardear povoações, sem afundar navios... E o que saísse vivo, poderia decidir:

— As minas de ferro ou de carvão de tal parte ficam incorporados ao "troustr" Penengancz.

Depois da grande guerra, muitos comprehendem que isto seria a unica cousa rasoavel. E sem embargo não

seria difficil aos governos invocarem novas transcendentaes palavras. Bastaria que os mesmos topicos fossem pronunciados, que os mesmos periodicos publicassem as mesmas exaltadas doutrinas, para que os homens voltassem a abandonar os campos que levaram o gabinete onde estudam, a tranquillidade e a alegria da vida civilisada para anniquilarem-se no horror das batalhas. E as doces mulheres, as mães armantissimas, as

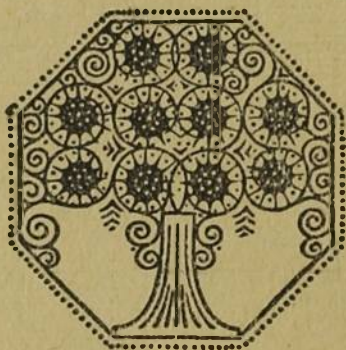
esposas submissas, as donzellas enamoradas, tornassem a empurrar, sempre docemente, seus filhos, seus maridos e seus noivos para a matança, murmurando a heroica phrase:

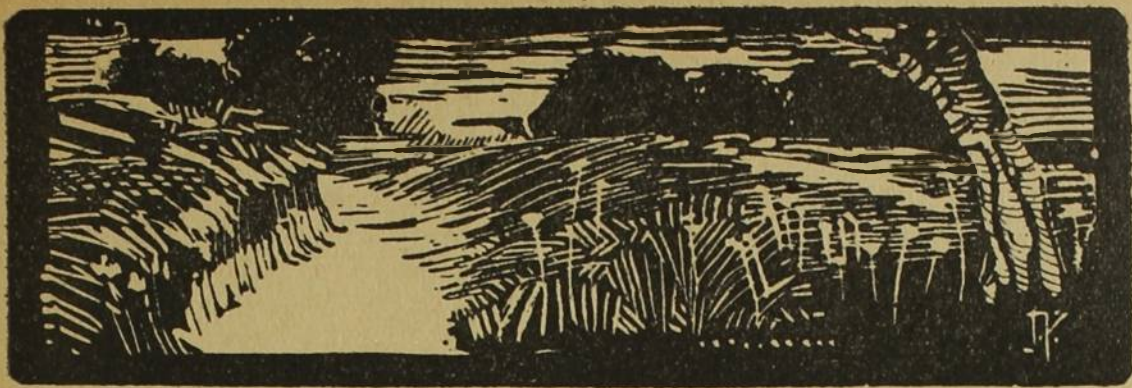
— Vence ou morre.

A humanidade tardará muito em deixar de ser cruel e imbecil.

W. Fernandes Flores.

("O Jornal," Rio).





O PROGRESSO DE S. PAULO

Transcrevemos hoje da mensagem apresentada ao Congdesso Paulista pelo Exmo. sr. Presidente do Estado alguns trechos relativos ás finanças, ao movimento economico, á viação rodoviaria e á carta geographica. Por esse documento os nossos leitores verão que S. Paulo continua em marcha accelerada, em seu magnifico papel de locomotiva do progresso brasileiro.

FINANÇAS

SOB o aspecto fiscal continua promissoramente ascendente a situação do Estado de S. Paulo, sem que, entretanto, para isso tivesse concorrido a criação de novos impostos nem tão pouco tivesse havido aumento dos existentes, ao contrario, a cobrança dos tributos, taxas e contribuições foi realizada, em alguns delles, por preços abaixo dos maximos fixados nas leis em vigor, como notadamente se fez com o imposto sobre a exportação de café, uma das mais volumosas fontes financeiras do Estado.

Assim, a receita, segundo a lei orçamentaria de 1921, foi prevista em 152.391:300\$723, tendo, entretanto, produzido a quantia de 157.019:198\$553 ou mais 1.627:897\$830.

Para os calculos da nossa arrecadação, assim, verificamos a marcha ascencional da receita. Mas não é menos verdade que a administração do Estado, na sua arrecadação total, levando em conta os lucros do café e a reversão ao Thesouro das cambiaes, teve, para liquidar o seu exercicio em 1922, menos que em 1920 a quantia de 18.669:786\$652 (diferença entre a renda total de 1920, 175.678:985\$205 e a renda total de 1922, 157.019:198\$553) e menos que em 1921 a quantia de 3.651:134\$910 (diferença entre a renda total de 1921, 160.580:333\$463 e a de 1922, 157:019:198\$553).

Os lucros do café, juntos á renda normal, em 1920, permittiram liquidar o respctivo exercicio com um saldo de 1.013:913\$508, visto que as despesas pagas nesse exercicio attingiram a 174.665:071\$691. A reversão das cambiaes destinadas á encampação da City Improvements Santos Co., accrescida da

diferença de cambio a favor do Thesouro, junta á renda normal fizeram a liquidação do exercicio de 1921 com um *deficit* apenas de 17.396:329\$382.

Quer isto dizer que a progressão das nossas rendas é acompanhada pela progressão das nossas despesas.

E' isso natural porque, si o trabalho e a producção augmentam, augmentam os seus factores, isto é, o homem e a área da terra lavrada, sendo necessario para custear-os o augmento de despesas, na proporção, de policia, de justiça, de saneamento, de administração, de meios de transportes, etc., etc.

No exercicio passado, tivemos ainda pesando formidavelmente nas nossas despesas, o alto custo das cousas, apparente valorização, que não foi senão a depreciação da nossa moeda em cerca ou mais de 60 %, obrigando-nos a pagar tudo por duas vezes mais que no anno anterior. Quer isto dizer que ainda este anno não conseguimos evitar o *deficit*.

Assim tem sido realmente. Cada anno terras novas são entregues ao amanho, e, o que é mais de considerar, terras chamadas velhas são reivindicadas pelo trabalho.

As nossas rendas têm sempre augmentado.

Não levando em conta na arrecadação de 1920 a quantia de 64.467:628\$755 proveniente dos lucros da operação sobre o café em 1918, e na arrecadação de 1921 a quantia de 13.685:283\$600, producto da reversão ao Thesouro Estadual de cambiaes em ouro, depositadas, em 1920, para encampação da City of Santos Improvements Co., que não foi levada a effeito, ambas não constituindo rendas com que o Estado possa normalmente contar, temos tido as seguintes receitas:

<i>Annos</i>	<i>Reccita</i>	<i>A mais</i>	<i>Total arrecadado</i>
1920	111.211:356\$449	—	175.678:984\$205
1921	146.895:049\$683	35.683:693\$234	160.580:333\$463
1922	157.019:198\$553	10.124:148\$870	157:019:198\$553

E' logico, porque desde que conservamos os mesmos impostos, e alguns diminuidos, e mantivemos os mesmos serviços e accrescentamos novos, com os preços triplicados da actualidade, a nossa renda que só augmentou com o desenvolvimento de S. Paulo, ficou muito aquem da nossa despesa, ocasionando *deficit* inevitaveis ou só evitaveis com a suppressão ou diminuição de serviços, isto é, com a desorganização do aparelho administrativo.

Já na minha mensagem de 14 de julho de 1922 eu vos dizia que São Paulo precisa para as suas despesas ordinarias, de 200.000:000\$000 de renda annual. Com ella poderá manter os serviços administrativos actuaes, desenvolver muitos e estabelecer novos, de que visivelmente carece o seu organismo.

Não tivemos tal renda no exercicio de 1922, por consequencia se verificou o desequilibrio entre a receita e a despesa, com um *deficit* de 27.832:078\$476, pois que a nossa receita orçamentaria foi de 157.019:198\$553 e a nossa despesa orçamentaria alcançou 184.751:277\$029.

Si accrescentarmos á despesa orçamentaria a que foi feita por leis especiaes, saldada com as operações de credito autorizadas, no valor de 20.136:368\$647, temos a despesa annual elevada a 204.887:645\$676 algarismos que acotovella a cifra de 200.000:000\$000, julgada necessaria para a despesa annual do Estado de S. Paulo.

MOVIMENTO ECONOMICO

Pelo porto de Santos, em 1922, foram despachadas 8.827.384 saccas de café, das quaes pertenciam ao Estado de S. Paulo 7.779.922 saccas, ao Estado de Minas Geraes 1.003.559 e ao Estado do Paraná 43.903, tendo havido para mais sobre o exercicio de 1921, no despacho global, um excesso de 32.206 kilos.

Dizemos no despacho *global*, por saccas, desprezadas as fracções de que a quantidade despachada não foi toda ella exportada, precisando, neste passo, distinguirmos entre café despachado, isto é, com os seus direitos pagos, prompto para embarque, e café embarcado, já em caminho dos mercados de consumo, fóra dos portos, em summa realmente exportado.

A causa deste phenomeno está em que tendo a lei orçamentaria fixado a pauta, isto é, a base para cobrança de 9 % 'ad valorem', estabelecidos na lei em vigor, em 1\$ por kilo de café, tendo elevado, por consequencia, o valor de mais \$30 para sobre elle ser calculado o imposto de exportação, os despachos nos ultimos dias de dezembro, para aproveitar a pauta de \$700 e não incidir na de 1\$000 do actual exercicio, foram grandes, ultrapassando de muito as quantidades embarcadas.

Não escrevemos só para o Congresso, onde estas cousas são de sobra conhecidas, por essa razão devemos accentuar que a elevação do imposto não foi de \$300 por kilo, mas de 9 % sobre \$300 ou apenas de \$027 por kilo.

Com a pauta de \$700, o imposto montava a \$063 e com a pauta de 1\$000 sobe a \$090, quando o valor médio por kilo regulou 1\$973, e que daria o imposto legal de \$177, cerca de 50 % acima do que se está cobrando ainda este anno de 1923.

Esse facto deu, como expliquei, para os cafés de São Paulo, uma differença de 678,903 saccas, visto que o despacho attingiu a 7.779.922 e foram embarcadas 7.101.019.

Segundo os calculos, sempre escurpulosamente feitos pela Recebedoria de Santos, o valor médio por 60 kilos se manteve, em 1922, em 118.396, o qual, accrescidos dos diversos direitos e despesas de sahida com capatazia, carroto, carga e descarga, embarque, imposto "ad valorem", sobre-taxa de 5 francos o sacco novo, montou a 128\$600, como demonstra o quadro abaixo que, para melhor elucidação, vai combinado com os annos de 1919, 1920 e 1921.

	1919	1920	1921	1922
Preço médio por sacca de 60 kilos .	88\$200	66\$750	77\$320	118\$396
Capatazia	\$300	\$300	\$300	\$300
Carreto	\$350	\$350	\$350	\$350
Carga e descarga	\$120	\$120	\$120	\$120
Embarque e outras	\$100	\$100	\$100	\$100
Imposto <i>ad valorem</i>	3\$780	3\$780	3\$780	3\$780
Sobre-taxa de 5 francos	3\$168	1\$658	2\$876	3\$154
Sacco novo	2\$400	2\$400	2\$400	2\$400
Totaes	98\$418	75\$458	87\$246	128\$600

Sobre o preço médio da sacca de café accrescido das diversas despesas de sahida, é que se deve fazer o calculo da importancia economica do café, porque todos esses valores entram para a economia do Estado sob variadas

formas, quer como imposto para occorrer a parte das despesas publicas, quer como sobre-taxa destinada especialmente a pagamento de juros e amortização de empréstimos, quer como remuneração aos serviços das Docas, para as fabricas de tecidos de aniagem e seus intermediarios, estando no preço médio as despesas de transporte, de producção, os lucros do productor e dos que nessa lavoura se occupam.

Tomado esse valor, 128\$000, e o volume da exportação — 7.101.019 —, abstrahida a parte apenas despachada por motivo fiscal e não sahida realmente, vemos que o café concorre para a fortuna dos paulistas, para os recursos fiscaes, para o desenvolvimento economico do Estado de S. Paulo e para a riqueza do Brasil, com a quantia de 913.191:043\$400.

Ajuntado a essa parcella o valor das outras exportações, como:

	<i>Kilos</i>	<i>Preço</i>
Algodão em rama	8.371.751	30.163:954\$000
Tecidos de algodão e outros	4.167.218	36.679:410\$000
Carnes resfriadas e preparadas	17.263.291	20.322:129\$000
Fios diversos, linhas e barbantes	1.419.175	10.809:340\$000
Saccos de aniagem, nos quaes não se consideram as sahidias por estrada de ferro	4.430.734	18.602:558\$000
Bebidas	9.352.561	7.482:049\$000
Papelaria	37.338.301	3.190:809\$000
Arroz, saccos	24.648	387:256\$000
Feijão, saccos	15.583	467:490\$000
Mamona	3.213.388	1.606:694\$000
Oleos	3.024.749	3.037:124\$000
Banha	392.686	—
Drogas e productos chimicos	1.432.671	8.865:342\$000
Louças	1.063.616	2.390:534\$000
Chapéos	243.355	4.377:100\$000
Bananas	3.914.610	3.829:220\$000
Abacaxis e laranjas	524.931	239:379\$000
Farello de algodão	16.454.228	3.290:845\$000
Farello de trigo	4.043.456	763:256\$000
Couros crus	2.016.796	3.428:502\$000
Gado em pé	600	450\$000
Teremos total geral	—	1.106.896:440\$400

Foi, pois, na parte exportação de productos, de um milhão cento e seis mil trezentos e noventa e seis mil quatrocentos e quarenta mil e quatrocentos réis o concurso de S. Paulo para a riqueza nacional.

E' interessante fazer notar que o café se manteve quasi na mesma escala, tendo havido menor exportação de kilos 32.694.760 ou 544.916 saccas.

Alguns dos outros productos de exportação, que antes da guerra não contavam muito, mas que cresceram com a guerra e decahiram enormemente após a guerra, retomam agora o seu movimento altaneiro.

Assim o algodão, que cahiu em 1920 a 13.539.098 kilos e chegou, em 1921, a 5.002.813, levantou-se em 1922 a 8.871.751 kilos; os tecidos de algodão têm em 1922 sobre 1921 um excesso de 1.888.503 kilos e os fios que, em 1921, concorreram com 333.670, em 1922 levaram 1.419.175 kilos.

O algodão occupa já um bom espaço na economia paulista, attendendo-se

ainda tambem que os algarismos a elle referentes, por se referirem á exportação, não abrangem o consumo feito no Estado.

Merece este producto, destinado sem duvida alguma a emparelhar com o café, especial attenção dos poderes publicos.

Representa elle a riqueza agricola de extensas regiões do Estado e uma das suas principaes riquezas industriaes.

PRODUCCAO INDUSTRIAL

A industria manufactureira no Estado continua a prosperar. A producção industrial se avoluma de modo sensivel. A de 1921, cuja estatistica ficou concluida no anno findo, denuncia lisonjeiro augmento no seu valor de producção global, conforme se verifica do seguinte confronto com a dos annos anteriores:

1917.	562.385:651\$000
1918.	556.801:100\$000
1919.	712.662:327\$062
1920.	795.915:200\$000
1921.	804.378:007\$300

Só os tecidos de varias especies concorreram para esse total de 1921 com 358.450:542\$367. Seguiram-se os calçados com 75.073:335\$000, as bebidas com 46.914:473\$350, os chapéos com 26.106:164\$000.

A nossa industria de tecidos, que tanto despertou a attenção do publico na Exposição Internacional do Centenario, começa a constituir um dos principaes ramos da riqueza paulista. Em Janeiro de 1921 existiam no Estado 54 fabricas de tecidos de algodão, com o capital de 106.188:000\$000 e 17.823 operarios; 4 de tecidos de juta, com o capital de 11.800:000\$000 e 4.540 operarios; 10 de tecidos de lã, com o capital de 8.970:000\$000 e 1.256 operarios; 10 de tecidos e fitas de seda, com o capital de 5.138:000\$000 e 1.478 operarios; 44 de tecidos de malha e meias, com o capital de 7.081:000\$000 e 2.022 operarios; 2 de rendas e bordados, com o capital de 530:000\$000 e 76 operarios; 6 de tecidos diversos, com o capital de 323:000\$000 e 138 operarios; e 6 de fiações de estopa, com o capital de 1.808:000\$000 e 617 operarios.

As fabricas de tecidos de algodão produziram 197.784.698 metros de tecidos crus, brancos, tintos e estampados, no valor de 820.361:204\$900, em 1921.

Kilos, em 1922 contra kilos, em 1921

As drogas e productos chimicos	1.432.671	991.566
Louças.	1.063.616	443.798
Bananas, cachos.	2.914.610	2.294.610
Chapéos.	234.855	108.348
Papelaria.	3.738.301	2.883.476
Bebidas.	9.352.561	7.113.449
Saccos de aniagens	4.480.734	1.246.991

As carnes frigorificadas e banha, que já occuparam o segundo logar da nossa exportação, perderam essa posição principalmente por causa da peste bovina em 1921, que impediu a matança nesse anno, fazendo com que ellas desaparecessem do mercado durante algum tempo. Os quatro frigorificos paulistas tiveram que diminuir consideravelmente a sua actividade, chegando o maior delles, Armour, a suspender os seus trabalhos em 1922. No começo de 1923, Armour reencetou a matança e todos os quatro estão em plena actividade, sendo certo que em breve retomarão a posição anterior.

Alguns generos, porém, como o arroz e o feijão, que só tiveram saída por causa da guerra e durante a guerra, soffreram quêda brusca, presagiando a impossibilidade de voltar ao esplendor ephemero.

Não pudemos ou não soubemos conservar o mercado de consumo, que as necessidades da guerra nos abriram inesperadamente.

Generos exóticos, principalmente o feijão, aos povos europeus, a sua collocação nos mercados foi brusca, sem as condições prévias e indispensaveis que ensinassem o seu preparo para uso sadio e util, o modo de transporte que impedisse a deterioração, a forma do seu commercio especial, de modo que a sua exportação durou enquanto duraram as necessidades da guerra.

O arroz, que em 1920 sahiu com um volume de 1.883.342 saccos e com um valor de 51.601:012\$000, decresceu em 1921, e em 1922 baixou ainda a 24.646 saccos, no valor de 887:256\$000.

O feijão, que em 1919 attingiu a 920.554 saccos num valor de 19.066:906\$000, decresceu a 15.583 saccos, valendo 467:490\$000 de exportação interestadual, porque para o estrangeiro foram apenas 13 saccos.

Intencionalmente fizemos o confronto da nossa exportação em peso, e não em valor monetario brasileiro, porque este, para esse fim, nenhum elemento de informação segura poderia fornecer, attentas as diferenças nesses diversos exercicios, do nosso cambio, que só foi invariavel no seu descer continuo.

Não nos deve illudir o volume em réis da nossa exportação; é elle apenas um reflexo do phenomeno cambial que não exprime a nossa riqueza.

A quantidade enorme de réis, pela qual trocamos os nossos productos, não nos deve socegar e muito menos alegrar. Si por um lado deixa em melhor posição aquelles cujo principal recurso está na exportação, por outro lado representa um enfraquecimento da nossa moeda, do nosso instrumento de troca, que traz o encarecimento da vida em perigosa e apparente valorização, sendo principalmente uma causa da perturbação de nossa vida economica.

Uma arroba de café a valer 32\$160, num cambio de 5, representa para o paiz uma riqueza muito analoga, si bem que não se possam fazer comparações, á de alguns outros a vender machinas de sua producção industrial por milhões, num cambio vizinho da fallencia.

Rapida vista de olhos lançada sobre o quadro, em seguida transcripto, relativo á exportação do café brasileiro, pelo porto de Santos para o estrangeiro, vem decisivamente corroborar os conceitos, que emittimos e que, entretanto, ficam sujeitos ao exame dos entendidos.

ANNOS	SACCAS	Mil réis papel	Equivalente em Lbs. Esterlinas	Preço médio annual a bordo por sacca	
				Papel Rs.	Equivalente em £s e Schl.
1913	10.229.245	487.999:662\$	32,533,311	47\$706	3/4
1914	8.493.557	350.094:009\$	21,387,263	41\$219	2/10
1915	12.119.741	453.698.715\$	23,561,554	37\$435	1/19
1916	9.943.158	456.749:740\$	22,710,721	45\$936	2/6
1917	7.845.089	336.763:700\$	17,605,221	42\$927	2/5
1918	5.390.913	268.383.609\$	14,489,595	49\$784	2/14
1919	9.426.335	946.576:671\$	55,715,330	100\$418	5/18
1920	8.480.887	671.363:457\$	41,156,376	79\$162	4/16
1921	8.770.042	761.327:301\$	25,967,343	86\$810	2/18

Em 1919, representando um valor de café de 60 kilos valeu £ 5,18, representando um valor em réis de 100\$418; em 1922, essa mesma sacca de café valeu apenas £ 3,15, e o seu valor em réis apparece como o de 128\$665.

Ha vinte e oito por cento mais em réis, em papel moeda, e, entretanto, doloroso confronto, ha menos duas libras e tres schillings por sacca na balança commercial brasileira, portanto menor base para arrecadação de impostos e diminuição sensivel na fortuna dos productos de café.

Em 1919 a exportação de café rendeu £ 55.715.330, a £ 5,18; enquanto que, em 1922 essa exportação produziu £ 81.576.447. No total da exportação do café, só pelo porto de Santos, tivemos menos £ 24.118.883, vultuosa differença que, em alguns annos, como os de 1914 a 1918, constituiu mais que o integral da nossa riqueza em café.

E' verdade que o volume de saccas, em 1919, é maior que o de 1922; mas mesmo reduzidos os volumes das duas exportações a um só termo, ao de 1922, e attendidos ao preço na libra esterlina que vigorou em 1919, teriamos um valor de exportação de £ 49.145.401, ou de mais £ 17.568.954, neste anno de 1922, para a economia e para as finanças da nação.

Esta é a impressionante realidade dos factos.

E' suggestivo tambem o exame da oscillação dos preços do café, nos diversos annos, tomando a base de sacca a 60 kilos.

Desde 1913, o preço vai baixando, de £ 3,4 até o miseravel de £ 1,10, dos primeiros assombrados momentos da conflagração mundial, conservando-se, entretanto, na casa de £ 2 e fracção até que se fez a protecção do producto, com o consorcio federal e estadual de 1917, para compra de 3.000.000 de saccas, ajudada primacialmente pela grande geada desse anno.

O preço subiu rapidamente a £ 5,18; mas, logo, com a venda dos 3 milhões da intervenção supra referida, baixou, em 1920, a £ 4,16; e, com o *supprimento completo e previo dos mercados de consumo*, e não tendo sido possivel continuar a intervenção nessa época, chegou elle a £ 2 e fracção, á casa vil dos tempos da guerra, fazendo-se sentir terrivelmente na nossa agricultura, não obstante a baixa do cambio nos ter dado mais illusorios réis nesse exercicio do que nos de 1915 a 1918.

Operada a intervenção federal, em 1922, por se ter verificado em claridade meridiana, que a questão do café era principalmente do interesse do paiz, o preço montou a libras, 3,15, quasi como em 1913, mas ainda menos que em 1919 e que em 1920, mau grado funcionar agora irisado pela miragem descompassada da depreciação cambial.

Evidentemente, não obstante a massa de réis, o preço do café, libra 3,15, em 1922, não hombreou como o de libra 5,18 de 1919, nem mesmo com o de libra 4,16 de 1920, annos que, por muito proximos, não desapareceram ainda da memoria da lavoura cafeeira.

E' essa a licção dos algarismos. Por ella ficamos convencidos de que a sorte do principal producto nacional, por consequencia, da principal riqueza do Brasil, não deveria ficar dependente de bruscas intervenções commerciaes nem expostas aos azares das inconsequentes vendas em massa dos cafés comprados.

Foi por isso organizado o aparelho para defesa permanente da produção nacional, que se legalizou no Decreto de 22 de junho de 1922.

Por isso vos dizia eu na minha mensagem de 1922:

"O nosso principal producto já não se acha desamparado.

Está o governo federal armado dos meios para a protecção efficiente e opportuna, a qualquer tempo, sem autorizações especiaes obtidas nas épocas do desespero, que proclamam esse desespero, e, por consequencia, a nossa fraqueza, diminuindo as probabilidades da victoria.

Essa só circumstancia de se poder operar a defesa permanente, sem que seja precedida das reclamações dos interessados, é condição para o bom exito".

O que é necessario, e é essa a vantagem primordial do apparelho permanente, é que não se faça sentir a acção depois do apparecimento das baixas, porque então os prejuizos são grandes e os sacrificios inevitaveis.

Os nossos productos não estão em alta exagerada. Quer isto dizer que os nossos generos de producção, mais do que nunca, precisam da attenção dos poderes publicos, para o amparo indispensavel e prudente, previsto nas nossas leis, attendendo-se á fraqueza dos nossos meios commerciaes sob o aspecto de credito. Este facto é mais de accentuar neste movimento em que o paiz, tendo tocado sem duvida o ponto extremo do seu cambio, vai entrar num periodo de transição para saneamento e consequente estabilidade do nosso meio circulante.

Esses prodromos de bonança, prevemos na serena segurança com que o governo federal vai encarando, para resolver, a situação politica, financeira e economica do paiz.

A ponderação nas iniciativas e a prudencia nas attitudes para encaminhamento dos casos chamados politicos para soluções pacificas e legaes, que restabeleçam completamente a tranquillidade dos espiritos, a ordem publica interna e a confiança externa; a vontade resoluta de diminuir adiaveis despesas publicas e a arrecadação rigorosa das rendas que guiam para os orçamentos equilibrados; a creação do Banco de Emissão, antiga aspiração dos verdadeiros interesses brasileiros, órgão visceral do nosso credito, regulador essencial da nossa vida economica e financeira, razão de ser das nações verdadeiramente independentes, não são remedios panacéas, mas são causas, entre outras multiplas e complexas, que nos autorizam a esperar melhores dias para o Brasil, que realizará sem duvida os seus nobres destinos.

ESTRADAS DE RODAGEM

As continuas e pesadas chuvas, que, nesta estação, começaram antes mesmo do tempo habitual, se prolongaram além da época costumeira e ainda persistem, estorvaram e entorpeceram muito a construcção das estradas de rodagem.

O nosso systema rodoviario, porém, bem estudado e bem planejado, continuou a se desenvolver, com segurança, a partir da capital para todas as zonas do Estado, com reaes vantagens para a administração e largos beneficios para os particulares.

As communicações já são hoje mais faceis; as terras se valorizaram, mesmo descontando a depreciação da moeda; os productos abundaram nos centros consumidores; a fartura se fez nas pequenas lavouras.

Nós, que só tínhamos como forma de riqueza as grandes producções, unicas que supportavam os fretes ferroviarios, começamos a encontrar nos pequenos productos da pequena agricultura, que se transportam a pequenas distancias meios de vida para uma classe numerosa da nossa população.

Os vehiculos de transporte individual, em quasi todas as localidades do Estado, surgiram em chusma, como por encanto. Póde-se affirmar que, onde havia um ou mesmo onde nenhum havia, ha hoje sessenta. E' essa a proporção.

As estradas de rodagem para automoveis têm feito uma verdadeira transformação nos nossos costumes, e é grato tal assignalar porque só tem sido para o bem.

Antes, as viagens de uma cidade a outra mesmo em estradas de ferro, si não eram servidos pela mesma linha, demandavam dias e noites, nas

baldeações com dormidas forçadas e demoras inevitáveis nos horários. Si eram a cavallo ou de carro de boi, quando havia caminhos pelo canção e pelo espaço de tempo, taes viagens consumiam dias de trabalho e noites de pouso, emquanto que hoje uma visita de passeio ou uma audiencia de negocio, nas mesmas distancias, se faz em quartos de hora.

Esse movimento, iniciado pela administração estadual, tem sido acompanhado com enthusiasmo pelas municipalidades e o que é mais de louvar, tem sido seguido admiravelmente pelos particulares. Sobem hoje a milhares os kilometros de estradas construidas pelos municipios e pelos particulares.

Si bem que nem todas ellas sejam feitas nas condições technicas desejaveis, não é possível deixar de reconhecer que os caminhos municipaes ou particulares de hoje são incomparavelmente superiores ás estradas reaes de antanho, nesse tempo mesmo, antes das ferrovias, em que não havia outros meios de communicação.

Nesse acto das municipalidades e dos particulares, viu o governo o melhor applauso á sua iniciativa.

Hoje, a maior difficuldade administrativa está em attender aos reclamamos justos e legitimos, que surgem de todos os municipios, para as novas construcções de estradas de rodagem, visto que o programma rodoviario tem sido realizado dentro dos recursos ordinarios dos orçamentos, que não offerecem grandes margens a taes empreendimentos.

Nenhum emprestimo foi feito para tal fim, de nenhum recurso extraordinario lançou mão o governo para construcção das estradas de rodagem.

Foi autorizado pelos arts. 16 e 17 da lei n. 1.406, de 26 de dezembro de 1913, que o governo estabeleceu o systema de viação do Estado em relação ás estradas publicas de rodagem e começou a executal-o na parte que lhe competia, despendendo, inicialmente, a quantia de duzentos contos de réis; foi em seguida encorajado pela lei, n. 1.835, de 26 de dezembro de 1891, que o governo desassombradamente empreheudeu a solução desse problema, com os recursos orçamentarios da verba *Obras Publicas*, onde expressamente vem sempre a consignação de credits para continuação dos serviços iniciados em annos anteriores.

Alguma cousa já se tem realizado a respeito de estradas de rodagens; mas bem pouco é em comparação ao que S. Paulo precisa, e em relação ao que, por consequencia, tem de ser feito. O que ahi está é apenas modesto esboço do que ha de ser em S. Paulo.

Anima-me a emittir taes conceitos a certeza do continuo desenvolvimento economico de S. Paulo.

Damos em seguida o que já está feito em estradas de rodagem.

A) — De S. Paulo a Santos	62
De Santos a São Vicente	4
De S. Vicente a Ponta da Praia	7
B) — De São Paulo a Campinas	104
De Campinas a Ribeirão Preto, passando por Villa Americana, Limeira, Araras, Leme, Pirassununga, Santa Rita, S. Simão, e Cravinhos	240
Ramal do Ibó	
Ramal de Santa Rita	8.500
Ramal de Nova Odessa	
De Campinas a Mogy-mirim	50
C) — De São Paulo a Rodovalho, passando por Cotia e S. Roque	85

D) — De S. Paulo a Porto Feliz, passando por Osasco, Barueri, Parnahyba, Pirapora, Cabreuva e Itú	123
E) — De São Paulo a S. José dos Campos, passando por S. Miguel, Mogy das Cruzes e Jacarehy	103
Ramal de Luiz Carlos	2
Ramal de Sabauna	2
Ramal de Guararema	4
Ramal de Escada	0600 8600
F) — De Lindoya ás Thermas	8
G) — De Torrinha a Santa Maria	20
	<hr/> 882.100

Estão construidos 823,1 kilometros, dos quaes 139 apedregulhados, 55 macadamizados, e o restante em leito de terra.

Segundo as informações da Directoria de Obras, o custo total importou em 17.510:803\$241, sendo que o apedregulhamento custou por kilometro 15:000\$000 e a macadamização attingiu a 48:000\$000 o kilometro, regulando o preço medio do kilometro em leito de terra em 15:500\$000.

E' de notar que, no custo medio do kilometro ,estão incluidas não só as despesas de construcção do leito, como estudos, aterros e córtes, como tambem as de sargetas, boeiros ,pontilhões ,pontes, cercas de arame, casas de guardas, muros de arrimo, grammados dos aterros ,enfim todas as que se fazem em tal genero de trabalho.

As maiores despesas já estão feitas e são, em geral, como se sabe, o aparelhamento para o serviço com compressores, escarificadores, britadores, carroças e automoveis de transportes, etc. No nosso caso particular as despesas com as cinco sahidas de São Paulo são as mais vultuosas por causa da conformação dos terrenos, em regra extraordinariamente accidentados. Ultrapassado esse largo circuito montanhoso e com grandes rios, as estradas vão desenvolver-se em planos levemente ondulados, de modo que em muitos kilometros os trabalhos serão de simples raspagens. A despesa por kilometro, em leito de terra, vai baixar de muito, permittindo apresentar um custo medio bem menor.

Não é, por consequencia, ainda o tempo de se tirar o custo medio do kilometro feito, mas fica S. Paulo habilitado a aquilatar das despesas que tem feito com tal serviço.

Continua em franca actividade de trabalho a construcção das estradas que se dirigem ás fronteiras do Estado do Rio de Janeiro, de Minas Geraes, Matto Grosso e Paraná.

CARTA GERAL DO ESTADO

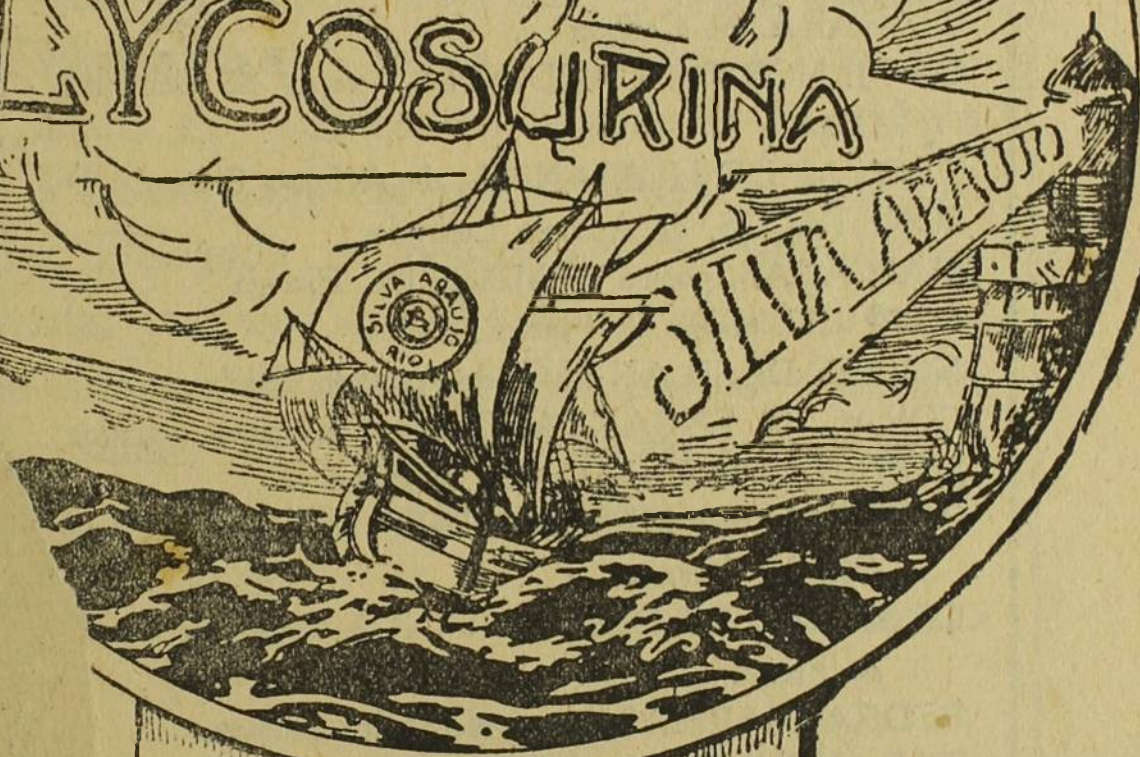
Continuou-se a triangulação para o oeste da rêde entre as Bases de Campo Alegre-Itirapina e de Barretos, tendo sido reconstruidos os signaes de Morro Alto, Tayuva, Areias, Botafogo, Granada e Marcondesia, que, em parte, haviam desaparecido, e ligados á zona já triangulada tres pontos approximados do meridiano 6.º: o Pirangy e o Irupi, no espigão do divisor das aguas dos ribeirões Onça e do Turvo, e um em "Luiz Barreto", na E. F. S. Paulo-Goyaz.

Continuou-se o levantamento da folha topographica de Ribeirão Preto, que ficou quasi terminada, exceptuada uma pequena parte na margem direita do Rio Pardo e correspondente ao canto NE da mesma, bem como de outros pontos do Estado.

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de assucar, tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos orgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

D) — De S. Paulo a Porto Feliz, passando por Osasco, Barueri, Parnahyba, Pirapora, Cabreuva e Itú	123
E) — De São Paulo a S. José dos Campos, passando por S. Miguel, Mogy das Cruzes e Jacarehy	103
Ramal de Luiz Carlos	2
Ramal de Sabauna	2
Ramal de Guararema	4
Ramal de Escada	0600 8600
F) — De Lindoya ás Thermas	8
G) — De Torrinha a Santa Maria	20
	<hr/> 882.100

Estão construídos 823,1 kilometros, dos quaes 139 apedregulhados, 55 macadamizados, e o restante em leito de terra.

Segundo as informações da Directoria de Obras, o custo total importou em 17.510:803\$241, sendo que o apedregulhamento custou por kilometro 15:000\$000 e a macadamização attingiu a 48:000\$000 o kilometro, regulando o preço medio do kilometro em leito de terra em 15:500\$000.

E' de notar que, no custo medio do kilometro, estão incluídas não só as despesas de construcção do leito, como estudos, aterros e córtes, como também as de sargetas, boeiros, pontilhões, pontes, cercas de arame, casas de guardas, muros de arrimo, grammados dos aterros, enfim todas as que se fazem em tal genero de trabalho.

As maiores despesas já estão feitas e são, em geral, como se sabe, o aparelhamento para o serviço com compressores, escarificadores, britadores, carroças e automoveis de transportes, etc. No nosso caso particular as despesas com as cinco saídas de São Paulo são as mais vultuosas por causa da conformação dos terrenos, em regra extraordinariamente accidentados. Ultrapassado esse largo circuito montanhoso e com grandes rios, estradas vão desenvolver-se em planos levemente ondulados, de modo que em muitos kilometros os trabalhos serão de simples raspagens. A despesa kilometro, em leito de terra, vai baixar de muito, permitindo apressar um custo medio bem menor.

Não é, por consequencia, ainda o tempo de se tirar o custo real do kilometro feito, mas fica S. Paulo habilitado a aquilatar das despesas feitas com tal serviço.

Continua em franca actividade de trabalho a construcção das estradas que se dirigem ás fronteiras do Estado do Rio de Janeiro, Geraes, Matto Grosso e Paraná.

CARTA GERAL DO ESTADO

Continuou-se a triangulação para o oeste da rede entre Campo Alegre-Itirapina e de Barretos, tendo sido reconstruídos de Morro Alto, Tayuva, Areias, Botafogo, Granada e Marcon. Em parte, haviam desaparecido, e ligados á zona já triangulada, os pontos approximados do meridiano 6.º: o Pirangy e o Irupi, no espigão das aguas dos ribeirões Onça e do Turvo, e um em "Luiz Barreto". E. F. S. Paulo-Goyaz.

Continuou-se o levantamento da folha topographica de Ribeirão que ficou quasi terminada, exceptuada uma pequena parte na margem direita do Rio Pardo e correspondente ao canto NE da mesma, bem como de outros pontos do Estado.

Rio)

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

MUNDO DA LUA, de Monteiro Lobato	4\$000
NEGRINHA, de Monteiro Lobato	4\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	4\$000
BABEL, estudos de Mario Rodrigues	3\$500
A FELONIA DE VERSALHES, de Mario Pinto Serva	3\$500
14 MEZES NA PASTA DA MARINHA, de Veiga Miranda	10\$000
O ARARA, de Caliban	3\$500
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes.	3\$000
TROVAS DE HESPANHA, de Affonso Celso	4\$000
SONETAÇOS, de Antonio Lavrador	3\$000
MASCARAS, poema de Menotti Del Picchia	3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates	4\$000
NOITES DE PLANTÃO, de Amando Caiuby	4\$000
CORAÇÃO ENCANTADO, de Cleómenes Campos	3\$500
MORENINHAS, de Cesidio Ambrogi	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, de Oliveira Vianna	12\$000
OS SERÕES DE DONA BRANCA, contos de Paulo de Freitas	4\$000
PEDRA D'ARMAS, contos de Pedro Calmon.	3\$500
TARANTULA, contos de Carlos Rubens.	3\$000
DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite.	4\$000

Rua Victoria N.o 47

CAIXA 2-B - S. PAULO

Ritinha -- é o segundo dos livros de Léo Vaz. Não é romance como **O professor Jeremias**. São contos e novellas, em que, com aquelle mesmo humour que o consagrou na grey dos humoristas universaes, dá-nos capitulos de adoravel philosophia. Lê-lo é aprender a sorrir.

Preço: 4\$000

■ ■ ■ ■

Amando Caiuby, cuja obra -- **Sapezaes e Tigueras** -- foi a revelação de um contista, acaba de publicar as esperadas **Noites de Plantão**, em que reaffirma as suas qualidades. Delegado de policia em S. Paulo, soube aproveitar os casos que lhe foram affectos, fazendo de cada um, um conto em que não se sabe que mais admirar: se o inacreditavel do facto, se a maneira original por que o põe em letras de fôrma.

Preço: 4\$000

■ ■ ■ ■

Editores: **Monteiro Lobato & Cia.**

Rua Victoria, 47

A POESIA HUMORISTICA

conta com mais dois novos cultores -- Octacilio Gomes e Cesidio Ambrogi, cujas obras acabam de sahir do prelo: -- **Os filhos da Candinha** e **As moreninhas**. Ambos estão á venda, ao preço de 3\$000, que bem valem as gargalhadas que proporcionam.

Ha que juntar tambem o nome de Antonio Lavrador, cujas satyras -- **Sonetaços** -- têm ardido como pimenta em nosso mundo politico e social. (Preço : 3\$000).



Para rir, não ha, porém, como **O arara** de CALIBAN, pseudonymo que mal encobre o nome de um dos nossos maiores romancistas, de ha muito conhecido no Brasil e em Portugal. A segunda edição já está á venda, em bello volume, ao preço de 4\$000.



Façam seus pedidos a

Monteiro Lobato & Cia.

Rua Victoria, 47

S. PAULO

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

**São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :**

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

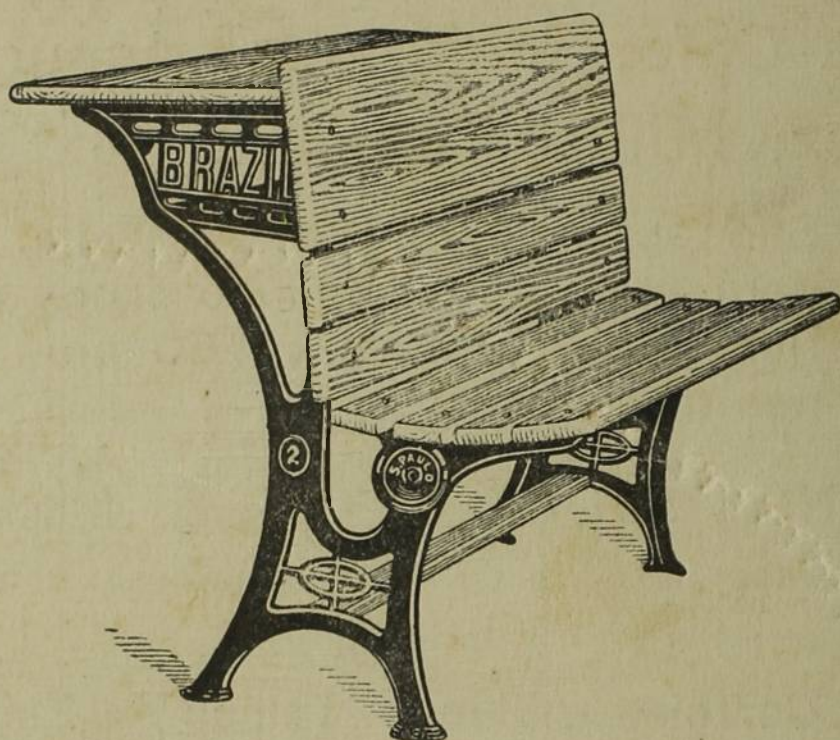
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua Florencio de Abreu, 112 - S. Paulo

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216
SÃO PAULO